Diário de Lisboa

Janeiro
Sábado
3

ANO 60.°
N.° 20 442
15$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Com Mário Soares e sem resolver a crise

Comissão Nacional do PS elege Secretariado

Mário Soares, António Arnaut e Abílio Curto

Mário Soares, a não ser que se verifiquem surpresas de última hora, remeterá para a Comissão Nacional, que hoje está reunida no Rato, a eleição do novo Secretariado, que ficaria constituído por os seus actuais elementos mais dois: Almeida Santos, dado como certo, e Eduardo Pereira ou Maldonado Gonelha. No próximo dia 24 haverá uma nova Comissão Nacional para debater o documento de estratégia política do PS até ao próximo Congresso de Maio, elaborado por Almeida Santos, Jorge Sampaio, Jaime Gama e Vítor Constâncio. Até lá prosseguem os contactos. Soares movimenta-se, nas bases e em reuniões, em separado, com dirigentes do seu partido.

Pág. 20

António Capucho (PSD) ao "DL":

Próximo Executivo está longe de se situar à direita

António Capucho, secretário-geral e membro da Comissão Política do PSD, manifesta, em entrevista ao «DL», a convicção de que o próximo Executivo, dirigido por Pinto Balsemão «está longe de ser um Governo à direita do anterior» e que terá «um estilo próprio», embora desconheça, de momento, se conterá inovações programáticas de fundo. Ainda relativamente pouco conhecido da opinião pública, António Capucho, que hoje mesmo perfaz 36 anos, foi chamado a lugares de responsabilidade no PSD em 1975 por iniciativa de Sá Carneiro. Foi o principal responsável da máquina eleitoral da AD nas eleições legislativas, e a sua presença como secretário de Estado Adjunto do Primeiro-Ministro no próximo Governo é entendida, por círculos do PSD, como de grande relevância. Entre outras significativas afirmações, António Capucho diz ao «DL» que são necessárias «medidas positivas que salvaguardem a independência da Informação».

Pág. 7

ANTRAL e Secretaria de Estado dos Transportes semeiam a confusão

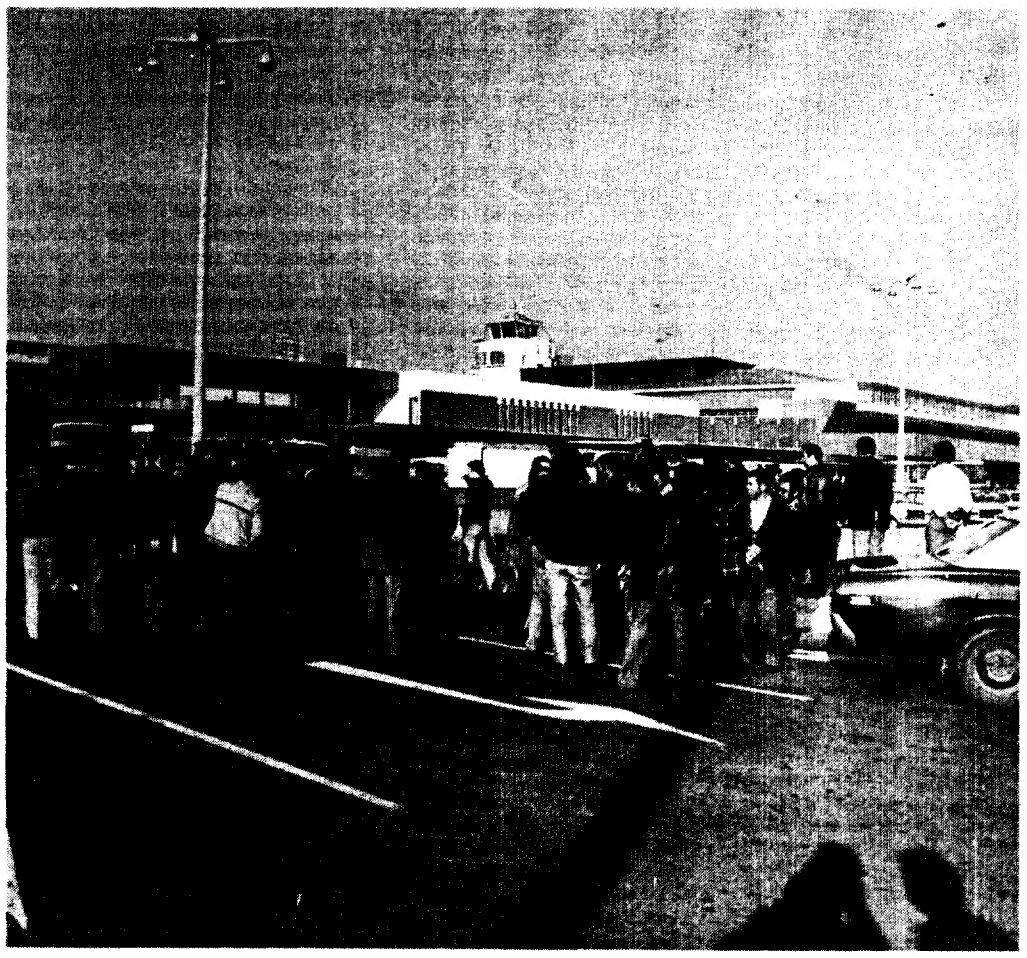
Táxis circulam a "meio gás"

●Polícia fere motorista durante concentração

Um motorista de táxi, de nome José Manuel Leal, residente no Forte da Casa, foi esta manhã ligeiramente ferido com um tiro disparado por um agente da PSP, na sequência de um ligeiro incidente no parque do Aeroporto da Portela, tendo sido internado no Hospital de S. José. Este foi o caso mais grave de quantos ocorreram entre terça-feira e hoje devido ao aumento indevido de 26 por cento no preço das tarifas de táxis, uma iniciativa que a ANTRAL tomou na esteira da ilegalidade que desde 1 vem sendo praticada pelas empresas de transportes públicos.

Os transportes, com efeito, segundo indicações e fontes do Governo, foram agravados em 26 por cento nos seus custos, encontrando-se a respectiva portaria para publicação em suplemento ao «Diário da República» com data de 31 de Dezembro. Em princípio, deverá ser dada à luz segunda-feira, dia em que os novos preços, incluindo os dos táxis (em que sobe a bandeirada e encurta a distância da fracção), poderão começar a ser praticados.

Pág. 20



Polícias e taxistas discutem posições: imagem que amanhã se não deverá repetir

Palas para os guarda-lamas

São obrigatórias mas não há no mercado

Apesar de não existirem no mercado os tipos de palas necessárias para equiparem, se não na totalidade, pelo menos uma parte significativa do parque automóvel, o uso deste equipamento tornou-se obrigatório a partir do princípio deste ano.

Ao contrário do que alguns automobilistas chegaram a pensar, não existe qualquer determinação superior no sentido de que as autoridades actuem com uma certa tolerância durante algum tempo, até que o problema possa ser resolvido, isto é, o mercado seja abastecido.

Isto mesmo nos confirmou esta manhã um oficial de serviço da Brigada de Trânsito, que sem exprimir a existência de qualquer incidência especial de atenção sobre o uso das palas dos guarda-lamas sublinhou que aquela corporação actua com idêntico empenhamento na fiscalização do cumprimento das leis pelas quais tem obrigação de velar.

Entretanto numerosos automobilistas protestam, não contra a medida governamental, cuja utilidade como factor de segurança todos reconhecem, mas pelo facto de o Governo e os seus departamentos especializados terem imposto o cumprimento de uma medida cuja exequibilidade está de momento fora do alcance dos cidadãos.

Para além da necessidade, em casos desta natureza, de uma ampla divulgação junto dos automobilistas no sentido de os sensibilizar quanto à utilidade deste ou daquele equipamento de segurança, há que ter em conta que o mercado de acessórios e equipamentos depende da iniciativa privada e do interesse que os comerciantes e industriais do ramo manifes-

Continua na pág. 20

Chianca de Garcia escreve

Novas Cartas do Brasil

Pág. 3

Tribuna livre

Empresas públicas

Carlos Amado Reis

Há poucos anos foi considerada a hipótese de construção em Portugal de uma fábrica de tractores; mas, tanto quanto sei, o projecto ficou parado. Era esse um projecto que o Estado português poderia realizar, dimensionando-o não só para produzir para o mercado interno mas também para exportação em larga escala, e não só para países europeus mas também, e até principalmente, para países mais distantes. Porque não basta que o Estado nacionalize o que já existia: é necessário que crie. Principalmente num país como Portugal, em que a esmagadora maioria dos detentores do capital financeiro não tem um mínimo de capacidade empresarial, é o Estado que tem de ser o motor principal do desenvolvimento económico, criando ele próprio novas empresas – destinadas quer a satisfazer necessidades internas quer necessidades de outros países, com destaque para os países que necessitam de equipamentos para sair do atraso em que vegetam. E quem diz tractores poderia dizer outros equipamentos para a agricultura, ou camiões, e muitas outras coisas. As possibilidades só são escassas, para não dizer nulas, se teimarmos em orientar as exportações muito predominantemente no sentido dos países da CEE.

Mas em vez da criação de empresas públicas industriais, desenha-se, no âmbito da projectada participação de Portugal na CEE, o desmantelamento do que se considera serem monopólios estatais da importação de certos produtos alimentares – como o trigo e outros. A CAP parece convencida de que passaria a ser ela, ou outra organização de agricultores, quem controlaria essas importações; mas na realidade o que aconteceria seria o controlo das importações agrícolas essenciais por alguns grandes importadores – que até poderiam ser grandes comerciantes estrangeiros.

Daqui a algum tempo estará construído junto à embocadura do Tejo um novo terminal cerealífero. Mas quem virá a servir-se dele? Quem controlará a importação de cereais?

Conviria muito que o Estado se tornasse o criador de novas empresas. Seria fundamental para o desenvolvimento deste país. Mas se se concretizar o ingresso na CEE, não só isso não acontecerá mas o Estado perderá, em benefício de grandes comerciantes, o controlo das importações dos produtos alimentares que mais importamos.

O livro «Portugal e o Mercado Comum», de Pedro Alvares e Carlos Roma Fernandes, diz nas páginas 147 e 148 do 2.º volume o seguinte: – «Monopólio e comércio de Estado. – Neste caso, a importação é efectuada unicamente por certos órgãos no sector público. Este regime aplica-se aos produtos agrícolas destinados ao abastecimento do país. São os seguintes os órgãos acima referidos: Administração Geral do Açucar e do Alcool, EPAC, Instituto do Azeite e Produtos Oleaginosos, Junta Nacional dos Produtos Pecuários. Este tipo de monopólio é proibido pelo artigo 37.º do Tratado de Roma».

Que os agricultores não se iludam: o controlo das importações de trigo, de milho, de carnes, etc., não passaria para organizações de agricultores, mas para grandes comerciantes que actuariam como achassem mais lucrativo – em prejuízo simultaneamente dos agricultores e dos consumidores.

O desmantelamento da EPAC, por exemplo, seria apenas um aspecto secundário do descalabro total a que o ingresso na CEE nos sujeitaria; mas é preciso prestarmos atenção também a aspectos secundários (em si próprios muito importantes). Diz-se que às vezes as árvores encobrem a floresta; mas também ninguém pode saber verdadeiramente o que é uma floresta enquanto não souber o que é uma árvore. No caso de adesão à CEE, uma árvore para queimar. Uma floresta para queimar. Uma florestação a não ser feita.

Causa espanto que a «necessidade» e a «urgência» de adesão à CEE sejam defendidas por um partido que se chama Socialista; mas essa atitude está ligada ao facto de o Partido Socialista se encontrar, como disse Manuel Alegre na «Acção Socialista», sem doutrina, sem programa e sem estratégia.

"Robots" industriais para as fábricas do futuro

Claude Gelé
"Le Monde"

Com um certo ar de ficção científica, maravilhoso e inquietante, ao mesmo tempo, os **robots,** na sua versão industrial, entram nas fábricas para se encarregarem de certas operações de produção. Começaram já a libertar o ser humano de tarefas penosas ou repetitivas, de tal modo que há já mais se uma década calculadoras e computadores vieram simplificar as fastidiosas tarefas administrativas e contabilísticas. Esses **robots** de que se fala há vários anos no Japão e nos EUA, sem que se vejam muitos a funcionar, estão já operacionais em França. Uma das suas aplicações está em serviço em Flins, onde as operações de acabamento da carroçaria do Renault 18 são em parte realizadas por vinte e um robots directamente implantados na cadeia de montagem. Pilotados por minicomputadores, efectuam automaticamente operações de soldadura e de pintura sob a vigilância de operadores que antigamente se encarregavam eles próprios da execução desses trabalhos.

A divisão dos automatismos da RNUR em menos de quatro anos conseguiu um avanço significativo neste domínio, criando uma gama de **robots** – manipuladores industriais que já passaram da fase de protótipos de laboratório. Estão a ser construídos em «série» ao ritmo de cinquenta por ano na fábrica Acma, filial do grupo, instalada em Beauchamp (Val-d'Oise). Em 1981 uns 80 **robots** entrarão em serviço nas fábricas da Renault, que, ao mesmo tempo, encetou a comercialização desses materiais para outras indústrias.

Mas donde vêm os **robots?** Talvez do sonho mais antigo do homem: construir uma máquina à sua imagem, capaz de obedecer às suas vontades. Desde a Antiguidade que surgem aquilo a que podemos chamar de autómatos. Contudo, na sociedade antiga, assente na escravatura, essas invenções dos «Mecânicos de Alexandria» servem mais para a observação científica que para a transformação do trabalho humana.

Temos que aguardar o espírito prático do século XVIII para vermos a melhoria das condições de vida e de trabalho. Franklin inventa numerosos mecanismos para facilitar a sua vida quotidiana (por exemplo: um braço mecânico que chega a todas as prateleiras das estantes e tira os livros da biblioteca). Vaucanson, conquistado pelas ideias biomecânicas, arruina-se nas tentativas de construir um «ser artificial»: este falhanço leva-o a fabricar célebres brinquedos-autómatos.

Em 1948 entra em cena a teoria cibernética de Norman Wiener, teoria essa nascida das pesquisas sobre o comportamento dos sistemas biológicos e o funcionamento dos processos mentais. Vários **robots** electrónicos são imaginados de acordo com essas novas noções de inteligência artificial: em 1950, a «tartaruga» de Gray Walter é atraída pelas fontes de luz; e o «monstro» construído daí a dez anos na universidade Hofkins detecta as tomadas de corrente para se ir ligar a elas, a fim de se recarregar.

A partir de 1960, o desenvolvimento dos computadores é uma etapa capital para as realizações com fins industriais, como o braço articulado do MIT, estudado para manipular produtos radioactivos. É dotado de antenas, que comunicam informações tácteis ao calculador de comando. E nesse princípio que assenta o trabalho levado a cabo, a partir de 1965, por vários laboratórios de investigação, que constroem **robots** em geral concebidos em torno de um calculador numérico, ligado a equipamentos sensoriais: câmara de televisão, células fotosensíveis, tacteadores... e dotados de accionadores, braços ou rodas, para permitir que o **robot** se desloque e actue sobre o mundo exterior.

Lembremos, finalmente que a palavra «robot», do eslavo **roboka** (trabalho) serve de título a uma peça criada em 1922 pelo escritor checo Karel Capek. No meio industrial, e, tendo em conta as funções limitadas que actualmente os **robots** desempenham, prefere-se o uso do termo mais modesto e preciso de «manipulador automático programável».

Preencher três funções

Um **robot** deve sempre preencher três funções: descobrir o seu meio-ambiente, decidir, manipular. Por isso existem três tipos de máquinas, mais ou menos elaboradas:

– As mais simples, frequentemente braços clássicos de preensão e posicionamento, são as mais espalhadas. Executam operações elementares a partir de dois ou três eixos de rotação ou deslocação, chamados graus de liberdade, e os seus movimentos são controlados por contactos eléctricos ou memórias cuja programação é difícil de modificar. Estes manipuladores não constituem verdadeiros **robots.**

– Os manipuladores automáticos programáveis, como os da Renault, constituem actualmente a maioria dos autómatos industriais. Movem-se dentro de 5 a 8 graus de liberdade, pilotados por um sistema lógico programável, sequenciador ou calculador seguindo as instruções de um programa gravado na memória. Esta gravação é realizada, quer por um quadro com botões graças aos quais se «mostra» ao **robot** a marcha a seguir ao **ralenti,** eixo por eixo, quer utilizando um sintaxor, espécie de cabo de vassoura com seis graus de liberdade, que permite uma pilotagem intuitiva.

Com um ou outro sistema faz-se com que o braço siga a trajectória desejada. Os pontos críticos dessa trajectória nos quais é necessário efectuar uma operação de preensão, apoio, soldadura são registados pelo calculador, que determina automaticamente os pontos intermédios para que o **robot** se desloque de modo contínuo na altura da execução real do movimento. Este método de «aprendizagem» é utilizado na Renault de modo mais ou menos preciso para os **robots** de pintura (cuja cabeça é equipada com uma pistola de pintura) reproduzem os movimentos do pintor humano.

Não é possível dar no espaço uma descrição numérica desses movimentos complexos: utiliza-se então um «boneco», dispositivo inerte da mesma geometria que o **robot,** o qual, manobrado pelo pintor humano, permite memorizar directamente as trajectórias no calculador. Aqui é a máquina que é assistida pelo homem e que aproveita da sua experiência... Na sua grande maioria estes **robots** programáveis, privados de capacidades sensoriais, são indiferentes às reacções do meio exterior ao qual não estão ligados. Diz-se então que trabalham em circuito aberto.

– Os robots «inteligentes» formam uma terceira classe. Funcionam em circuito fechado com antenas que informam o órgão de comando de todas as posições alcançadas, à medida que se vão executando os movimentos. Estes **robots** avançados escalonam-se por quatro gerações: depois do comando sensorial e táctil com o auxílio de «mãos» aperfeiçoadas e de «pele» eléctrica sensível ao tacto, vem a coordenação entre a visão e o braço para permitir a manipulação, o reconhecimento e a selecção dos objectos. A terceira geração dos **robots** percepto-motores dispõe da coordenação olho-braço acoplada ao comando sensorial enquanto a quarta fará entrar em acção a inteligência artificial para interpretar vocalmente as ordens do operador e resolver os problemas de reconhecimento dos objectos a tratar.

Seleccionar peças mecânicas

Além dos **robots** de soldadura e pintura, a Renault instalou ainda um outro que é uma «estreia mundial»; pois se encarrega do conjunto das operações de pintura de uma carroçaria. Posteriormente, entrou também em serviço na Renault um grupo de **robots** munidos de câmaras para o reconhecimento e selecção de peças mecânicas.

A sociedade Hitachi do Japão apresentou já um **robot** munido de dois braços coordenados com duas calculadoras e oito câmaras de televisão; o qual consegue montar sozinho todas as peças de um aspirador. A Olivetti utiliza o seu robot Sigma na mon-

ALGUMAS DIFICULDADES NO CAMINHO DE BALSEMÃO

No Conselho Nacional do PSD, as votações que elevaram Francisco Pinto Balsemão à presidência do partido e à sucessão de Sá Carneiro como Primeiro-Ministro indicavam uma altíssima margem de consenso e anunciavam um forte apoio. Não participou o CDS do entusiasmo da escolha, nem no seu apoio ao Primeiro-Ministro designado pelo parceiro na «aliança», foi o CDS além das declarações formais. Não derivam só, porém, das reservas do CDS, e do despeito do professor Freitas do Amaral as dificuldades que se têm deparado à execução da tarefa de que Francisco Pinto Balsemão foi incumbido, sendo, neste momento, já claro que a confiança do directório do PSD não foi suficiente para lhe assegurar as colaborações que pretendia.

Parece serem de quatro níveis as dificuldades encontradas e nem sempre explicitadas com clareza e lealdade. Em primeiro lugar, entre PSD e CDS à mesa das conversações e nos bastidores, trava-se uma luta pela hegemonia do poder; em segundo lugar, paira sobre as conversações uma «certa imagem» de Pinto Balsemão, ora se insiste no desportivo **play-boy,** ora se foca o liberal grã-fino, mas sempre diminuindo a credibilidade política do «sucessor»; em terceirc lugar, insinua-se que este Governo será para durar pouco, um Governo para seis meses; em quarto lugar, que os representantes dos «interesses» reforçaram, ou irão ver reforçada, a sua presença na «área-do-poder».

Homens que se dispunham **a servir** a continuidade do Governo AD, arrependeram-se de tal disponibilidade como membros do Governo Pinto Balsemão. E destes – ao que consta – dois teriam admitido, ou consentido que outros admitissem, que não desdenhariam a sucessão directa de Sá Carneiro no lugar de Primeiro-Ministro. Consta ser esse o caso de um Eurico de Melo, ser esse o caso de um Cavaco e Silva.

A réplica de Francisco Pinto Balsemão à estranha entrevista, ao semanário «Tempo», do ministro Cavaco e Silva, não deixa lugar a quaisquer dúvidas quanto à situação difícil que se vai criando: «O prof. Cavaco e Silva foi uma das primeiras pessoas que convidei para permanecer no Executivo a que presidirei. Tivemos longas horas de conversa e a sua negativa foi sempre permanente, alegando motivos pessoais, o desgaste provocado pelo lugar que vinha a ocupar e outras razões do mesmo tipo. Na última reunião que tive com ele, antes do Natal, na qual também participaram o professor Freitas do Amaral e o dr. Morais Leitão, foi perguntado claramente ao prof. Cavaco e Silva em que condições aceitaria integrar o próximo Governo. A resposta foi, de novo, a de que não podia pôr condições porque os seus motivos de fundo eram exclusivamente de natureza pessoal e já haviam sido expostos».

E embora Pinto Balsemão tenha dito estar convencido, pelo conhecimento que tem de Cavaco e Silva, que não se trata de uma «jogada política», o que é claro, para os leitores da entrevista publicada no semanário, é que para a decisão do ministro das Finanças pesaram motivações políticas. O ministro Cavaco e Silva, já durante a chefia do Governo por Sá Carneiro, reconhecia a dificuldade de manter o «estilo» que considerava correcto e o «rigor» que considerava indispensável.

A entrevista concedida por Cavaco e Silva ao «Tempo», é um importante documento político. Francisco Pinto Balsemão procurou atenuar-lhe o impacte e deslocar, no tempo político, a incidência crítica. Comentando-a, afirmou: «Boa parte do depoimento do ministro das Finanças reporta-se à actuação do actual Governo, nomeadamente a partir de Setembro. Competirá, por isso, ao actual Governo tomar a atitude que entenda. Por mim, apenas adianto que o dr. Sá Carneiro era sempre o primeiro a insistir no facto de não haver uma política financeira e económica do ministro das Finanças, mas sim uma política financeira-económica de todo o Governo. Os erros ou desvios que, eventualmente, tenham existido – e que, em minha opinião, caso se tenham verificado, não se revestiram de grande importância – foram, portanto, cometidos por todo o Governo, incluindo, obviamente, o ministro das Finanças».

A esquiva é hábil. Mas a questão de fundo permanece. O ministro das Finanças Cavaco e Silva terá compreendido, desde Setembro, que pressões sobre o Governo ou no seio do Governo tendiam a fazer desviar, num sentido que lhe parecia prejudicial, a linha de orientação da política financeira que era **a sua.** Francisco Sá Carneiro, a acreditarmos na versão Pinto Balsemão, terá defendido a ideia de que havia a política financeira e económica do Governo, no seu conjunto, e não a política financeira e económica de um ministro das Finanças, mas Cavaco Silva não se demitiu. Agora, sim, afasta-se. Agora, sim, recusa-se a permanecer no Poder.

Deste afastamento, desta recusa, não haverá que concluir que as condições negativas que na opinião de Cavaco e Silva se manifestavam no Governo Sá Carneiro virão a ser reforçadas no Governo Pinto Balsemão.

Mas é evidente que a decisão de Cavaco e Silva terá sido influenciada pela circunstância de: «Alguns começaram a pensar que talvez não fosse necessário prosseguir com o rigor e a exigência que eu defendia, talvez não fossem necessárias certas medidas...que talvez se pudesse dispensar a coordenação que eu exigia.» («Tempo», 31/12/1980).

E para Cavaco e Silva a falta de Sá Carneiro conta ou dito pelas suas palavras: «Pode dizer-se que o dr. Sá Carneiro me apoiou, em matéria de política económica, sempre quase a cem por cento. E, sem ele ao meu lado, teria sido muito difícil suportar a luta e o desgaste de energias que suportei na segunda parte do ano» («Tempo», 31/12/1980).

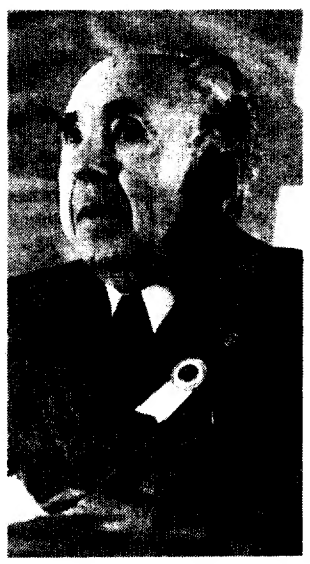
Segundo Cavaco e Silva as dúvidas que se instalaram nalguns «departamentos governamentais», quanto à necessidade do «rigor» da sua política, assaltaram igualmente «certas hierarquias partidárias.» Ao «rigor» sucedeu a facilitação, a demagogia eleitoralista. Cedeu-se e concedeu-se. As pressões multiplicaram-se. E – será esse o sentimento de Cavaco e Silva – no Executivo em formação outros «interesses» mais, ou a título substitutivo, terão voz no Conselho de Ministros.

Quer no caso Cavaco e Silva, quer no caso Sá Machado, as situações criadas pelas diligências para a constituição do Governo terão desencadeado dificuldades absolutas. Sá Machado encontrou o **seu lugar** ocupado; Cavaco e Silva não viu garantida **a sua política.**

ponto a ponto

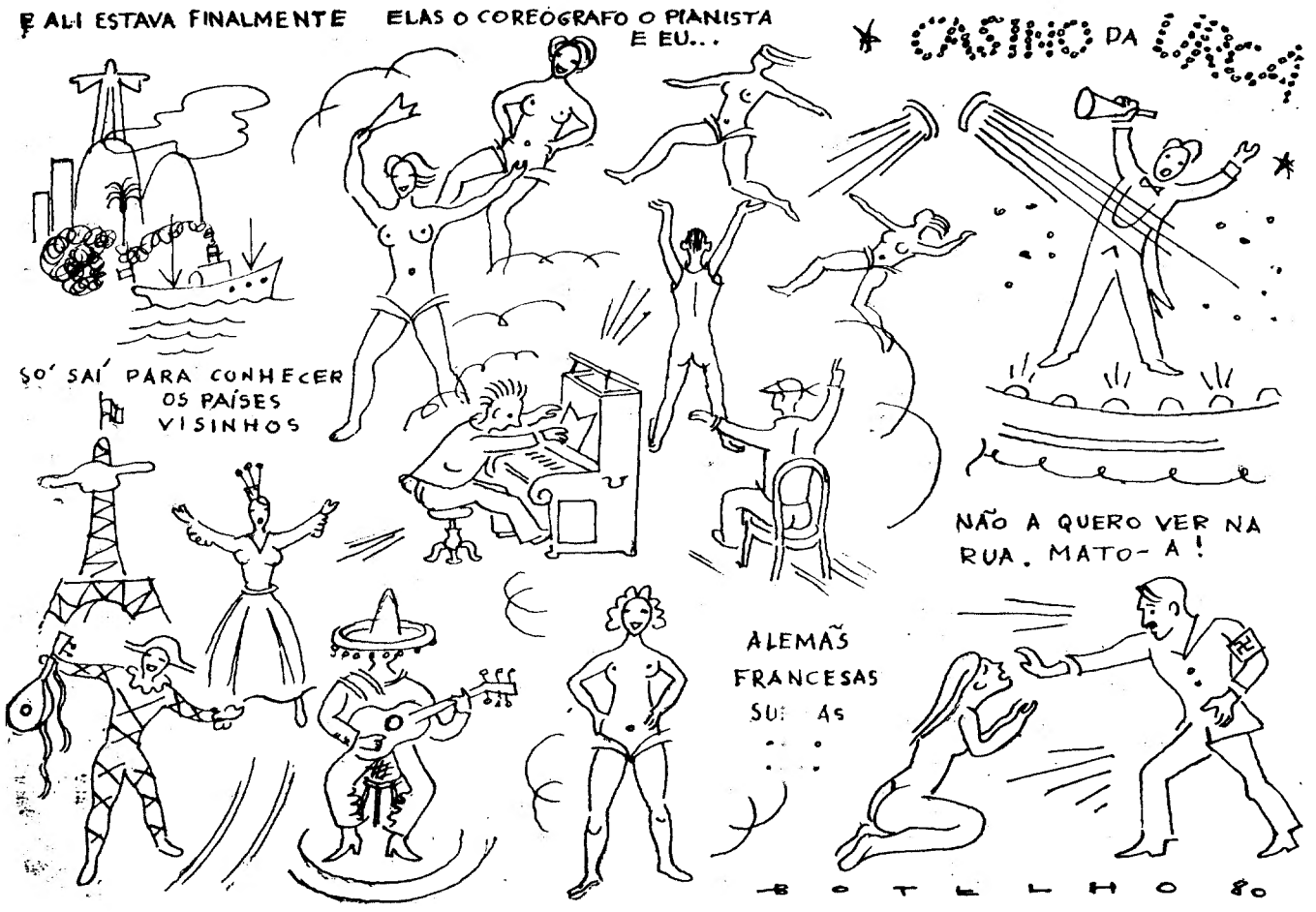
● O presidente do Partido Socialista, **António Macedo**, teve ontem alta do Hospital Particular de Lisboa, onde se encontrava internado desde 16 de Dezembro depois de um acidente de viação, regressando imediatamente ao Porto. Já nesta cidade, António Macedo, disse que «estava comovido pelas provas de amizade e carinho que recebeu de Ramalho Eanes, Mário Soares e membros do Governo». Em declarações à ANOP à sua chegada de Lisboa, António Macedo, que viajou de ambulância, afirmou que o Presidente da República o havia visitado cinco vezes, uma das quais na noite de Natal, acompanhado da mulher e dos filhos. «O velho amigo e leal camarada Mário Soares também esteve sempre ao meu lado, não me deixando um instante só» – declarou.

● Uma comissão constituída pelos presidentes das Câmaras Municipais de Matosinhos, Caminha, Guarda, Soure, Monforte e Lagos avista-se hoje, na sede do PS, no Largo do Rato, com o secretário-geral **Mário Soares**, para lhe dirigir um convite formal para estar presente num almoço, durante o qual será homenageado. Este almoço, no qual participarão os presidentes das câmaras socialistas (cerca de 60), ocorrerá amanhã, pelas 13 horas, em Algés. Na ocasião em que o convite for formalizado, um porta-voz da comissão organizadora exporá as razões desta homenagem.



● O Governo Regional da Madeira analisou a situação económica e financeira local. O Executivo, reunido sob a presidência de **Alberto João Jardim**, fez a análise em função da evolução verificada nos quatro anos anteriores, tendo sido acertados aspectos que se prendem com a elaboração do Orçamento e do Plano. Dada a especificidade dos assuntos, o Governo Regional decidiu criar um gabinete para a instalação da zona franca, cuja formação será oportunamente divulgada. Uma vez na posse dos estudos e da decisão sobre a criação da «zona franca», entrar-se-á na fase executiva, logo após a posse do novo Governo da República.

● O antigo Primeiro-Ministro português **Nobre da Costa** continua em «regime de descanso absoluto» numa clínica do arquipélago de Las Palmas, onde fazia férias. Acometido de um ataque de cardiopatia esquémica aguda (angina de peito) na noite de quinta-feira, Nobre da Costa viria a dar entrada na clínica «Virgen de Los Vulcanes», ilha de Recife de Lanzarot, sendo favorável a sua evolução – informa um boletim médico. O estado geral do chefe do Terceiro Governo Constitucional é considerado pelos médicos espanhóis como «aceitável e devidamente controlado, procurando-se evitar outras complicações». Nobre da Costa está sob «regime de descanso absoluto, em cama, e com vigilância estrita». A mulher do antigo Primeiro-Ministro encontra-se na sua companhia desde o momento do internamento, não sendo previsível que seja necessário transferi-lo para outro centro médico.



NOVAS CARTAS DO BRASIL

POR FIM, O RIO DE JANEIRO

Chianca de Garcia

Eali estava, finalmente, o **Siqueira Campos**, atracando no cais do porto, ao romper de certa madrugada do fim de Junho de 1943. Agora eu sabia que ia descer no outro lado do Atlântico. Desde o alvorecer meus olhos insistiam em fixar, no alto do Corcovado, o Cristo de braços abertos, mesmo quando núvens ágeis, como cortinas de teatro, ora o cobriam, ora o desvendavam. Pouca gente lá em baixo na hora matinal. A bordo vivia-se a confusa agitação de quem chega de longe. Montes de coisas, malas, caixas, mantas, sacos coloridos. Os passageiros despediam-se entre si. Apertos de mão. A mim, alguns desejavam felicidades.

A escada de bordo já pousara no chão brasileiro. Os primeiros viajantes desembarcavam. Alguém, lá de baixo, gritava o meu nome. Quem? Fui então descendo, degrau a degrau, convicto de mim mesmo. Não, porém, naquele esquecido jeito de quem julga ter metido uma lança em Africa. Não. Apenas disposto a ser mais um português no Brasil. Por sorte, esperava-me, entre sorrisos, o abraço amigo da actriz Maria Sampaio, há muito brilhando nos palcos brasileiros. Pouco depois, conduzido por ela, estava na Rádio Mayrinck Veiga, onde a minha presença foi anunciada aos ouvintes cariocas...

Hoje, velhos tempos! – estou há mais de quarenta anos no Brasil. Daqui, e por várias vezes, só saí para conhecer os países vizinhos. Em especial, a Argentina. A cidade de Buenos Aires ainda vivia, então, sob forte influência mental de Paris. O seu teatro lírico, o Colón, tinha fama. Nas ruas, um ambiente cosmopolita. Nos teatros, elencos com os maiores artistas europeus, representavam textos de Bernard Shaw, de Ibsen, e do sempre estimado Goldoni. Isto, sem esquecer, pela voz do sangue, o importante teatro espanhol, presente o ano inteiro, nos palcos. Nem sequer faltando as alegres zarzuelas. Em inúmeros estúdios, obras de arte. E nas livrarias, vendiam-se as primeiras obras de Jorge Luís Borges. Por duas vezes tive convite para ficar. Não aceitei. Também, por essa altura recebi uma proposta do Chile que consegui adiar para um indefinido mais tarde. Do México, enviaram-me um contrato a que só faltava eu assinar-lo. Guardo-o até hoje. Mas confesso, tudo se justificava apenas pelo prestígio do Casino da Urca, onde trabalhei por vários anos...

MAS, perguntará o leitor, porque tanta fidelidade ao Brasil? Mas não era ao Brasil como todo, não! E que andei sempre dominado pelo calor e pela magia carioca. E quando, mais tarde, aceitei ir para a Bahia, por quase dois anos, com a missão de dirigir as comemorações do 4.º centenário da cidade do Salvador, eu o tive o presentimento que, naquelas ladeiras e ruas estreitas, encontraria o mesmo anseio perturbador do Rio de Janeiro dos anos 40. Eu sabia: – as duas cidades tinham o mesmo tempo de séculos e de história.

Felizmente, o Rio estava ainda muito longe de ser esta cidade de torres protuberantes que se ergue hoje por todo o lado. O que se chamava então de **arranha-céus** não passava de meia dúzia de edifícios, dos quais, o mais alto, eu admirara, ainda a bordo, a poucos metros do cais do porto, como se fosse um desejo de americanisação, ou, sei lá, talvez de civilização.

Fora disso, no entanto, a cidade preocupava-se, acima de tudo, em furar túneis e erguer viadutos que mais e mais a aproximassem de praias ainda pouco conhecidas, como as de Copacabana, Ipanema, Leblon, São Conrado, e, por fim, a da barra da Tijuca, que se mantivera, durante séculos, como veraz evocação milenar de uma paisagem bíblica. Mas, então, eu já vivia a minha própria vida, entre cenários, luzes, cores, mulheres, sóis, estrelas visões, enfim todo o fogo de artifício do universo das artes cénicas...

Na verdade eu nem podia acreditar que fosse verdade. Nas longas horas de trabalho, naquele palco, tecnicamente certo, do Casino da Urca, eu vivia rodeado por nada menos que cinco dúzias de mulheres, entre os 20 e os 25 anos, e anunciadas, talvez, enganadoramente, como as mais lindas do mundo. Alemãs, francesas, suecas, polonesas, italianas, russas, e por aí além...

ORA todas elas no quotidiano dos ensaios usavam, apenas como roupas, aquele pouco que não lhes impedia a necessária agilidade. E, durante longas horas ali ficávamos nós: – elas, o coreógrafo, o pianista, e eu.

O quê? Estou adivinhando o sorriso fino do leitor. Mas, acredite, não era nenhuma sorte grande, não. E que eu fora chamado como se fosse a derradeira esperança na Urca. Antes de mim por ali tinham passado inúmeros candidatos ao cargo. Nesse tempo, no Rio, ainda havia escasso profissionalismo. Fossem lá pôr um carioca, daqueles que não resistiam a um rabo-de-saia (estávamos em 1942, notem) e vejam-no colocado entre a permanente agitação de sessenta mulheres que tinham sido, todas elas, prémios de beleza no mundo. Foi por isso que chegei a ser o 37.º candidato. Os outros, um a um, foram todos devorados por elas.

Mas algém tinha dito ao chefão do casino que eu era um lusitano de capacidade comprovada. Então ele quis ver, para crer, e disse-me:

Não esqueça, meu caro, que estas sessenta mulheres são a atracção máxima da Urca. No palco elas devem valer como ouro de lei. E nós temos de manter esse ouro na mais alta cotação do mercado, entende? Trate-as com diplomacia, mas tenha, ao mesmo tempo, a autoridade de um capitão-de-mato. Sabe como era?

– Sei. Mas eles só lidavam com escravos, nunca com mulheres bonitas. Brancas e louras.

Elas, na verdade, consideravam-se artistas. Personalidades, diziam. Dei-lhes razão. Senti que precisava descobrir qualquer coisa, mostrando em câmara-lenta, as curvas dos seus corpos. Então, no primeiro dia de trabalho, propuz umas coreografias que tinha visto, em Paris, nos anos 20, apresentadas pela então famosa Isadora Ducan. Minha ideia era criar, com sessenta mulheres, o que ela fazia sozinha. Cada uma delas era um caso diferente, tudo ao mesmo tempo, num longo painel de braços, pernas, seios, rostos. De alto a baixo do palco. Sessenta episódios, da serenidade ao êxtase. Que acabavam sugerindo a eternidade, a perenidade do amor. Levaram um mês para compreender. Por fim acharam maravilhoso. O público também.

POIS é. Aqueles anos da década de 40 ficaram sendo a melhor recordação do meu trabalho na Urca. 60 mulheres. A Rose, a Susy, a Ivone, a Lucy, a Annete, a Brigitte, a Mary, a Louise, a Inge, E, – principalmente, pelo seu fim desventurado, a inesquecível Bianca...

Bianca tinha aprendido a dançar nas ruas de Nápoles onde nascera. Chegara a São Paulo em 1917. Estava com oito anos de idade. O pai trabalhava em São Paulo nas docas de Santos. A mãe defendia-se como costureira. Matricularam-na numa escola primária. Uma colega levou-a, uma tarde, a um espectáculo de dança clássica. Endoideceu. E resolveu que queria ser bailarina. Coisa de que discordavam pai e mãe. Iniciou uma fase de brigas familiares. Acabou fugindo para o Rio de Janeiro. Para se matricular na escola de dança do Teatro **Municipal**, vendeu seus brincos de oiro que herdara da avó napolitana. E como era risonha, afável, e desembaraçada, sabia que não podia morrer de fome. Chegou a trabalhar como bailarina típica, num teatro de revista da praça Tiradentes. Os anos foram passando. Viveu vários amores. Entrou para a **Urca**, e para seu mal, veio a fatalidade. Descobrira um funcionário da legação germanica, por quem se apaixonou. Diziam-no nazista. Seu nome era Fritz Kuartz. Violento, ciumento, despótico, autoritário: –

Continua na pág. 4

Mais um jornalista detido

"L'Espresso" saiu mas com tiragem reduzida

Giampaolo Bultrino, jornalista do semanário italiano «L'Espresso» foi colocado à disposição da justiça, acusado de «falsas declarações» no caso da entrevista das «Brigadas Vermelhas». Bultrino, que foi ontem interrogado pela Polícia, fora o primeiro contacto do intermediário das «Brigadas Vermelhas», alertando imediatamente o seu camarada Mário Scialoja, jornalista responsável pelos problemas do terrorismo, o qual redigiu as perguntas a apresentar às «BV».

Scialoja fora preso, na última quinta-feira, conforme noticiámos, acusado de «cumplicidade e falso testemunho».

Entretanto, «L'Espresso» publica hoje a reportagem de Scialoja com o interrogatório do juiz Giovani D'Urso raptado em 12 de Dezembro pelas «BV» bem como a entrevista a um membro não identificado daquela organização.

A edição do semanário não tem a dimensão inicialmente projectada, já que foram retiradas as partes relativas aos nomes de funcionários, magistrados e oficiais da Polícia italiana adstritos aos serviços de segurança nas prisões especiais. Por outro lado, a primeira parte da tiragem original de cerca de quarente mil cópias foi destruída.

Na entrevista dada ao periódico, o desconhecido interlocutor, porta-voz das «Brigadas Vermelhas», afirmou que «a prisão è o instrumento fundamental da contra-revolução» e que «atacar os mais altos responsáveis do Ministério da Justiça que a administraram (a prisão) é atacar o coração do Estado».

Inquirido sobre os chamados «terroristas arrependidos», o entrevistado disse estar-se perante uma «personagem inexistente, criada pela contra guerrilha psicológica». «E preciso distinguir entre os poucos vermes que conseguiram viver como parasitas no movimento revolucionário e mais tarde entraram para a Polícia, e os companheiros que sob tortura revelaram a sua participação em acções de guerrilha», acrescentou.

Juiz D'Urso: «Optimo comportamento»

O jornalista do «L'Espresso» perguntou depois que pensava o elemento das «Brigadas» da afirmação de «muitos», desde Zaccagnini do Partido Socialista a Berlinguer do Partido Comunista, «que consideram as «Brigadas» uma organização da direita ou, pelo menos, com apoio de algum serviço secreto estrangeiro». «Esses importantes senhores não deviam fazer mais do que dizer exactamente do que se trata e demonstrar que não são apenas fruto da sua fantasia barata», disse o porta-voz das «Brigadas».

Falou noutro passo da necessidade de «um novo internacionalismo proletário, feito de solidariedade concreta e de ajuda militante».

Em resposta a uma pergunta sobre armas alegadamente provenientes da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), negou que as «Brigadas» mantenham contactos com «quadros de base do Partido Comunista» italiano e acrescentou que «nesta lista de contra-revolucionários os berlinguerianos estão completamente à vontade».

A parte final da entrevista prende-se com as perspectivas futuras do «Partido Armado».

«Não voltamos a pensar numa explosão insurrecional, acreditando, em vez disso, na possibilidade histórica de construir um sistema de poder proletário armado através de um processo de longa duração», disse o membro das «Brigadas».

Para este, «a acumulação da força proletária pela organização político-militar de duas entidades fundamentais – o Partido Comunista combantente e os órgãos revolucionários de massas, atravessará toda uma fase histórica».

«O pleno desenvolvimento da guerra revolucionária, disse ainda, destruirá o Estado burguês e constituirá a sociedade comunista», o que não é, para as «Brigadas», «apenas uma esperança, mas uma creteza que se alimenta das razões e das aspirações do proletariado».

Ainda segundo o porta-voz das «Brigadas», o juiz Giovani D'Urso «tem-se comportado optimamente» e «colaborado com a justiça proletária».

NOVAS CARTAS DO BRASIL

Continuação da pág. 3

você não vai sair mais de casa para ir trabalhar no **Municipal**, nem nessa espelunca do Casino da Urca. A sua vida sou eu. Eu só, e mais ninguém. Não a quero ver na rua. Mato-a!

Comecei a compreender que iamos perder Bianca. Ela deixara de ser a mesma em cena. Desatenta, desinteressada, alheia. Sim eu precisava tomar uma decisão. Um dia, isto foi nos começos de 1943, Bianca apareceu no meu escritório de cabeça perdida: « **Mamma mia!** Quer saber? Ou eu mato, ou vou ser morta, Diga, o senhor não pode fazer nada por mim? E como eu não lhe respondesse, saiu gritando: **Porcamisèria**

EU já estava com três anos de Rio de Janeiro. A vida, aqui era diferente. Mais agitada. Tinha de enfrentá-la com naturalidade. O navio em que viera já tinha sido, até torpedeado por um submarino de Hitler. A guerra europeia começara. Os republicanos na Espanha tinham perdido a guerra. E Portugal continuava a mandar soldados para Angola e Moçambique. Pelo menos, estava satisfeito por ter vindo embora. Foi quando alguém bateu na porta da minha sala: – Entre...

Reconheci-o logo. Estava ali, na minha frente, aquele homem que, a bordo do **Siqueira Campos**, eu nunca chegara a saber quem era, nem porque se fizera passar por padre...

– Sim, na verdade fui padre. Sou português. Nasci em Braga. Um padre nado e criado nas sacristias minhotas. Fechado na minha devoção a Deus e à Virgem Maria. Como padre, fui para França. Lá conheci outros sarcedotes: – eram os chamados **padres-operários**.

Ensinaram-me que o verdadeiro Cristo não é o da religião portuguesa, mas aquele que está na Bíblia, em São Lucas, onde este lembra as palavras do Senhor: – **Se alguém vier a mim e não aborrecer pai e mãe, então não é meu discípulo.** Lembra-se? Foi aí que os **padres-operários** foram expulsos da Igreja. E desde então passei a ser um anarquista. Estive na guerra de Espanha. fui preso pelos franquistas. Fugi para Portugal. Mas lá eu também era um padre maldito. Vim então para o Rio como clandestino...

– E agora, o que faz?

– Sabe, eu agora tenho dificuldade em adaptar-me a uma vida normal, devido por certo ao meu alto nível de inteligência... Eu, sou eu!

– E que quer você?

– Hoje sou um agente secreto de Hitler em serviço de espionagem no Brasil. Meu nome actual é Fritz Kuartz...

– E que quer de mim?

– Está adivinhando, não é? Vim aqui para avisá-lo de que a minha força é o meu poder. No bem e no mal. Não sou mais padre, nem anarquista, nem nazista. Sou um homem sem pátria, e sem nome verdadeiros. Mas disposto a lutar, a ferro e fogo, pela posse de uma mulher. Eu sou o macho de Bianca, entende?

Fim da 2.ª carta

A SEGUIR:

3.ª carta

UM OUTRO MUNDO NOVO PARA O AUTOR

Uma sociedade de jornalistas

"The Times" já tem comprador

Um novo grupo formado com a intenção de comprar «The Times», constituído nomeadamente por membros da Redacção do próprio jornal, anunciou o desejo de se constituir comprador do grande periódico britânico. Uma carta, nesse sentido, foi já enviada ao banco encarregado da venda da sociedade «Times Newspapers».

Numa declaração difundida em Londres, o grupo indica que o seu objectivo «é formar uma nova sociedade para comprar o título e publicar «The Times» – e, se possível, os seus três suplementos semanais».

Para além de outros nomes, o grupo compreende o chefe de Redacção do «The Times», William Raes-Mogg, o chefe de Redacção do «Thimes Business News», Hugh Stephenson, e o director do «The Times Literary Suplement», Michael Trend.

A empresa editora do grupo «The Times», a organização norte-americana Thomson, fixou como data limite para a publicação dos seus títulos o dia 31 de Março. Segundo a opinião dos jornalistas da empresa, as publicações podiam cessar nessa data e sair de novo pouco tempo depois, já com novo proprietário.

"Robots" industriais para as fábricas do futuro

Continuação da pág. 2

tagem de peças de máquinas de escrever. A Volvo utiliza **robots** para a montagem de bloco-motores, a Kawashi, para a montagem de motores a dois tempos, e a General Motors já conseguiu a colocação automática de rodas nos automóveis.

Um estudo realizado pela Westinghouse em relação a sessenta produtos permitiu definir a utilização desses evoluidos em artigos, fabricados em quantidades inferiores a mil unidades com numerosas variantes em menos de vinte minutos: comutadores compressores e sobretudo pequenos motores. A Westinghouse estudou uma cadeia-piloto para esta última aplicação com um comando hierarquizado a três níveis, desde o microprocessador até ao minicomputador.

O robot que vê

Um **robot** com vista artificial munido de duas câmaras e de um microcomputador já está a ser comercializado nos EUA por uma pequena firma, Auto-Place.

A título de demonstração sabe seleccionar as cartas de um baralho pelos quatro naipes, tirando os **jokers** e virando as cartas colocadas às avessas. Este **robot** poderia muito facilmente separar peças ou amostras.

Em França o reconhecimento e selecção de peças mecânicas estão a ser estudados pela IRISA em Rennes e pela Escola Nacional Superior de Mecânicas de Nantes que estudou uma aplicação para uma fábrica de fundição. Por fim, a próxima geração dos **robots** maleáveis por oposição aos modelos industriais rígidos munidos de antenas especiais – reversíveis e elásticos – deverá vir a ter aplicação nas operações de montagem. Já foram elaborados a partir dos manipuladores do CEA no quadro do projecto Spartacus dirigido pela IRIA.

Um dos pontos-chave do êxito dos **robots** continua a ser a convergência entre investigação e indústria. Há já uns quinze anos que a investigação se tem vindo a orientar preferencialmente para a inteligência artificial, recorrendo a poderosos meios de análise informática. Os **robots** de investigação que daí têm resultado dispendiosos e relativamente pouco seguros, procuravam alcançar um altíssimo grau de generalidade para se aproximarem o mais possível do comportamento humano.

Em oposição a isto, a indústria deseja dispor de máquinas para efectuar as tarefas precisas especializadas com um máximo de eficácia e rendimento; do que se trata não é tanto de imitar o ser humano mas mais de remediar as suas insuficiências, de o secundar ou substituir em certos trabalhos. A indústria produziu, pois, manipuladores económicos e seguros mas limitados pela sua falta de capacidade, de percepção e lógica. O futuro da **robótica** industrial resulta da fusão entre estas duas tendências. Isto foi já muito bem entendido por numerosos investigadores da **robótica**: em várias universidades americanas já se passou dos sonhos ambiciosos do **super-robot** do futuro para realizações concretas e mais imediatas, directamente utilizáveis na indústria.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO CENTRO E ILHAS

PRÉ-AVISO DE GREVE

À ADMINISTRAÇAO DA SOCIEDADE INDUSTRIAL DE BORRACHA, LDA.

AO MINISTRO DO TRABALHO

Exmos. Senhores:

Para dar cumprimento ao Art.º 5.º da Lei 65/77 de 26 de Agosto de 1977, informamos V. Exas. que os trabalhadores nossos associados da Empresa, Sociedade Industrial de Borracha Lda, sita na Rua Latino Coelho, Venda Nova, Amadora, irão paralisar nos dias **6, 7 e 8 de Janeiro de 1981 das 7 horas às 23 horas em cada um dos dias atrás referidos.**

Amadora, 2 de Janeiro de 1981

P'la Direcção

SOC DE LEILÕES AFRAFILHOS, Lda

MÓVEIS, UTENSÍLIOS E MERCADORIA

ALTA CONFECÇÃO **"A RAMPA"**

LARGO RAFAEL BORDALO PINHEIRO, 15

LEILÃO

2.ª F.ª E SEGUINTES DAS 15 ÀS 19 H.

Por motivos de encerramento deste importante estabelecimento, vendemos pela maior oferta:

Móveis e utensílios: Moldura de porta em cerâmica assinada QUERUBIM LAPA, chaminé de canto em cobre martelado da autoria de Jorge de Almeida, magníficos balcões, expositores, vitrines, espelhos, projectores, «etalages», candeeiros e sistema de iluminação fluorescente, anúncios luminosos a néon c/o dístico A RAMPA, portas de fole, corrimões, caixas registadoras, alcatifa, manequins, mesas de atelier, e todos os utensílios próprios.

MERCADORIA: Objectos de brinde, vidros e cerâmicas assinadas, portuguesas e estrangeiras; artesanato, artigos em pele e em madeira; tecidos de categoria em seda, algodão, fazenda, etc., fatos de banho, gravatas, blusas, casacos, saias, gabardines, blusões, macacos, conjuntos, malhas, vestidos de cerimónia, e toda a gama de mercadoria própria deste ramo, para a qual chamamos a atenção dos n/clientes COMERCIANTES E PARTICULARES.

EXPOSIÇÕES SÓ 2.ª FEIRA DAS 9 às 13 H.

Dificuldades de última hora

Militantes do PSD dificultam Governo Balsemão

Divergências verificadas à última hora no seio do PSD impediram que o Governo Balsemão ficasse ontem pronto e que fosse apresentado ou hoje ou na próxima segunda-feira ao Presidefte da República.

O «DL» conseguiu apurar que depois de estar praticamente concluída a formaçãc do elenco governamental na tarde de ontem, surgiram já à noite problemas inesperados provavelmente relacionados com a recusa de algum dos indigitados ministros em ocupar o lugar para que foi escolhido.

Ao fim da tarde sabia-se já que o problema da Administração Interna estava resolvido com a entrada de Henrique Granadeiro, antigo chefe da Casa Civil do Presidente da República, actualmente colocado como embaixador de Portugal na OCDE. O ministro do Trabalho de Sá Carneiro, Eusébio de Carvalho, deveria ser transferido para o Ministério da Reforma Administrativa, enquanto João Salgueiro aceitara finalmente a pasta do Plano e Cardoso e Cunha era ainda uma interrogação à frente do Ministério da Agricultura e Pescas.

No entanto a situação veio a evoluir negativamente e agora coloca-se a possibilidade de vir a ser convocado por Pinto Balsemão um Conselho Nacional do PSD para debater a situação grave que se começa a viver neste processo tortuoso de formação do Governo.

Tanto quanto se sabe, as dificuldades surgiram depois de uma reunião que juntou o primeiro-ministro indigitado e alguns dos ministeriáveis nomeadamente os que estiveram ligados à elaboração do Programa do Governo, que se encontra praticamente pronto.

Em declarações prestadas ao «DL» ao princípio da noite de ontem e desconhecendo ainda, certamente as inesperadas dificuldades, pois estivera reunido com Balsemão e outros ministeriáveis, António Capucho, membro da comissão política e secretário-geral do PSD, afirmou não crer que «haja luta de barões dentro dos partidos da AD, mas apenas um preenchimento normal dos lugares de Governo de acordo com critérios de competência política e técnica».

O CDS parece alheio a todas estas questões que têm tido origem apenas no PSD, de onde têm surgido os principais problemas para a formação do VII Governo – recorde-se desde já as recusas de Eurico de Melo e, mais grave, a de Cavaco e Silva.

Começam-se entretanto a conhecer algumas novidades em relação ao elenco de secretários de Estado propostos. Assim, junto de Basílic Horta ficará José Luís Cruz Vilaça, até agora secretário de Estado da Administração Interna e uma das novas estrelas em ascenção no CDS. O secretário de Estado da Presidência do Conselho, Braz Teixeira, era indicado esta manhã como possível candidato à secretaria de Estado da Cultura.

Revisão constitucional

Freitas do Amaral fica a meio caminho entre os projectos de Sá Carneiro

O projecto de revisão constitucional de Freitas do Amaral, a que o «DL» fez ontem detalhada referência, não é um documento inovador, mas apenas a prova de que a AD começa a digerir a derrota eleitoral que sofreu em 7 de Dezembro do ano passado. A proposta do presidente do CDS é bastante mais moderada que a última versão conhecida que pode ser imputada ao falecido primeiro-ministro e que foi subscrita por um dos seus assessores jurídicos. Onde Sá Carneiro propunha um regime político em que se acentuava a componente parlamentar, reduzindo o Presidente da República a uma figura decorativa de Chefe de Estado representativo, Freitas do Amaral mantém, pelo menos na aparência, a estrutura semipresidencialista que caracteriza o texto aprovado em 1976 pela Assembleia Constituinte.

Aquilo que em princípio serão as teses a defender pela AD no Parlamento, quando da revisão constitucional, pode ser qualificado como um meio-termo entre a primeira proposta de Sá Carneiro (publicada pela Dom Quixote em 1979) e aquela que este inspirou e que é conhecida pelo nome de quem a assinou, Santana Lopes.

Nos aspectos fundamentais da Constituição que Freitas do Amaral pretende ver revistos, o vice-Primeiro-Ministro não teve coragem para ir tão longe quanto Sá Carneiro pensava ir em 1980 mas excedeu as intenções revisoras que o primeiro dos líderes da AD demonstrou há dois anos.

Uma vez que a AD não poderá recorrer ao referendo para concretizar uma revisão que mais parecia uma subversão da Constituição, já que a isso se opõe o reeleito Presidente Eanes, Freitas do Amaral propôs um texto bastante mais recuado, provavelmente na tentativa de conseguir recolher, junto de outros partidos com representação parlamentar e nomeadamente, do Partido Socialista, os votos que permitam atingir os 2/3 exigidos na lei. Esta tentativa é, no entanto, de êxito duvidoso.

Presidente

Em primeiro lugar porque o PS firmou um acordo com o Presidente da República em que se comprometia a não deixar reduzir os poderes presidenciais. E esse é, embora encapotado, um dos objectivos assumidos por Freitas do Amaral. De acordo com o texto-resumo do projecto do líder do CDS, publicado no «DN» de 1 de Janeiro, «quanto ao Presidente da República mantém-se no essencial o seu estatuto e os seus poderes» e «mantêm-se todas as competências previstas actualmente, com a diferença de que nos casos em que o seu exercício dependia de autorização do Conselho da Revolução, passa a depender de autorização da Assembleia da República e do Conselho de Estado». Ora no actual regime constitucional a autorização do CR era fundamental para o exercício de dois dos mais importantes poderes do Presidente – a dissolução da Assembleia da República e a declaração do estado de sítio. No primeiro projecto Sá Carneiro mantinha-se apenas a obrigação de consulta a um Conselho da República para a prática daqueles actos, mas a opinião deste Conselho não era vinculativa para o Presidente, que agiria como melhor entendesse. No segundo, o de Santana Lopes e paradoxalmente para um projecto parlamentarista, o Presidente da República era absolutamente livre para a prática daqueles dois actos sem ter que ouvir alguém.

Ora se a autorização do CR actual, ou a audição do CR da primeira versão Sá Carneiro se compreendem, dadas as funções dos conselheiros da Revolução num caso e o carácter consultivo do Conselho da República no outro, já a proposta de Freitas do Amaral tem um sentido necessariamente diferente.

Com efeito, o Conselho de Estado que este propõe seria formado por 21 personalidades, nenhuma das quais deveria ser indicada pelo Presidente. Delas, a esmagadora maioria seria necessariamente vinculada à maioria parlamentar e, na actual situação, à AD. Com efeito, além do PR, fariam parte do Conselho de Estado o Primeiro-Ministro, o presidente da Assembleia da República (eleito pela maioria parlamentar), o presidente do Supremo Tribunal Administrativo (indicado pelo Governo), o provedor de Justiça (eleito pela maioria na AR), o Procurador-Geral da Rpública (indicado pelo Governo), os presidentes das Assembleias e dos Governos regionais da Madeira e dos Açores (todos do PSD) e quatro presidentes de Câmaras, cuja escolha é remetida para uma lei a publicar, mas onde a AD seria decerto preponderante já que, como coligação, tem mais câmaras que os restantes partidos. Para além disso fariam também parte do Conselho de Estado cinco deputados representando os maiores partidos (seriam do PSD, do PS, do CDS, do PCP e do PPM) e os presidentes dos Supremo Tribunal de Justiça e do Tribunal Constitucional, estes não controláveis pelo Governo.

Em suma, entre dez e quinze dos membros do Conselho de Estado que teria de autorizar o Presidente a dissolver a Assembleia da República são da confiança da maioria parlamentar, que poderia facilmente manietar a actividade do Presidente.

Aliás, Freitas do Amaral para defender esta constituição do Conselho de Estado, invoca o facto de o Presidente da República, no sistema actual, não escolher pessoalmente nenhum dos membros do Conselho da Revolução, o que não corresponde à verdade. O Presidente é também chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e assim controla, efectivamente, a nomeação de todos os membros do CR. Aliás, no primeiro projecto Sá Carneiro, previa-se a constituição de um Conselho da República para substituir o Conselho da Revolução e, além dos membros por inerência (e em cujo número não se contavam nem o Provedor de Justiça, nem o presidente do Supremo Tribunal Administrativo, nem presidentes das Câmaras, previa-se a existência de apenas quatro representantes dos partidos (o que excluía o PPM), de dois representantes das Regiões Autónomas e, ainda, de cinco individualidades escolhidas livremente pelo Presidente o que fazia com que dez dos seus dezassete membros não fossem necessariamente da confiança da maioria parlamentar.

Também contra o projecto de Sá Carneiro de 1979, Freitas do Amaral sustenta que o Presidente não poderá demitir Governos que tenham apoio parlamentar maioritário. Aqui não vai tão longe quanto Santana Lopes, que defendia que o Presidente nunca podia demitir Governos, os quais seriam apenas politicamente responsáveis perante a Assembleia da República.

Veto

Dificilmente estas duas propostas conseguirão votos de deputados que não sejam os da AD. Já o mesmo não se dirá quanto à regulamentação do direito de veto do Presidente de forma a evitar o chamado «veto de bolso», situação criada quando o Presidente da República, sem devolver expressamente um diploma, o não promulga, impedindo portanto que entre em vigor. Esta alteração obterá facilmente consenso parlamentar, já que a maioria dos constitucionalistas têm considerado como pouco curial e de legitimidade duvidosa o «veto de bolso».

O projecto Santana Lopes não admitia nenhuma forma de veto presidencial enquanto que o de Sá Carneiro de 1979 mantinha a actual regulamentação.

Em consonância com estes dois projectos, também Freitas do Amaral prevê a participação dos emigrantes na eleição do Presidente da República, contra as actuais disposições, o que se compreende se atendermos a que AD tem obtido sempre larga maioria nos círculos eleitorais da emigração.

Aliás existem outras modificações introduzidas por Freitas do Amaral que se destinam claramente a retirar dividendos de certas maiorias de voto da AD. Assim propõe-se a criação de um círculo eleitoral em Macau (cujo deputado será certamente para o CDS) e a possibilidade de divisão do círculo eleitoral dos Açores (reforçando a maioria PSD nesta região).

O presidente do CDS, no projecto que apresentou para debate aos restantes líderes da Aliança Democrática, defende o aumento do número de deputados para 251, enquanto Sá Carneiro sempre defendeu a sua redução para um número que oscilaria entre 180 e 200. Ainda no que se refere à Assembleia da República, Freitas do Amaral inovou em relação aos projectos conhecidos da área aliancista ao sustentar que qualquer deputado que abandone o partido porque foi eleito perca imediatamente o mandato, isto para evitar as situações que surgiram com os sociais-democratas em 1976 e em 1979 e com o Partido Socialista na primeira legislatura.

Seguindo o texto de Santana Lopes, mas divergindo do de Sá Carneiro de 1979, Freitas do Amaral propõe também que seja suficiente a aprovação de uma moção de censura para derrubar o Governo, devendo a moção incluir logo o nome do novo Primeiro-Mi0stro, que será obrigatoriamente encarregado de formar o novo executivo. Actualmente é necessária a aprovação de duas moções e não existe a necessidade de se indicar novo nome para a chefia do Governo.

Referendo

No que se refere ao grande cavalo de batalha da AD que tem sido o referendo, e afastada a possibilidade de ele ser imediatamente utilizado, já que Eanes se lhe opõe, os três projectos da AD conhecidos apresentam sintomáticas diferenças entre si. Sá Carneiro começou por propor que o Presidente da República poderia submeter a referendo a lei de revisão constitucional e os diplomas da Assembleia da República e do Governo, bem como quaisquer outras questões de relevante interesse nacional. O parlamento, por decisão de 2/3 do número de deputados ou de 1/20 do número total de eleitores, poderia ter que submeter a referendo qualquer a Lei da AR, desde que não versasse sobre matéria tributária. Mais tarde, no projecto que fez assinar por Santana Lopes e no período de relações extremamente tensas com o Presidente Eanes, Sá Carneiro sustentou que a maioria de deputados já não precisa de ser qualificada, mas apenas absoluta para convocar o referendo, ao mesmo tempo que alarga ao Governo a possibilidade de desencadear o processo referendário sobre questões de interesse nacional. Freitas do Amaral fica a meio caminho, ou seja, limita a possibilidade de convocação do referendo, ao mesmo tempo que controla a actividade do PR. Este passa a ser o único órgão competente para convocar referendo sobre a revisão constitucional (para o que precisa de autorização do Conselho de Estado, ou seja, como vimos, da AD), ou sobre qualquer questão de relevante interesse nacional, para o que necessita de solicitação prévia do Governo e da Assembleia da República (ainda da AD, outra vez). Desaparece a possibilidade de os cidadãos eleitores requererem a realização do referendo.

Colectivismo e socialismo

Parte comum aos diferentes projectos originários da área da AD é a tentativa de, como afirmam, «desideologizar» a Constituição, o que simplesmente significa retirar as referências ao processo revolucionário e aos objectivos socialistas que em grande parte foram aprovados há cinco anos pelos partidos da coligação governamental. No que se refere à organização económica os três projectos defendem essencialmente um mais destacado papel para a iniciativa privada e manifestam-se contra o princípio da apropriação colectiva dos meios de produção e contra o Plano. As disposições que a estas duas questões se referem não são, no entanto, susceptíveis de alteração nesta revisão porque a isso se opõe o artigo referente aos limites materiais da revisão.

PS

A simples leitura da evolução das posições dos líderes da AD no que se relaciona com a revisão constitucional, demonstra que para já a coligação no poder já começou a tirar ilações da derrota eleitoral sofrida em 7 de Dezembro passado. A vitória eleitoral de Eanes obrigou Freitas do Amaral a desistir de criar uma Constituição nova, como se propunha fazer, em meados do ano passado, Sá Carneiro, e restringir-se apenas à modificação desta Constituição.

Mas basta que o Partido Socialista respeite os compromissos que assumiu com Ramalho Eanes quando apoiou a sua reeleição, para que mesmo as modificações propostas pela AD naquilo que é fundamental – organização do poder político – não passem de projecto que não recolherá os dois terços de votos necessários. Por agora, resta esperar que se clarifique a posição dos socialistas sobre a revisão, porque desde notícias que dão como certa a apresentação de um projecto pela FRS (como aliás parece lógico, dado os termos em que estão redigidos os acordos entre o PS, a ASDI e a UEDS), até afirmações públicas de dirigentes socialistas de que o seu partido apresentará um projecto de revisão próprio, muitas coisas têm passado pelos jornais. Provavelmente, alimentando assim o optimismo de Freitas do Amaral que o leva a admitir um consenso entre a FRS e a AD na limitação dos poderes presidenciais.

J.V.

IV Congresso da JS em Vila do Conde

Duas listas à procura do mesmo: renovar a Juventude Socialista

Duas listas concorrem às eleições para os órgãos directivos da Juventude Socialista cujo IV Congresso vai decorrer em Vila do Conde nos dias 9, 10 e 11 do corrente mês. Tanto a lista «Uma J.S. autónoma e dinâmica», subscrita por Margarida Marques, como «Uma nova JS, o combate de sempre», apoiada por Luis Patrão, reconhecem os mesmos erros e a grande fragilidade de estruturas da JS e pugnam pela melhoria da qualidade de vida e pela renovação das mentalidades. Diferem sim nos métodos a seguir, particularmente visível na alteração dos estatutos. Se a «lista de Margarida Marques» cita em epígrafe Karl Marx, a de Luis Patrão apodera-se de um dos últimos pensamentos de Sartre expresso em Março último em entrevista ao «Nouvel Observateur».

A lista subscrita pelo jovem deputado socialista, Luis Patrão, considera a «juventude vítima de marginalização» e reivindica uma «nova forma de estar no Mundo».

Bate-se por um Conselho Nacional de Juventude, por representantes no Conselho Nacional do Plano, no Conselho de Informação, por tempo de antena e uma comissão de Juventude na Assembleia da República. Dedicando uma grande importância ao ensino, reconhece «a actuação revivalista de muitos professores», uma forte realidade de direita na escola e sustenta a necessidade de ser criada uma Editora Nacional Estudantil e um sistema geral de estágios em empresas públicas. Defende a revogação da legislação dos contratos a prazo, hoje existentes, com a toda a sua arbitrariedade, mercê de um diploma da autoria do Partido Socialista. No campo laboral aposta no reforço e institucionalização da tendência socialista da UGT o que permitira, segundo os jovens socialistas, «assegurar uma imagem e uma prática progressista daquela organização de trabalhadores».

Falta de fundos

A grave situação financeira da JS, a sua fraca autonomia, são pontos sensíveis às duas listas. Se a proposta subscrita por Margarida Marques aponta para superar a situação financeira da JS, através da «negociação com o PS para obtenção de um subsídio mensal», a lista apoiada por Luis Patrão exprime-se pela «intervenção junto do PS procurando o apoio técnico e formativo, além da indispensável participação nos encargos financeiros» das realizações da JS. «Por uma nova JS» defende o serviço militar obrigatório «com a condição de que as Forças Armadas continuem a ser o Povo em armas». E pela despenalização do aborto «como método de último recurso». Apoia a despartidarização dos jornais ligados à JS, pelo que sugere a suspensão, por dois meses, do «Jovem Socialista» para reestruturação a ser levada a cabo pelo próximo Secretariado Nacional.

E demonstrando quão frágil é a JS, reconhece esta lista que a maior parte dos militantes não paga quotas, que têm muita falta de preparação, que novos militantes escasseiam e que a sua organização assenta em «esquemas que eram bons há cinco anos». Ambas as listas defendem a criação da União Nacional de Estudantes Portugueses (UNEP). Em matéria de políticas de alianças algumas novidades: a JS recusa «o associativismo corporativo da JSD» e o «associativismo burocrático da JCP». Como alternativa defende alianças com a esquerda não alinhada e, em casos pontuais, alianças com a JCP; «em nenhum caso alianças com a JSD ou qualquer outra força de direita».

Melhorar o aparelho partidário

A lista apoiada por Margarida Marques sendo mais diversificada nos assuntos abordados, dá uma maior importância ao facto político em si e um controlo organizativo e partidário mais apertado.

Reconhece logo de início a vaga de fundo do conservadorismo entre a juventude, reafirma a necessidade do «aprofundamento e alargamento da FRS», em consonância aliás com posições que ganham significativa expressão no interior do PS, abre a porta ao «mudar as mentalidades», debater o aborto, fortalecer o movimento associativo, melhorar, em suma, a qualidade de vida e criar uma nova cultura. Não é indiferente ao problema da instalação de centrais nucleares no nosso país, pelo que apela para uma chamada de atenção pública e defende um plano de emergência combate ao desemprego juvenil. No que respeita ao Movimento Associativo, salientando a necessidade da existência da UNEP, faz força para a criação dum conselho de tendências fiscalizador das actividades das direcções associativas. Quanto ao serviço militar clama pelo direito à objecção de consciência. Num outro campo, a lista de Margarida Marques apresenta-se a favor do desanuviamento, revela um apoio condicionado à entrada de Portugal no Mercado Comum, e favorece um aprofundamento de relações com o Terceiro Mundo e os novos países de expressão portuguesa.

Já em questões estratégicas no seio da JS, as diferenças em relação à outra lista são manifestas. Propõem um inquérito à juventude, reflectem sobre uma «nova maneira de comunicar» e reclamam haver que «ultrapassar um certo espontaneismo» no seio da JS, reconhecendo, em síntese, que «a direita conquistou culturalmente a juventude antes de a conquistar politicamente».

Alteração dos estatutos

Na proposta de alteração de estatutos de Margarida Marques surgem como órgãos de núcleo a Assembleia Geral de Militantes, o Secretariado e o delegado político de nucleo (é esta nova função que está a criar alguma polémica no seio da JS). Cabe a este delegado político estabelecer a ligação entre o núcleo e o Secretariado da Federação.

O Secretariado Nacional eleito pela Comissão Nacional, seria constituído por 11 membros, cinco dos quais residentes na área da Grande Lisboa que funcionariam conjuntamente com o secretário coordenador como órgão executivo; os cinco elementos residentes nos demais distritos. O secretário coordenador seria o primeiro elemento eleito da lista mais votada para a Comissão Nacional do Congresso e competir-lhe-ia «coordenar a actividade do Secretariado Nacional; representar a JS junto das estruturas do Partido; representar nacional e internacionalmente a Juventude Socialista».

Quanto à proposta de alteração de estatutos subscrita por Luís Patrão, o Secretariado Nacional seria constuído por um mínimo de cinco e um máximo de nove elementos, eleitos por maioria pela comissão nacional de entre os seus membros».

Cubanos ficam em Lisboa

Seis dos cubanos que nos últimos meses se refugiaram em Portugal, abandonando os voos entre Havana e Moscovo, não serão considerados como asilados políticos pelas autoridades norte-americanas, anunciou ontem a embaixada americana em Lisboa.

Três médicos, um engenheiro, uma professora e um familiar terão de continuar em Portugal e, se quiserem partir para os EUA terão de entrar para a lista de candidatos à emigração.

Os Serviços de Emigração americanos consideraram que os seis cubanos não preenchem os requisitos necessários para ultrapassar a lista de espera, de acordo com as leis em vigor nos Estados Unidos.

Dois outros refugiados cubanos aguardam ainda decisão americana sobre o seu pedido de asilo.

No entanto, todos os oito refugiados apresentaram-se ontem no Serviço de Estrangeiros, em Lisboa, para formalizarem pedidos para se instalarem provisoriamente em Portugal e terem assim direito ao estatuto de refugiados políticos e ao apoio do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. A situação dos cubanos será analisada pela Comissão Consultiva para os Refugiados, cujo parecer terá de ser homologado pelos ministros da Administração Interna e da Justiça.

NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.
Rua Bento de Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada

SERVIÇOS COMERCIAIS

ARMAZÉM

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

RECEPÇÃO E PEÇAS

Informamos os nossos estimados clientes
que, por motivo de inventário,
os serviços comerciais/armazém
e de recepção de aparelhos para reparação
e peças, se encontram encerrados
nos dias 5 e 6 de Janeiro,
reabrindo no dia 7 de Janeiro de 1981

ASSEMBLEIA DISTRITAL DE SETUBAL

MOÇÃO

A Assembleia Distrital reunida no dia 29-12-80, nos Paços do Concelho de Setubal, entende reafirmar publicamente que, para defesa dos legítimos interesses das populaçoes e urgente o cumprimento da legalidade democrática por todas as instituiçoes do Aparelho de Estado. O Poder Local, no Distrito de Setubal, não teme as responsabilidades que lhe estao atribuidas.

No exercício de todos os seus deveres e direitos, as Autarquias do Distrito, prosseguirao, como o têm feito, desde há quatro anos, a pugnar pela implementação do 25 de Abril, respeito pela Constituição da Republica, descentralizaçao efectiva do Aparelho de Estado, descentralização de poderes, cumprimento integral da Lei das Finanças Locais, credito fortemente bonificado às Autarquias, aprovação da Lei das Delimitaçoes de Poderes na área dos investimentos, são alguns aspectos fundamentais para a defesa dos interesses das populaçoes, pelo Poder Local.

A politica seguida pelo Poder Central, através dos vários Governos Constitucionais, tem ferido os justos anseios das populaçoes para a resolução das carências mais elementares. Sem Autarquias dotadas de meios para o exercício pleno das suas competências o 25 de Abril estara por concretizar em toda a sua dimensao. A aprovação de Leis no interesse do Poder Local pelo Governo e Assembleia da Republica, têm satisfeito as ambiçoes, muitas vezes, da conjuntura politica partidária, no entanto, por não serem aplicadas na prática, pelo Poder Central, não têm correspondido às reivindicaçoes das Autarquias.

Um novo Governo vai tomar posse, brevemente. A Assembleia Distrital, representando democraticamente os anseios da população do Distrito, reitera os seus propositos de lutar pela democratização da vida local, continuando a lutar pelo cumprimento integral dos instrumentos legais, imprescindiveis para o exercício das suas competências. A Lei das Finanças Locais, nomeadamente, não poderá em 1981 ser decapitada, defraudando o Distrito como ate ao momento, em mais de um milhão de contos.

Assim a Assembleia Distrital de Setubal exige:

— Aplicação integral da Lei das Finanças Locais;

— Que seja considerada, na Assembleia da Republica, como prioritária a discussão e aprovação da Lei das Delimitaçoes da competência em materia de investimentos, dos Poderes Local, Regional e Central.

Setubal, 29 de Dezembro de 1980.

Esta moção foi aprovada por unanimidade.

António Capucho ao "DL":

Novo Executivo está longe de ser um Governo à direita do anterior

«Não vai haver preponderância do CDS»

Considera-se um político «não-conspiratório», tem a fama dentro do PSD de ser conciliador e detesta que o apelidem de «tecnocrata». E um dos mais jovens membros do futuro Executivo. Será o secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão. Chamado em 1975 por Sá Carneiro às funções de secretário-geral adjunto do PSD, foi eleito posteriormente para a Comissão Política e nomeado secretário-geral do partido.

Da sua capacidade e eficiência organizativa terão brotado, em larga medida, os êxitos eleitorais da AD. A sua presença para um lugar de grande relevância junto do sucessor de Sá Carneiro é significativa. Nesta entrevista ao «DL», António Capucho manifesta a convicção de que este novo Governo «está longe de ser um Governo à direita do anterior», e terá «um estilo próprio». Defende a aplicação de medidas «positivas que salvaguardem a independência da informação» e considera que o PSD está mais próximo programática e ideologicamente do PS que do CDS mas sustenta que o acordo com a AD deve ser respeitado. Sobre o projecto AD de revisão constitucional diz-nos que apenas anteontem recebeu uma cópia. Que vai ler atentamente, este fim-de-semana, para a poder debater na próxima segunda-feira no âmbito do PSD. Um pormenor ainda: pela nossa parte merece a nota máxima pelo modo aberto, simples e compreensivo como sabe tratar com os jornalistas.

«Não haverá preponderância do CDS»

«DL» – **Das informações disponíveis sobre a forma como decorreram as negociações em torno da composição do VII Governo, transparece uma crescente influência do CDS no plano governativo. Dado que, dentro do próprio CDS, a escolha de «ministeriáveis» não foi uma questão pacífica e o seu desfecho parece ter-se saldado pela vitória de elementos geralmente considerados como «duros», não será de recear que o peso centrista no Governo possa dar-lhe uma coloração excessivamente direitista?**

AC – Em primeiro lugar não vai haver preponderância do CDS. A proporção vai-se manter e em termos de importância de pastas não haverá grande diferença em relação aos ministérios anteriores. Finalmente não vejo que os sectores conservadores do CDS – se eles existem – tenham de ter preponderância nas negociações. Elas foram feitas directamente com o presidente do CDS e quem ficará o número dois do Governo é o segundo na hierarquia do CDS, o dr. Basílio Horta. E não considero, nem a um nem a outro, da ala conservadora do CDS, insisto, se ela existe.

Portanto, por estas razões, mas fundamentalmente pela composição do Governo, que vai ser conhecida, se verificará que está longe de ser um Governo à direita do anterior, e muito menos conservador.»

«DL» – **Em termos de opinião pública – depois da morte de Sá Carneiro – o prof. Freitas do Amaral surge, mais do que Pinto Balsemão, como a figura chave da AD. As negociações para a formação do Governo e a elaboração do projecto final de revisão consitucional tendem a acentuar esta crescente importância do presidente do CDS. Não resultará desta circunstância um peso também determinante do CDS no plano da maioria parlamentar?**

AC – Não. Em primeiro lugar, é natural que o prof. Freitas do Amaral tenha uma certa preponderância no processo de revisão constitucional, porque todos lhe reconhecemos uma competência inequívoca nessa matéria. Aliás, desejamos mesmo que ele aceite a presidência da comissão especial que vai ser constituída no Parlamento para a revisão constitucional. Não temos o mínimo problema partidário quanto a isso.

Quanto ao facto de ele ser agora, ou deixar de ser, uma figura dominante na AD...Ele é o presidente do CDS, um presidente incontestado, da mesma forma que nós temos agora o nosso. Obviamente que ainda não esquecemos e não esqueceremos nunca, a memória do dr. Sá Carneiro nem o grande peso que ele tinha, mas a verdade é que o dr. Pinto Balsemão foi eleito por grande consenso dentro do PSD, e quer pela prática política, quer como Primeiro-Ministro, vai, certamente, ombrear como presidente do maior partido português, com a posição do líder da Aliança Democrática.

«Um estilo próprio»

«DL» – Mas, como interpretar as dúvidas levantadas por analistas políticos, e concretamente de um ligado ao PSD, que escreveu no semanário «Expresso» ser preciso ter a certeza de que o CDS e o PPM estão de alma e coração com o Governo sem o perigo de o apoiarem pela frente e por detrás o considerarem um nado-morto?

AC – Isso é uma especulação que vários analistas políticos fizeram e – fundamentalmente em relação ao CDS – da possibilidade de não apostarem neste Governo, na perspectiva de que falhando este poderia aparecer como alternativa o prof. Freitas do Amaral a liderar outro Governo da AD.

Não acredito nesse perigo. Primeiro porque conheço bem o prof. Freitas do Amaral e vejo, na prática, um seu total empenhamento tal como do PPM, através do dr. Ribeiro Telles, e do membro do Governo que vão ter, o dr. Ferreira do Amaral.

Se me disser que pode haver um outro elemento destacado de ambos os partidos que realmente não tenha grandes expectativas ou não aposta a fundo, neste Governo, isso é normal. Agora que a esmagadora maioria e a máquina, em si, as direcções nacionais dos dois partidos, estão apostadas neste Governo isso vê-se pela sua prpopria composição. O CDS não tirou militantes destacados, para incluir militantes de segunda linha, salvo no caso do prof. Freitas do Amaral, aliás em coerência com as afirmações que fez antes das eleições presidenciais.

«DL» – **Mas Lucas Pires não está...**

AC – Não está o dr. Lucas Pires, mas está um hierarquicamente superior.

«DL» – **Haverá métodos e programa diferentes deste Governo em relação ao anterior?**

AC – E natural que sim. Este Governo terá com certeza um estilo próprio em relação ao que o antecede. São diferentes as personalidades na presidência. Em termos de programa poderá não oscilar muito, ainda não o conheço, nem estou metido na elaboração do seu projecto a apresentar certamente aos partidos.

Não lhe poderei pois falar em inovações. Mas é natural que tenha enfim um estilo próprio de actuação, que lhe advém da diferença que tem ao nível da presidência do Conselho de Ministros.

E necessário salvaguardar a independência da Informação

DL – Que pensa da orientação actual da Cominicação estatizada?

AC – Eu tenho opiniões pessoais sobre isso, mas não gostaria de as exprimir aqui porque não quero de modo nenhum colidir com o que o Governo decidir e, mais ainda, com as Jornadas de Comunicação Social que o meu partido vai realizar. Penso, no entanto –, só para lhe dar dois ou três tópicos – que são necessárias medidas positivas que salvaguardem a independência da Informação, e é preciso, ainda sanear do ponto de vista financeiro as empresas. Não sei concretamente, neste momento, em que direcção é que se deve caminhar, mas por exemplo, em relação à Rádio, julgo que poderá ser concedido espaço a empresas, através de contratos muito bem elaborados que acautelem

«Não temos o mínimo problema partidário»

os interesses do Estado. E certos jornais poderão ser, por exemplo, entregues aos trabalhadors... Há uma série de medidas que, certamente por não ser a minha especialidade não quero adiantar, mas tenho esperança que o Governo terá ideias concretas e que o meu próprio partido através dos seus variadíssimos trabalhadores da Informação, com especialistas na matéria possa trazer achegas para o sector.

«DL» – Mas a continuação de Proença de Carvalho na RTP não poderá ser interpretada como uma cedência do PSD ao CDS?

AC – Não. Creio que o actual presidente da RTP é independente e não está vinculado ao CDS.

«DL» – Mas houve a iniciativa pessoal de Freitas do Amaral junto dele para continuar no lugar...

AC – O sr. prof. Freitas do Amaral tentou demonstrar ao presidente do Conselho de Administraçhao da RTP que os condicionalismos que, segundo ele, tornavam inútil a sua continuação no lugar, não existiam e poderiam ser ultrapassados e, nesse sentido, convidou-o a continuar. Suponho que o Primeiro-Ministro indigitado, participando nessa reunião do Conselho de Ministros tomou parte no debate e veio, depois, publicamente alinhar com a mesma posição.

«DL» – Parece inevitável um entendimento com o PS em termos de revisão constitucional. Pode falar-se de consenso, PSD-CDS quanto aos termos deste entendimento, ou haverá maior abertura da parte do PSD?

AC – Bom, estaremos mais próximos programaticamente, e mesmo ideologicamente, em termos abstractos, do PS do que do CDS. Mas a realidade é que a revisão constitucional terá que ser feita por consenso entre a AD, que tem o seu próprio projecto de revisão constitucional e o PS. Tudo faremos para que se consiga chegar a esse consenso.

«DL» – Concorda com as limitações das atribuições do Presidente da República previstas na revisão constitucional proposta pela AD?

AC – Eu ainda não tive a oportunidade de analisar o projecto o que farei com muito cuidado este fim-de-semana pois vamos debatê-lo na próxima segunda-feira, a nível do PSD, pelo que não posso responder-lhe a essa pergunta. Aliás foi distribuído na quinta-feira, dia feriado, aos membros da Comissão Política Nacional e, de facto, ainda não tive oportunidade de o ler.

Bloco central? «nenhuma hipótese»

«DL» – Que hipóteses há, na sua opinião, para o «bloco central»?

AC – Nenhumas. Nós cumpriremos até ao fim os acordos no âmbito da AD. Ou seja, até ao fim desta legislatura, mantém-se de pé o acordo que celebrámos com o CDS e o PPM.

«DL» – O actual clima de alegado apaziguamento nas relações entre a AD e o general Ramalho Eanes é para se manter ou tem carácter apenas transitório?

AC – Suponho que depende mais do Presidente Eanes do que de nós. Se efectivamente a prática não for de confronto com o Executivo não haverá razões da nossa parte para alterar o clima de apaziguamento a que se refere e que, enfim, ainda não temos dados para dizer que é de facto de apaziguamento. Veremos na tomada de posse e depois no discurso político deste Governo.

«DL» – Concorda com os que o consideram a si um «político tecnocrata»?

AC – Eu comecei a minha carreira dentro do partido como gestor. Era profissionalmente um gestor e fui chamado ao partido pelo dr. Sá Carneiro como secretário-geral adjunto, em princípios de 75, para exercer funções de gestão dentro da máquina partidária e, paralelamente, desempenhei cargos políticos ao nível da minha secção de base, depois ao nível distrital e nacional.

Detesto a palavra tecnocrata. Como secretário-geral tenho uma função eminentemente política, onde estarão sempre subjacentes os aspectos de organização interna, que têm muito de político e pouco de tecnocracia, mas a que, obviamente, em numerosos casos, devem aplicar-se os princípios da gestão.

Sou é no fundamental, se me permite – embora não goste de falar de mim –, profundamente um político não conspiratório, mas não-conciliador, e, também, não extremista nas suas acções. Não alinho em grupos por pessoas. Alinho em ideias, em processos e por isso tenho esta fama interna e suponho que externa de ser conciliador.

«DL» – Um semanário («O Tempo») atribuiu-lhe responsabilidades na derrota do general Soares Carneiro.

AC – Eu assumo a minha quota parte de responsabilidades como um dos três directores da campanha da candidatura do sr. general Soares Carneiro. Curiosamente esse semanário só aponta o meu nome, e eu nem sequer era o director executivo.

Como verificou, a minha atitude perante o tal semanário foi de total desprezo. Não merecia a minha resposta nem pelo estilo nem pelo conteúdo. Mas embora assuma a minha quota parte de responsabilidade na derrota, essa responsabilidade é, de facto, colectiva. Tanto na derrota como na vitória, nunca chamei a mim os louros dos êxitos da AD e aí eu era o único responsável como coordenador eleitoral. Entendi é que a responsabilidade era colectiva, dos órgãos nacionais, das bases, de toda a gente que de facto interveio na campanha eleitoral.

«DL» – Quais foram na sua opinião as causas básicas da derrota de Soares Carneiro?

AC – Há fenómenos de organização, fenómenos sociológicos profundos e outros de maior ou menor empenhamento de certos sectores das máquinas partidárias. Como todos eles jogam entre si é difícil, a curto prazo, proceder a uma análise profunda que tenciono, aliás, fazer com calma e brevemente. Só que as vicissitudes que ocorreram desde então – morte de Sá Carneiro, e a formação deste Governo – ainda não me permitiram.

«DL» – Como aprecia a recente posição do arcebispo de Braga acerca da situação conjugal de Sá Carneiro?

AC – O meu partido já se pronunciou. Não estamos interessados em renovar uma polémica com o sr. arcebispo de Braga, e muito menos com a Igreja Católica. Mas, como é legítimo por uma questão de respeito pela verdade, entendemos manifestar publicamente em nota da comissão política a nossa franca indignação, em nome dos militantes do PSD e de muitos portugueses que não o sendo admiravam Sá Carneiro, pela forma como o sr. arcebispo veio a público. E não só quanto ao conteúdo das afirmações, mas também pela sua oportunidade. Porque, para além do mais choca profundamente que só depois de grande estadista ter desaparecido tenha havido a «coragem» de o criticar. Para nós é assunto encerrado.

Eugénio Alves
Fotos: José Tavares

de ontem para hoje

"Guerra" de bebés: Álvaro ou Tiago?

O primeiro dia do ano, data que se pretende de paz, arrisca-se a criar uma pequena «guerra» entre recém-nascidos, candidatos ao título de «bebé-81». A nível nacional parece não haver dúvidas. O «recorde» foi batido no Porto por uma criança do sexo feminino (Madalena) que nasceu no Hospital de S. João, logo 15 segundos depois da meia-noite. Jé em Lisboa a questão é mais complicada. Inicialmente Tiago Luís, que viria à luz (à uma e vinte na Maternidade Alfredo da Costa), apareceu como candidato incontestado. Mas agora outra criança surge a reivindicar esse direito – é um rapaz e nasceu na Casa de Saúde da Cruz Vermelha, 5 minutos depois da meia-noite. Ainda não tem nome, «mas é capaz de ser Alvaro», diz a mãe, Maria Odete Nazario, professora da Escola Secundária do Barreiro.

Licença de Natal: militante do PRP não voltou a Custoias

O militante do Partido Revolucionário do Proletariado (PRP) Jorge Manuel Alves da Silva, foi o único preso que não voltou à cadeia de Custoias, daqueles (21) a quem, na quadra do Natal, foram concedidas licenças de saída precária. Jorge Manuel, um jovem de 27 anos, acusado de ter participado num assalto a um banco em S. Mamede de Infesta, já cumprira metade da pena de seis anos e meio de prisão maior a que fora condenado pelo Tribunal de Matosinhos.

No Mosteiro da Batalha: exposição de alabastros medievais ingleses

Uma exposição de alabastros medievais ingleses, contemporâneos do Mosteiro da Batalha, vai ser inaugurada, soube-se ontem, no próximo dia 17 numa das dependências daquele monumento. Trata-se da primeira iniciativa realizada pelo recém-criado Museu do Mosteiro da Batalha, em que participará também o director dos museus de Norfolk (Inglaterra) que proferirá uma palestra sobre a matéria.

Administração cedeu: greve suspensa na Metalúrgica «Casal»

A greve na Metalúrgica Casal, de Aveiro, termi-nou ontem ao fim da manhã, após a informação dada pela Administração de que o 13.º mês, cujo não pagamento motivou o recurso àquela forma de luta, ia ser pago. A informação foi comunicada aos trabalhadores pouco depois de concluído um plenário em que tinha sido votada a continuação da greve até à satisfação integral do referido subsídio. A greve, que teve início no passado dia 30 de Dezembro e foi a primeira verificada a nível da empresa, registou uma adesão praticamente total.

Na praia da Samarra: espingardas de guerra roubadas numa vivenda

Desconhecidos apoderaram-se de duas espingardas da Segunda Guerra Mundial e de um revólver da primeira, numa vivenda situada na praia da Samarra, perto de Sintra. Para além das armas, os intrusos, que aproveitaram a ausência dos locatários, levaram ainda vários objectos de valor.

Na ilha de S. Miguel: estações de prevenção e vigilância sísmica

Estações de prevenção e vigilância sísmica vão ser montadas ainda este mês na ilha de S. Miguel, soube-se ontem em Ponta Delgada. As infra-estruturas indispensáveis para a montagem destas estações estão já concluídas. No dia 9 chegará a Ponta Delgada uma missão de técnicos do Instituto Nacional de Metereologia e Geofísica, que colocarão os respectivos sismógrafos e o material de registo magnético. Idênticas estações vão ser também brevemente montadas nas restantes oito ilhas do arquipélago dos Açores.

Vinhos «Ferreirinha»: paralisação na próxima segunda-feira

Os trabalhadores da Companhia Agrícola e Comercial dos Vinhos do Porto (Ferreirinha) decidiram ontem entrar em greve na próxima segunda-feira, para que lhes seja pago o salário integral do passado mês de Dezembro. A administração daquela firma descontou-lhes ilegalmente o dia 25, consagrado como feriado nacional quer no CCT quer na lei.

Lino Miguel exige: escoamento de mercadorias estacionadas no porto de Leixões

A Secretaria Regional do Comércio e Transportes exigiu ontem à Companhia de Transportes Marítimos (CTM) que efectue, de imediato, o escoamento das cargas estacionadas no porto de Leixões destinadas à Madeira. A diligência foi desencadeada através do gabinete do ministro da República para a região autónoma da Madeira, coronel Lino Miguel.

Associação dos Empregados de Mesa: curso de especialização na «Meditour/81»

O Instituto Nacional de Formação Turísticas, em colaboração com a Associação dos Empregados de Mesa de Portugal (AEMP), promove a partir de hoje e até 8 de Fevereiro em Lisboa um «Curso de Mesa». A iniciativa decorrerá simultaneamente com a «Meditour 81», nas instalações da Feira Internacional de Lisboa (FIL). Numa conferência de Imprensa realizada ontem no Porto, um porta-voz da AEMP disse que este concurso tem como objectivos «obter uma maior dignificação da profissão de empregado de mesa, bem como sensibilizar a juventude para uma carreira profissional de largo futuro e prestígio». A Associação dos Empregados de Mesa de Portugal foi fundada em 1977 e conta actualmente com 1300 associados.

Inquérito (e autópsia) prova-o

As chamas mataram Sá Carneiro e Amaro da Costa

Se as chamas não tivessem devorado o «Cessna» (e os seus ocupantes) após este ter chocado com o telhado de uma casa de dois andares da Charneca, em Camarate, Sá Carneiro, Amaro da Costa, Patrício Gouveia e mulheres talvez estivessem ainda vivos, pode hoje dizer-se com garantida segurança.

Os sete ocupantes (os dois tripulantes, Sá Carneiro e Snu, Amaro da Costa e esposa, e António Patrício Gouveia), com efeito, não apresentavam, segundo os médicos legistas, lesões graves, como o comprovarão as autópsias a que o inquérito, cuja parte final da redacção está praticamente pronta, aludirá. A queda do avião ficou a dever-se fundamentalmente à paragem do motor esquerdo, pouco depois da recolha do trem de aterragem, quando o aparelho se deslocava a uma velocidade possivelmente de 120 milhas. O «Cessna» descolara da chamada intercepção Delta, a 1200 metros do fim da pista.

É óbvio que a falha do motor teve causas. O inquérito deverá revelar que isso ocorreu por falta de alimentação de combustível, o que significa que faltou combustível no tanque principal da asa esquerda. Mas faltou a gasolina, porquê? Todas as hipóteses são possíveis neste caso (até por servir para o automóvel) até um consumo subitamente «voraz» por ter arrancado a frio. Note-se que o motor esquerdo – dado que desde sempre foi líquido e incontroverso – teve dois minutos e meio de aquecimento quando o manual indica seis minutos como mínimo.

Uma série de pequenas-grandes coisas contribuíram para este triste desfecho, roubando a vida a dois dos mais fogosos políticos e dirigentes partidários do País. Desde os indicadores de nível do «Cessna», que não permitiam a avaliação concreta do combustível dos depósitos, até à avaria do alternador dependente do motor direito, vários factores convergiram para o acidente, incluindo o pouco repouso dos dois tripulantes, pois que um dos pilotos foi solicitado, no próprio dia em que a tragédia ocorreria, para o serviço poucas horas depois de se ter deitado. Depois de aterrar, nesse mesmo dia, às 3h. 30 e de se ter deitado, na melhor das hipóteses, às 5 horas, foi para o efeito acordado cerca do meio-dia.

Com o alternador dependente do motor direito avariado, o piloto ainda conseguiu comutar o depósito do combustível, descolando nessas condições. No entanto, e a partir de todos esses problemas de ter ou não ter carburante, o «Cessna» descolou, após aquela comutação, sem que o motor desse lado funcionasse. Daí que o aparelho tenha descaído para a esquerda (onde não havia combustível) e embatido em vários obstáculos, quer ainda na pista (cabeceira, corte de um cabo de iluminação, enrolamento de vários fios que «viajaram» no veio da hélice do motor direito) e, depois, já no ar, perdeu a asa esquerda numa casa (onde não deixou gasolina, prova de que o motor desse lado a não tinha), antes de embater no sótão de uma outra em frente e de se incendiar. Na parte final da viagem para a morte, os motores e o estabilizador são cuspidos. O embate faz derramar cerca de 240 litros de combustível com que o piloto tinha abastecido o motor da asa direita.

Em contacto com as faíscas originadas pelo corte dos cabos eléctricos o «Cessna» entrou logo em pavorosas chamas, provocando instantaneamente a morte, por asfixia e desidratação dos sete ocupantes do aparelho. Os restos mortais de Patrício Gouveia foram encontrados desprendidos do cinto de segurança que enrolava os restantes ocupantes do aparelho.

Embora não se venham, como se presume, a atribuir responsabilidades para além das que envolvem as falhas apontadas e centradas no «Cessna», é iniludível que há todo um conjunto de circunstâncias a evitar, desde a não existência de condições de estacionamento de aeronaves por forma a evitar eventuais roubos de gasolina no aeroporto (questão da competência da ANA-EP e da PSP) à inoperacionalidade da Direcção-Geral de Aeronáutica Civil (DGCA), que não fiscaliza adequadamente as operações de voo por alegada falta de meios técnicos e humanos.

Cimenteiras portuguesas ganham mercado em Cabo Verde

Encomendas no valor de 170 mil contos foram feitas no mercado português para o abastecimento de Cabo Verde em açúcar e cimento, com o particular significado de as cimenteiras portuguesas ganharem posição para conquistar os clientes cabo-verdianos aos fornecedores espanhóis que até aqui têm abastecido o arquipélago.

Foram assim tornadas firmes encomendas de 25 mil toneladas de açúcar e 20 mil toneladas de cimento, devendo seguir-se outras para garantir o abastecimento em 1981. As compras são feitas no mercado português pela EMPA – Empresa Pública de Abastecimentos.

Desde a independência de Cabo Verde, em 1975, a EMPA adquiria todo o cimento directamente à Espanha, no montante de 40 000 toneladas anuais.

A EMPA importa regularmente de Portugal um milhão de litros/ano de óleo alimentar, 100 000 litros/ano de azeite, cinco toneladas/mês de frangos congelados, um milhão de ovos por ano, todos os materiais de construção (no valor de 50 milhões de escudos portugueses ao ano), maçãs, pêras e laranjas.

Comerciantes particulares importam anualmente também 50 milhões de escudos portugueses em materiais de construção.

A última compra de óleo alimentar feita pela EMPA foi, porém, realizada à Suécia, que apresentou preços preferenciais.

A compra de todos os materiais de construção feita pela EMPA em Portugal tem sido subsidiada na íntegra pelo Governo holandês, revertendo os resultados da venda interna em Cabo Verde para os fundos de desenvolvimento económico e social do arquipélago.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ENERGIA ELECTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação na rede eléctrica dos Serviços Municipalizados de Loures, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 4 (domingo) das 8 às 15 horas na seguinte localidade:

ZONA NORTE MOSCAVIDE

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 31 de Dezembro de 1980

O Eng.º Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

PUB

SINDICATO DOS TELEFONISTAS E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Art.º 84.º e para efeitos do Art.º 80.º dos Estatutos do Sindicato, convocam-se todos os sócios, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, para a **Assembleia Eleitoral** que terá lugar nos dias **19 e 20 de Fevereiro de 1981** em locais e horas a designar oportunamente.

Lisboa 2 de Janeiro de 1981

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Manuel Ferreira Fernandes

NA UNIDADE E DEMOCRACIA A DEFESA DOS TRABALHADORES

AUDIÇÕES NA COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO

DIA 7 DE JANEIRO

Alunos, Pré-profissionais e estagiários
Nível Intermédio — 12 a 16 anos — às 18 horas
Nível Avançado — 16 a 18 anos — às 19 horas
Rapazes com treino prévio — às 20 horas.

Rua Serpa Pinto, 9 — Lisboa

EXTERNATOS

Alvares Cabral — Avenida Grão Vasco 1 — Tel. 706974/5 (Benfica)
Marquês de Pombal — Rua Morais Soares 93 — Tel. 834658 - 831416 (Ao Chile)
S. Vicente — R. Edith Cavel 6 — Tel 848864/5 (Ao Chile)

MANHÃ - TARDE - NOITE

12.º ANO — VIA ENSINO

Autorizado oficialmente e a funcionar de acordo com os objectivos pedagógicos definidos pelo M.E.C., nomeadamente no que respeita a habilitações dos professores e ao número de tempos lectivos – 5 horas semanais por disciplina.

Preparatório - Geral - Complementar

Em Oliveira do Hospital

Uma "ilha" socialista rodeada de inimigos

Com sede em Oliveira do Hospital, numa zona difícil, cercada pelo fogo cerrado das forças conservadoras, a Cooperativa Agro-Pecuária da Beira Central, tenta a todo o custo manter-se de pé, satisfazendo as necessidades dos 1300 associados que a constituem. Actualmente gerida por uma Comissão Administrativa, nomeada em 1977, pelo então secretário de Estado do Fomento Agrário, António Campos, a cooperativa impôs-se na região, zona de minifúndio, onde cerca de oitenta por cento da população pratica uma agricultura de subsistência, embora mantenha um emprego suplementar. Acidentes de percurso marcam a sua história, iniciada em 1965. Viveu fases de ascensão e de queda, esta, verificada a partir de 1970, altura em que diversos problemas, nomeadamente de gestão, a conduziram para a asfixia financeira. Foi pois numa situação caótica que a Comissão Administrativa a encontrou. Abandonada pela direcção e reduzida a 300 associados, a cooperativa estava praticamente morta.

«Esta é uma zona muito difícil para trabalhar especialmente quando não se tem tacto. Até, a nível ministerial se fazem insinuações...» – afirmou o eng.º Luís Casimiro Macedo Pereira, técnico cedido pelo Ministério da Agricultura e Pescas para coadjugar a direcção da Cooperativa.

Este elemento da CA, afecto ao Partido Socialista, referiu-se, na conversa que com ele travámos em Oliveira do Hospital, às «constantes calúnias» dirigidas contra a cooperativa. «Tudo é encarado sob o ponto de vista político». As forças da direita maioritárias na zona têm despendido esforços no sentido de deitar abaixo aquilo a que chamam «a fortaleza do PS». Muitas pessoas evitam frequentar o supermercado da cooperativa a fim de não ficarem mal vistas perante os caciques locais.

«A reacção tem movido uma guerra sem tréguas à cooperativa» – diz Macedo Pereira. Não consegue engolir o facto do PS, numa zona estruturalmente de direita, ganhar as eleições em três freguesias do concelho. Trata-se de Lagares da Beira, Lagiosa (a terra natal de António Campos) e Alvoco das Várzeas, uma pequena povoação onde existe, a pedra e cal, uma cooperativa, de feição socialista. A reacção é assim. Não gosta que lhe pisem o terreno.

«Não percebo de que se queixam pois os pepedês cá do sítio tinham abandonado a cooperativa em 1975, deixando-a a braços com uma dívida de cerca de 23 mil contos...»

A verdade é que uma Comissão Administrativa, constituida por funcionários estatais, em Fevereiro de 1974, pegou numa cooperativa semidestruída e sem capacidade de resposta ao que dela era exigido. Vivia-se uma época conturbada e a Comissão pouco ou nada teve oportunidade de fazer. Apesar de tudo não deixou fechar a cooperativa.

Três anos depois António Campos, como natural da zona, empenhou-se na dinamização da cooperativa, concedendo-lhe empréstimos e apoio técnico. E para o efeito colocou na gestão homens da sua confiança.

«Antes de tudo decidimos restruturar todo o sistema de escrita e de contabilidade da cooperativa para que, no futuro, os seus directores se soubessem orientar. Resolvemos por isso comprar um computador que permite o lançamento contabilístico do movimento administrativo de uma forma rápida e eficaz. E com vista à viabilização económica da cooperativa deliberámos aceitar apenas sócios com um mínimo de dez acções subscritas...»

Dados os primeiros passos, no sentido de introduzir um pouco de ordem na confusão que era a cooperativa, pensou-se na melhor maneira de servir os sócios. Isto, no respeitante ao escoamento dos seus produtos e ao fornecimento dos factores de produção de que necessitam para as suas explorações agrícolas ou pecuárias.

Sorteio

Um dos métodos utilizados para a captação de novos sócios, aliás bastante discutível (já que incorre nas mesmas práticas do sistema capitalista) foi o dos concursos. Por cada mil escudos de compras no supermercado da cooperativa, os associados ficavam automáticamente habilitados a um sorteio, cujo prémio coincidia com uma viagem de oito dias à Madeira, para duas pessoas.

«Curiosamente o prémio saiu a pessoas muito pobres que nem sequer tinham ainda viajado de comboio...»

A Comissão Administrativa, porém, não se limitou a fazer este tipo de coisas que embora apresentem no imediato resultados positivos, correspondem, por vezes, a concepções falsas do que deve ser uma cooperativa e da maneira como conseguir implantação entre os agricultores.

«Decidimos também criar oito subsídios de bolsas de estudo para crianças, filhos de associados, economicamente débeis, tendo em conta que as escolas, nesta zona do interior, se situam a longas distâncias das aldeias...»

Esta medida já se enquadra mais na vocação de uma cooperativa, a sério. Tal como a ideia, posta em prática, de elaborar pequenas brochuras sobre elucidações básicas, de carácter técnico, a título gratuito.

O eng.º Macedo Pereira considera que a integração do ex-Grémio da Lavoura na cooperativa «veio beneficiar a sua dinâmica», embora lhe tenha acarretado um passivo de 400 contos, no momento já pagos pela Comissão Administrativa. A integração, no entanto, trouxe até junto da cooperativa muitos agricultores que dantes tinham contactos com o ex-Grémio.

«Outra das medidas adoptadas por nós e julgo que positiva foi a junção com a cooperativa de consumo. Facilitou a vida aos sócios e aumentou o movimento de vendas...»

Claro que o arranque da cooperativa implicou diversos investimentos, nomeadamente a recuperação de imóveis (bastante degradados), arranjo de telhados, compra de material e outros melhoramentos. Tanto na parte da comercialização como na agrícola, propriamente dita. Neste campo procedeu-se à recuperação das quintas da Tapada e Suágua, com o objectivo de activar as vinhas e os pinhais.

«Aliás agricultámos todo o espaço disponível, semeando feijão, milho, batata, horticultura e morangos. Produção que se destina ao fornecimento dos associados ou à venda no supermercado.

Dívidas

Apesar da pecuária não ser a actividade fundamental da cooperativa algo se fez em seu favor. E de que maneira? Intensificou-se a produção de frangos, recompôs-se o imóvel da pocilga «a fim de proceder ao cruzamento de raças puras (Large White e Land Race)», e foram semeados três hectares de pastagens, cedidas a pequenos ovinicultores associados da cooperativa.

«Recuperámos também o matadouro de Pinheiro dos Abraços, quer relativamente à construção quer no sector eléctrico...»

A comissão administrativa deparou, ao tomar posse do cargo, com dívidas, edifícios em ruínas, portas arrombadas, telhados a cair, vidros partidos, câmaras frigoríficas avariadas, quadros sem fusíveis... Enfim! Um panorama desolador.

Havia por liquidar ao Estado 7 398 000$00, provenientes de um empréstimo, sem que neste valor estivessem incluídos os juros. E ainda mais 3500 contos, obtidos, mediante uma conta caucionada na União dos Bancos Portugueses, quantia pedida para pagamento das quintas da Tapada e Suágua. Só as contas aos credores e entidades que forneciam produtos, somavam perto de 2500 contos.

«Encontrámos as instalações da cooperativa num estado lastimoso. Na sede de Oliveira do Hospital até chovia lá dentro. As quintas de Suágua e Tapada estavam em pousio e as estruturas de apoio à pecuária sujeitas a roubos e arrombamentos na medida em que nem sequer possuiam um guarda para as preservar de possíveis ataques».

Futuro

Segundo o eng.º Macedo Pereira a viabilização futura da cooperativa pressupõe uma série de medidas. Uma delas prende-se com o desbloqueamento das dívidas aos organismos oficiais. Outra hipótese encarada é a passagem das dívidas de 1977 até ao momento actual, para longo prazo, sobretudo no que diz respeito à resultante do contrato do IRA e do Crédito Agrícola de Emergência, a primeira no valor de 4000 contos e a segunda de 2000 contos. **«Seria importante criar também um Fundo de Maneio mínimo à Cooperativa que permitisse solver as dívidas aos credores particulares sem recurso à banca».**

Impõe-se ainda, na óptica do eng.º Macedo Ferreira a criação na cooperativa de um lugar de gestor, cujas funções seria assumir a total responsabilidade daquela quer no aspecto administrativo quer social. O referido cargo deveria ser atribuído a um dos directores da cooperativa «a tempo inteiro», por indicação ou com o apoio do Governo **«já que o Estado é o principal credor da cooperativa e seu principal investidor através dos empréstimos que lhe cedeu».**

No campo técnico o eng.º Macedo Pereira propõe que sejam feitos testes de pesticidas nas quintas da cooperativa, canalizando as indicações técnicas, aí recolhidas e adoptadas à região, para os associados. Quanto ao matadouro, o mais razoável seria transformá-lo em entreposto de frio, com aproveitamento das câmaras frigoríficas já existentes. Medida que vinha solucionar um problema que aflige os agricultores e que coincide com a conservação dos seus produtos. Actualmente os associados da cooperativa têm de recorrer a redes de frio, situadas a mais de 50 quilómetros de Oliveira do Hospital.

Apesar do empenho posto pela comissão administrativa da Cooperativa Agro-Pecuária da Beira Central na recuperação de uma obra, norteada por certos princípios ideológicos, uma dúvida subsiste no espírito do eng.º Macedo Pereira.

E que é esta: «Temos receio que isto venha a cair, de novo, nas mãos das forças da direita que certamente irão desvirtuar a nossa orientação...»

Lourdes Féria

Segundo o INE

Ano agrícola foi melhor do que diz o Governo

Milho, feijão, batata, arroz, maçã e pêra tiveram no último ano acréscimos de produção, de acordo com a folha mensal do Instituto Nacional de Estatística referente a Novembro.

Este foi um mês irregular, com grandes quedas pluviométricas na primeira semana, que declinaram na segunda e se tornaram praticamente nulas a partir da terceira.

Mesmo assim, pode dizer-se que as necessidades hídricas foram preenchidas e que as condições meteorológicas foram favoráveis à agricultura.

Praticamente concluídas as colheitas das culturas primavera-estivais, calcularam-se as produções de milho e feijão em 468 e 41 milhares de toneladas, o que significa acréscimos em relação ao ano anterior, embora os números se mantenham abaixo da média do decénio.

Para a batata, a produção será de 1115 milhares de toneladas, mais 10 por cento do que em 1979 e ainda um pouco mais do que a média dos dez últimos anos.

Em relação ao arroz, a produção foi avaliada em 155 milhares de toneladas, aumento sensível tanto quanto ao ano passado como quanto ao decénio.

Maçã e pêra tiveram produções calculadas em 128 e 59 milhares de toneladas, o que significa aumentos de 15 por cento.

O vinho, como se sabe, sofreu uma quebra de 33 por cento em relação ao recorde de hectolíteros, mesmo assim pouco menos do que a média do decénio.

Mas a castanha, com apenas vinte milhares de toneladas, sofreu uma quebra de 41 por cento em relação à média do decénio e a azeitona seguiu-lhe o exemplo com menos um quarto de produção.

A insuficiência de chuvas começava em Novembro a criar problemas às culturas forrageiras e a dificultar a alimentação dos gados, atacados, por outros lados, por focos de brucelose e febre aftosa.

UCPs de Portalegre denunciam

"A pressa dos senhores do MAP"

O Secretariado Distrital de Portalegre das Unidades Colectivas de Produção e Cooperativas Agrícolas protestou, em comunicado, contra a actuação de funcionários do MAP naquela cidade durante as entregas de reservas na zona, a que ontem fizemos referência. «Quando os trabalhadores da UCP Alterense procediam ao amanho da terra na Herdade da Tapada – refere o comunicado – apareceu um técnico do MAP com todo o apoio da GNR, dizendo aos trabalhadores: «desculpem não os termos notificado, mas têm que se ir embora, isto está entregue».

Aquele secretariado considera a actuação dos elementos dos Serviços de Gestão e Estrutura Fundiária (SGEF) «uma nova técnica do MAP e a prática de Cardoso e Cunha de, não comunicar às cooperativas, mas sim comunicar a quem lhes vai tirar as terras».

Linha de Vila Franca

Melhor a pé que de comboio

Por mais de uma vez se falou já nestas colunas dos constantes atrasos na linha de Vila Franca. Esses atrasos, a despeito da permanência com que se chama a atenção dos responsáveis da CP, desde o CG aos mentores da circulação, continuam degradantemente.

Ainda esta manhã isso sucedeu, com efeito, às primeiras horas, nos dois sentidos: de Santa Apolónia para Azambuja (comboio n.º 2807) e daquela vila para Lisboa (composição n.º 2810), esta última a circular com mais de 25 minutos de atraso. Grave o atraso e as centenas de pessoas que se alongaram, durante todo aquele tempo, pelas estações e apeadeiros do trajecto, **rapando** frio de respeito.

E agora que estamos com a **mão na massa,** que é como quem diz, que falamos da linha de Vila Franca (por certo que estes atrasos da CP se verificam noutros itinerários e percursos, para desgosto e impontualidade do seu utente), perguntamos a razão por que as retretes das estações em obras há já muito tempo continuam fechadas, com os inconvenientes que facilmente se adivinham. Aliás, também vai surpreendendo o utente (aquele que trabalha, que para o seu emprego utiliza a CP, que adivinha que uma boa maquia dos seus descontos e contribuições vai para esse fundo perdido que cada vez funciona pior e sem respeito por quem dela se tem de servir) a demora com que as obras decorrem.

Será que toda a propaganda inicialmente feita não visou outro objectivo que não fosse colher votos na mentalidade do ministro da tutela e, em particular, do secretário de Estado Miguel Anacoreta Correia (CDS)?

MECANICOS DE MÁQUINAS DE ESCREVER, SOMAR E CALCULAR

ADMITEM-SE

Av. João XXI, 12 r/c Esq. Lisboa

PUB.
EXTERNATOS
Séneca
Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º – Telef. 40092
Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º – Telef. 822776-823531

A inflação do ano passado deve situar-se entre os 16,5 e os 17 por cento

A inflaçao durante o ano de 1980 deve ter-se situado entre os 16,5 e os 17 por cento, segundo as estimativas elaboradas a partir dos números ja conhecidos dos primeiros onze meses do ano.

Estes numeros sao avançados por uma fonte do Banco de Portugal citada por um matutino de hoje e nos proprios ja o haviamos admitido em noticiario recente, sobretudo desde o momento em que o Instituto Nacional de Estatistica divulgou o indice apurado para os meses de Janeiro-/Novembro.

O Governo tinha apontado como seu objectivo prioritario, no Programa discutido na Assembleia ha exactamente um ano, o combate à inflaçao, batendo-se por um limite maximo de 20 por cento. Um ano agricola particularmente favoravel, que fez baixar substancialmente os preços na classe «Alimentaçao e bebidas» uma das que mais pesa no cómputo global da inflaçao, e o adiamento de alguns aumentos de preços, descarregados para 1981 tal como de outras, permitiram ao Governo cumprir os seus objectivos neste particular e ate com alguma folga.

O próprio ministro responsavel por este sucesso – e com ele por grande parte do sucesso eleitoral da AD no mês de Outubro – confirmou o número de 16,5 a 17 por cento para a inflação de 1980, se comparada a média de indices de preços de Janeiro-/Dezembro de 1980 com idêntica media de 1979.

- Cavaco e Silva glosou, alias, exaustivamente este tema numa entrevista concedida ao «Tempo» na hora de abandonar o barco de Balsemao e em que persiste em negar as acusaçoes da oposiçao e ate as opinioes de certos elementos influentes da coligaçao no poder, segundo as quais os seus indices contêm em si uma «inflaçao disfarçada».

A inflaçao teria sido sustida artificialmente, deixando vivos os germes para o grande salto nos preços que irao destruir todos os ganhos do sector no ano transacto.

Com a apresentaçao dos primeiros sinais da factura que o povo português vai pagar ao longo do ano que ora começa, Cavaco e Silva retira-se, desvinculando-se das responsabilidades e das consequências da sua politica e endossando-as a Pinto Balsemao e ao seu indigitado ministro das Finanças.

Um milhão de contos como ponto de partida

Capitais privados reagrupam-se numa forte Sociedade de Investimento

84 empresas importantes envolvidas, representanto 24 milhões de contos de exportações e lucros de 3,5 milhões

Terá o capital social de um milhão de contos a primeira sociedade de investimento a criar no nosso País ao abrigo da recente legislação que abre a particulares o mercado de capitais. O respectivo pedido de autorização foi entregue ao secretário de Estado do Tesouro, em 26 de Dezembro passado, sendo principal dinamizador da iniciativa o dr. Artur Santos Silva, ele também antigo secretário de Estado do Tesouro, no VI Governo Provisório.

Lideram o grupo das 84 empresas privadas que já aderiram à constituição da Sociedade a Auto-Sueca, a Coelima, os Fornos Eléctricos, a Riopele, Somelos, RAR, Sogrape e Têxtil Manuel Gonçalves, todas subscrevendo uma participação de 4,13 do capital social, máximo distribuido a cada sócio. Seguem-se, com participações de dois a três por cento, a Arsopi, Colep, Cotesi, Empresa Fabril do Norte, Empresa Industrial do Norte, Fábrica de Tecidos Lionesa, Inapa, José Francisco Justino Herdeiros, Lacto-Lima, Lacto-Lusa, Lusalite, Lusotur, Quintas e Quintas, Soja de Portugal, Empresa Industrial de Santo Tirso.

O capital social de um milhão de contos estará totalmente realizado quando da constituição da sociedade pelos accionistas fundadores, que neste momento têm já firme metade desse capital. Em 1979, as empresas já vinculadas ao projecto totalizaram vendas de 62 milhões de contos, dos quais 24 para o estrangeiro, representanto 16 por cento do total das exportações portuguesas com exclusão dos produtos agrícolas e 6,5 por cento dos investimentos no sector produtivo.

Nota-se entre os subscritores do capital social principalmente pelo volume de produção exportada, um forte peso do sector têxtil mas há outros sectores relevantes da actividade produtiva que ficarão ligados à Sociedade, tais como os de alimentação, bebidas, litografia, cabos eléctricos, calçado, porcelana e cerâmica, veículos de transportes, construções navais, cordoaria, cortiça, electrónica, materiais de construção, metalomecânica ligeira e pesada, metalurgia, papel, indústrias químicas, resinas, tapeçarias e alcatifas, fibras, vidro, comércio geral, construção e obras públicas e turismo.

Outras empresas importântissimas pelo volume de produção e de mão-de-obra empregada, como a Grundig, Ambar, Mague, Vista Alegre, Maconde, Somague e José Maria da Fonseca, fazem parte do grupo de fundadores. No total, as empresas já comprometidas com o projecto da Sociedade de Investimento apuraram, em 1979, lucros liquidos de 3,5 milhões de contos e 8,3 milhões de contos de «cash-flow».

A futura Sociedade de Investimentos prevê que algumas instituições financeiras estrangeiras, designadamente a International Finance Corporation e a Deutsche Entwiklungs Gesellschaft (DEG) se venham a associar ao projecto.

Está previsto, igualmente, que empresas das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, bem como alguns bancos estrangeiros, venham a participar na futura sociedade.

Contudo, refere o documento apresentado no Ministério das Fiananças, a participação portuguesa será sempre maioritária e deterá cerca de 70 por cento do capital.

Tanto a International Finance Corporation, ligada ao Banco Mundial, como a sociedade de desenvolvimento da Alemanha Federal (DEG) enviaram delegações a Portugal para avaliar o projecto e que fizeram saber que recomendariam a participação no capital da sociedade a constituir.

Segundo o requerimento apresentado à Secretaria de Estado do Tesouro a constituição definitiva da Sociedade de Investimento depende da participação daquelas duas instituições especializadas estrangeiras (a IFC e a DEG) estando também nos planos dos promotores a associação a instituições de crédito da órbita da CEE.

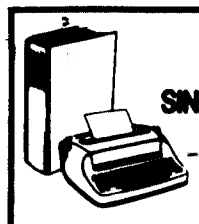
O financiamento de investimentos «que contribuam significativamente para o desenvolvimento económico e social» de Portugal e a promoção de «projectos de investimento numa perspectiva de desenvolvimento da iniciativa privada e de vantajosa associação de interesses nacionais e estrangeiros» são objectivos básicos da sociedade.

Também a dinamização do mercado financeiro, «melhorando os instrumentos de captação da poupança e a sua canalização para o mercado de capitais» são propósitos que a Sociedade de Investimentos se propõe atingir.

Os representantes da futura sociedade afirmam que, dando prioridade a tais objectivos «procurar-se-á dar resposta a algumas das necessidades mais sensiveis da economia portuguesa, designadamente a execução de uma política de desenvolvimento adequado aos desequilíbrios e à modernização requerida pela adesão de Portugal à CEE».

A dinamização da iniciativa privada, «em particular o lançamento de novos empreendimentos, bem como, a reestruturação e diversificação de empresas existentes», são também prioridades atribuídas à concretizada sociedade de investimentos.

A futura sociedade terá sede no Porto e sucursais noutras cidades, nomeadamente Lisboa.



SITESE
SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO E SERVIÇOS
POR UM SINDICATO DEMOCRÁTICO E INDEPENDENTE

COMUNICADO

AOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO E SERVIÇOS DO SECTOR DE FABRICANTES DE MATERIAL ELÉCTRICO E ELECTRÓNICO

NOVA TABELA SALARIAL A PARTIR DE 1 DE JANEIRO DE 1981

Como é do conhecimento de todos os trabalhadores do Sector, a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores de Escritório e Serviços (FETESE), apresentou em nome do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório e Serviços (SITESE) uma proposta de revisão da Tabela Salarial, separada da do Sindicato das Indústrias Eléctricas (SIESE). Em consequência, fizemos, igualmente, negociações separadas com os representantes do patronato (ANIMEE).

Quanto ao nosso sector e a mais alguns sindicatos representados pela FETESE, conseguimos chegar a acordo quanto à tabela salarial que adiante divulgamos.

TABELA DE REMUNERAÇÕES MÍNIMAS

GRAUS	VENCIMENTO ACTUAL	VENCIMENTO-1/1/81
0	23.750$00	29.150$00
1	20.700$00	25.400$00
2	19.200$00	23.550$00
3	17.700$00	21.800$00
4	15.650$00	19.250$00
5	15.000$00	18.450$00
6	13.200$00	16.250$00
7	12.150$00	14.900$00
8	11.700$00	14.400$00
9	11.100$00	13.600$00
10A	10.100$00	12.500$00
10	9.950$00	12.250$00
11	8.900$00	10.900$00
12	7.900$00	9.700$00
13	6.850$00	8.400$00
14	6.000$00	7.350$00

Lisboa, 2 de Janeiro de 1981

Pela DIRECÇÃO

Ensino

Professores do ensino especial ameaçam não recomeçar as aulas

A situação dos docentes do ensino especial a que fizemos referência numa das nossas últimas edições, assume particular gravidade, já que muitos professores ainda não receberam nem o subsidio de Natal nem o ordenado de Dezembro, de acordo com o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa.

Esta questão, que foi tema da última reunião das direcções sindicais docentes, realizada em Coimbra a semana passada, se não for resolvida nos próximos dias, poderá levar aqueles professores a decidir-se pelo não início das actividades lectivas normais, na abertura do segundo período escolar. E que, ainda segundo o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa «as responsabilidades do acto educativo não se compadecem com a situação de insegurança material que afecta presentemente milhares de professores».

Os professores do ensino especial estão dependentes do Ministério dos Assuntos Sociais e não do MEC. E tal acontece porque este tipo de ensino (a crianças e jovens deficientes) envolve um apoio reforçado do domínio da saúde.

Acontece que os referidos professores, na sua grande maioria em situação de destacamento no MAS, mantêm um vínculo contratual com o MEC e mesmo assim estão em situação de desfavor relativamente aos seus colegas que permanecem neste Ministério. O MAS não lhes reconhece os direitos a uma qualificação por antiguidade, com as consequências daí decorrentes: uma maior sobrecarga de trabalho e um salário substancialmente mais reduzido que, em certas categorias atinge uma diferença de quatro mil escudos.

O Supremo Tribunal Administrativo examinou a situação dos professores do ensino especial e em 22 de Maio estabeleceu um acórdão favorável aos docentes, no que se refere à reposição dos seus mais elementares direitos, mas o MAS continuou a ignorar essa decisão.

Ora o não reconhecimento dos direitos dos professores do ensino especial na progressão das suas carreiras, só tem como efeito a «fuga» destes docentes para o ensino normal, o que efectivamente tem acontecido. Só nos dois últimos anos, segundo estimativas sindicais, cerca de 150 professores do ensino especial solicitaram a cessação do destacamente no MAS e regressaram ao MEC.

Se tivermos em conta que existem em Portugal cerca de 96 mil crianças e jovens deficientes com menos de 16 anos, e que só cerca de 13 mil beneficiam de um apoio através do ensino especial, não se compreende o interesse dos titulares do MAS em manter uma situação injusta que só vem agravar ainda mais aquele sector, à partida gritantemente carecido.

Ano Propedêutico

Segundo informação do MEC, os exames da época excepcional do ano propedêutico realizam-se a 19 e 20 de Janeiro, destinando-se unicamente aos estudantes que tenham reprovado a uma – e só uma – disciplina curricular, seja nuclear ou complementar.

As provas realizam-se nos seguintes estabelecimentos, onde podem ser consultados os respectivos horários: Aveiro – Escola Secundária n.º 1; Beja – Escola Secundária n.º 1; Braga – Escola Secundária D. Maria II; Bragança – Escola Secundária Emídio Garcia; C. Branco – Escola Secundária Nuno Alvares; Coimbra – Escola Secundária Avelar Brotero; Evora – Escola Secundária André Gouveia; Faro – Escola Secundária Tomás Cabreira; Guarda – Escola Secundária Afonso de Albuquerque; Leiria – Escola Secundária Domingos Sequeira; Lisboa – Escola Secundária R. D. Leonor; Portalegre – Escola Secundária Mouzinho da Silveira; Porto – Escola Secundária Alexandre Herculano; Santarém – Escola Secundária de Marvila; Setúbal – Escola Secundária de S. Julião; V. do Castelo – Escola Secundária St.ª Maria Maior; Vila Real – Escola Secundária Camilo Castelo Branco; Viseu – Escola Secundária Emídio Navarro.

Nas regiões autónomas os locais serão oportunamente divulgados pelos respectivos governos regionais.

Holanda inicia presidência da CEE no meio de grave crise orçamental

A Holanda assumiu a presidência do Conselho de Ministros da CEE desde quinta-feira e até ao dia 30 de Junho, de acordo com o esquema de rotação semestral desta presidência, que decorre por ordem alfabética dos países membros.

A Holanda substituiu o Luxemburgo na presidência do principal órgão decisório da comunidade, bem como na direcção dos órgãos que dependem do Conselho de Ministros.

O governo holandês anunciou que, durante a sua presidência, a CEE impulsionará preferencialmente a ajuda alimentar aos países em vias de desenvolvimento e do Terceiro Mundo e pedirá aos seus «sócios» europeus que contribuam com 0,7 por cento do seu Produto Nacional Bruto para lutar contra a fome no mundo.

O comunicado do governo holandês considera necessário apoiar a indústria têxtil dos países pobres e criar uma reserva de produtos alimentares de 400.000 toneladas, para enfrentar as situações críticas de escassez.

RFA, França e Bélgica recusam-se a pagar

A Holanda assume a presidencia do Conselho de Ministros da CEE numa altura em que se agudiza a disputa de competências entre este órgão e o Parlamento Europeu, cada um pretendendo impor as suas decisões a propósito do orçamento das comunidades.

O Parlamento aprovou a 23 de Dezembro um orçamento suplementar de 475 milhões de unidades de conta para compensar os cortes feitos em 1980 nos programas de natureza social e para apoio à siderurgia comunitária. Este orçamento suplementar requer contribuições adicionais dos Estados membros para ser executado em 1981.

Este orçamento veio implicar gastos substancialmente maiores do que os acordados a 12 de Dezembro pelos ministros das Finanças dos nove, quando aprovaram o orçamento para 1981 e um orçamento complementar de ajuda à Itália, em virtude do sismo que recentemente assolou o Sul deste país.

Tanto o governo francês como o alemão federal e o belga já declararam não tencionar aumentar as suas contribuições para a comunidade relativamente às decididas pelo Conselho, o que impossibilita a implementação do orçamento suplementar aprovado pelo Parlamento.

Exactamente há um ano, produziu-se uma crise sem precedentes nas instituições comunitárias, quando o Parlamento recusou o orçamento aprovado pelo Conselho de Ministros.

A negativa do Parlamento à decisão financeira dos ministros dos nove foi interpretada como uma demonstração dos parlamentares no sentido de deixarem de ser órgão meramente consultivo.

A polémica sobre as competências do Parlamento foi agora reanimada numa altura em que a comunidade passou a contar com dez membros devido à admissão da Grécia como membro de pleno direito, a partir do dia um.

A adesão da Grécia

A entrada da Grécia é o primeiro passo no programado alargamento da comunidade aos países do mediterrâneo europeu, faltando agora concretizar as negociações em curso com Portugal e com a Espanha.

As autoridades portuguesas continuam a perspectivar a admissão para 1 de Janeiro de 1983, data inicialmente adoptada pela Espanha, que já reconheceu oficialmente um atraso nas negociações, apontando agora para 1 de Janeiro de 1984.

A adesão dos países da europa do sul, à Comunidade Económica Europeia terá reflexos novos e significativos na polémica em torno das finanças comunitárias, nomeadamente no capítulo do financiamento do orçamento.

A nova Comissão Europeia, que será presidida pelo luxemburguês Gaston Thorn, apresentará até Junho um programa para a reformulação das políticas orçamental e agrícola da Comunidade.

Estes países esperam beneficiar de financiamentos da CEE para apoiar o seu desenvolvimento económico, o que pressupõe uma transferência de recursos dos países mais desenvolvidos da Comunidade para os mais pobres, até para realizar um dos objectivos proclamados pela Comunidade, que é a redução das assimetrias regionais.

Estas expectativas estão bem patentes no discurso de quinta-feira do primeiro-ministro grego, a propósito da adesão do seu país à Comunidade: «Esperemos chegar à conclusão de que as vantagens económicas da adesão ultrapassarão em muito as desvantagens» – disse George Ralis.

Segundo Georges Contogeorgis, primeiro comissário grego na Comissão Europeia, a Grécia receberá, em 1981, o equivalente a 540 milhões de dólares dos diferentes fundos da Comunidade e contribuirá com 350 milhões, tendo um benefício líquido de 190 milhões de dólares.

A adesão da Grécia à CEE contou com a oposição do partido pan-helénico (PASOK) de Andreas Papandreou e do Partido Comunista do Exterior os quais obtiveram 35 por cento dos votos nas eleições de 1977.

O impacto imediato da adesão da Grécia à CEE poderá ser determinante para os resultados das eleições legislativas gregas a realizar no próximo mês de Novembro.

A situação dos reféns

Emissários argelinos entregaram propostas americanas

As conversações entre a delegação argelina que serve de medianeira entre o Irão e os Estados Unidos no caso dos reféns e as autoridades iranianas recomeçaram hoje em Teerão, soube-se de fonte informada.

Os três medianeiros argelinos, Abdelkarim Cheraieb e Redha Malek, embaixadores em Teerão e em Washington, assim como Mohamed Moustefai, governador do banco central da Argélia, que chegaram ontem à capital iraniana, entregaram à sua chegada aos dirigentes iranianos a última resposta americana às condições iranianas para a libertação dos 52 reféns detidos no Irão há 14 meses.

Nenhuma informação foi ainda filtrada sobre estas conversações que, precisa-se de fonte informada, prosseguirão ao longo do estudo por Teerão da resposta americana.

Por outro lado, sabe-se que Ronald Reagan, que será investido na presidência no próximo dia 20, defende que os EUA fixem um prazo limite para a aceitação da resposta iraniana às últimas propostas americanas.

Entretanto, o Irão avisou os Estados Unidos de que a sua posição não abrandará.

Em comentário transmitido pela rádio captado em Londres, o Irão afirma que o Governo americano não se mostra disposto a tomar medidas positivas para resolver a crise e libertar os reféns, ao mesmo tempo que «chora lágrimas de crocodilo» por causa da sua situação.

Simultaneamente a rádio iraniana reafirmou que os reféns serão levados a tribunal se os Estados Unidos não aceitarem as condições postas para a sua libertação.

O comentário iraniano atacou o Governo que está a ser formado pelo presidente eleito Ronal Reagan, classificando-o de «camarilha sionista» e disse que Reagan cometerá «um grave erro» se não apresentar uma solução para o caso dos reféns.

Belau: um novo país

As ilhas Palau, no Pacífico ocidental, a oitocentos quilómetros a leste das Filipinas, tornaram-se com o início de 1981 a mais jovem nação independente, com o nome de Belau.

A independência abre ao novo Estado a via para a dissolução, em meados deste ano, do acordo de tutela nos termos do qual os Estados Unidos governaram o arquipélago nos últimos trinta anos.

No entanto, Washington continuará a ter sobre a sua responsabilidade os domínios da Defesa e da política externa das ilhas.

Por outro lado, estas continuarão a receber dos Estados Unidos, até 1995, uma participação financeira da ordem dos 250 milhões de dólares.

Belau foi o último grupo de ilhas do Pacífico a ser administrado pelos Estados Unidos no âmbito dos acordos de tutela das Nações Unidas.

Com o conflito eurocomunistas/ortodoxos em pano de fundo

Está a decorrer importante congresso do PC da Catalunha

O Quinto Congresso do Partido Socialista Unificado da Catalunha (PSUC, ramo catalão do PCE), iniciou-se na quinta-feira em Barcelona num ambiente de conflito aberto entre eurocomunistas e ortodoxos, mais ligados à União Soviética.

Na primeira votação, acerca do próprio regulamento do congresso, o Comité Central, dominado pelos eurocomunistas, sofreu uma derrota, quando os cerca de 800 delegados exigiram, contra a posição do Comité Central, que as eleições para o próximo comité sejam feitas em público e na presença da Imprensa, e que os votos obtidos por cada um dos candidatos sejam tornados públicos. Aos olhos dos ortodoxos, este procedimento deverá evitar qualquer tentativa de manipulação dos resultados em seu detrimento.

Segundo as diversas delegações dos partidos comunistas estrangeiros convidados, é a primeira vez na história dos partidos comunistas que um tal processo é adoptado para eleger um Comité Central.

No seu discurso, o secretário geral do PSUC, António Gutierrez, que conseguiu até à data manter o equilíbrio entre as diversas tendências, afirmou que o eurocomunismo deveria ser «adaptado às realidades actuais» e criticou vivamente o «sector direitista» do partido.

Os eurocomunistas salientaram que Gutierrez se absteve de criticar a intervenção soviética no Afeganistão e consideraram que o seu discurso punha em destaque o reforço da linha pró-soviética no partido.

Os «pró-soviéticos», igualmente apelidados de «afegãos», pelo facto de apoiarem a intervenção soviética no Afeganistão, representam cerca de 40 por cento dos delegados ao congresso, segundo estimativas da direcção do partido.

A linha «pró-soviética», e partidários de uma independência total face ao PCE e particularmente crítica em relação ao secretário-geral Santiago Carrilho, cuja ausência pela primeira vez de um congresso do PSUC, foi muito notada. Os defensores dessa linha mostram-se particularmente severos em relação à «política de colaboração com o partido governamental» seguida, segundo eles, por Carrilho.

Para além destes duas correntes, a que é apelidada de «leninista» encontra-se próxima dos eurocomunistas no que se refere à política internacional do partido, mas recusa qualquer aliança com o partido governamental, preconizando uma política de aliança com os socialistas da Catalunha. Esta tendência é particularmente forte no seio das «Comissiones Obreras». Finalmente, a corrente «social-democrata», considerada como estando à direita dos eurocomunistas, perdeu muito da sua influência.

O PSUC passou de 40 mil militantes em 1977 para 21 mil em 1980, segundo os números da sua direcção. Representa cerca de 15 por cento do eleitorado catalão.

O presidente do PSUC, Gregório Lopez Raimundo, deu ontem claramente a entender que se demitirá se a linha «pró-soviética» triunfar no congresso.

Arménios ameaçam diplomatas suíços

O «Exército Secreto para a Libertação da Arménia» (ESLA) ameaçou hoje «atacar os diplomatas suíços em todo o Mundo» por alegados maus tratamentos que o governo de Berna dispensa a dois comandos arménios numa prisão de Genebra.

Os dois prisioneiros foram detidos pela Polícia suíça no dia 3 de Outubro quando uma bomba explodiu prematuramente no quarto de hotel onde estavam instalados. Um deles perdeu um olho e um braço na explosão.

O Exército Secreto da Arménia tem a partir daí acusado a Polícia suíça de tratar mal os prisioneiros.

Surgiu também um grupo guerrilheiro ligado ao ESLA designado «Organização de 3 de Outubro» que atacou um restaurante suíço em Beirute, acusando Berna de «apoiar o imperialismo americano e o regime turco».

O Exército Secreto da Arménia apelou à Cruz Vermelha Internacional, às organizações internacionais para os direitos humanos, à Amnistia Internacional para visitarem os dois prisioneiros arménios e inteirarem-se das suas condições.

«Damos duas semanas ao governo suíço para permitir àquelas organizações que observem os nossos prisioneiros e, se não lhes for concedida autorização, começaremos a atacar os diplomatas suíços em todo o Mundo recaindo toda a responsabilidade sobre o executivo de Berna» – ameaçou o grupo arménio num comunicado.

Os activistas arménios lutam desde há muito contra os representantes diplomáticos turcos no estrangeiro, pretendendo assim vingar a memória do milhão de arménios que foi morto pelos turcos no genocídio do princípio do século. O seu objectivo último é a libertação das províncias arménias integradas no território turco.

Inglaterra

Racismo aumenta

Os actos de violência e racismo contra judeus e africanos aumentaram «assustadoramente» em 1980 na Grã-Bretanha, denunciou a comissão britânica para a igualdade racial no seu relatório anual, publicado ontem em Londres.

O relatório refere-se a ataques verbais e físicos contra imigrantes não-europeus e contra estabelecimentos comerciais de judeus.

Os principais responsáveis desta campanha são os grupos neonazis «Frente Nacional» e «Movimento Britânico». As actividades destes grupos «são uma grave ofensa e um desafio aos mais altos valores da nossa sociedade», considera David Lane, presidente do Comité.

A organização refere-se ainda à proliferação de emblemas nazis e de cruzes gamadas nos estádios de futebol, sobretudo em Londres, onde certo público maltrata os jogadores não-brancos.

Em experiência na URSS

Prédios suspensos contra os sismos

Os cientistas soviéticos descobriram um novo modo de evitar que os edifícios sejam afectados pelos tremores de terra, suspendendo-os no ar com cabos de aço, noticiou hoje a Tass.

A experiência está em curso em Tashkent, capital da República do Uzbequistão, por iniciativa de arquitectos locais. Tashkent é uma região propensa a sismos.

Segundo a descrição da agência noticiosa soviética, está a ser construído na cidade um edifício de catorze andares que «será suspenso por pilares de cimento reforçado, de cinquenta metros de altura, capazes de suportar qualquer choque».

O prédio ficará pendurado de cabos com 150 milímetros de diâmetro.

No caso de um fortíssimo tremor de terra, as sacudidelas serão absorvidas pelos pilares e o edifício apenas oscilará, refere a Tass.

A agência acrescenta que o novo tipo de construção é menos oneroso que o dos tradicionais projectos anti-sismo e que o espaço imediatamente por baixo da casa pode ser aproveitado para estacionamento de viaturas e jardinagem.

FOTOCOPIAS
DESDE $60
Discoteca Filinto
Av. 5 de Outubro, 53-A
Telefone 53 50 40
Encadernações, plastificações e trabalhos em offset

CURSOS
MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
GRAVAÇÃO DISKETTES 3742
Recolha de dados p/computador
SISTEMAS IBM e UNIVAC
Início 7-1-81
DACTILOGRAFIA
EM MÁQUINAS MANUAIS
OU ELÉCTRICAS IBM
Início: todos os dias
Inscrições limitadas
EXTERNATO CONTINENTAL
Tel. 325652 - 364272
Rua do Arsenal, 100-1.º
1100 LISBOA

El Salvador

FDR apela à greve geral

A Frente Democrática Revolucionária que agrupa as forças oposicionistas de esquerda, fez um apelo à greve geral em apoio da «ofensiva final» que as forças de guerrilha se preparam para desencadear em El Salvador.

Os guerrilheiros que combatem a junta governamental anunciaram já estar na disposição de desencadear uma ofensiva em larga escala para tomarem o poder antes de Ronald Reagan entrar para a Casa Branca no próximo dia 20 de Janeiro. No entanto, não foi anunciada qualquer data para essa ofensiva geral.

Entretanto, a Frente Democrática Revolucionária anunciou a nomeação de Guilhermo Ungo como seu novo presidente.

Ungo, que chegou a fazer parte da junta governamental, substitui assim Enrique Alvarez, um dos seis dirigentes oposicionistas assassinados em Novembro por elementos da extrema-direita.

Bolívia

Conferência Episcopal denuncia suspensão de diário católico

A hierarquia católica boliviana reagiu ontem energicamente e interpretou o encerramento temporário do matutino «Presencia» como uma tentativa para calar a voz da Igreja e provocar uma rotura das relações Igreja-Estado.

Em dois comunicados, o Conselho Permanente da Conferência Episcopal da Bolívia acentuou a posição da Igreja Católica acerca do encerramento, por sete dias, do matutino «Presencia», decretado na segunda-feira pelo governo militar.

O encerramento do jornal surgiu na sequência da publicação de um conto na secção literária de domingo, intitulado «Mal de Olhos», que foi interpretado pelo governo como lesivo da dignidade da mulher.

Na segunda-feira, numa operação em que intervieram grupos armados civis e policiais, foram ocupadas pela força as instalações da Redacção, administração e tipografia de «Presencia».

Pouco depois, o ministro do Interior, coronel Luís Arce, decretou o encerramento do diário e anunciou que os responsáveis do conto «Mal de Olhos» seriam julgados.

O Conselho Episcopal Permanente afirmou nos comunicados que o conto, origem do problema, não responde à linha de «Presencia» e desaprovou a sua publicação, mas sem deixar de criticar a posição do governo.

Num dos comunicados informa-se que o director do matutino foi substituido na segunda-feira por revelar a fonte de uma informação sobre promoções militares.

Depois de manifestarem a sua solidariedade com o pessoal da Redacção, administração e tipografia, os bispos asseguraram que continuarão a proteger e a ajudar o diário que é propriedade da Conferência Episcopal e da diocese de La Paz.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

Reunida este fim-de-semana em Luanda

Cimeira da Linha da Frente prepara-se para a Conferência da ONU sobre a Namíbia

A fim de elaborarem uma estratégia comum para a Conferência de Genebra sobre a Namíbia, reúnem-se hoje em Luanda os Estados da Linha da Frente.

Segundo informação da agência noticiosa tanzaniana Shiata, o primeiro-ministro do Zimbabwe, Robert Mugabe, será um dos intervenientes da reunião deste fim-de-semana, ao lado dos primeiros-ministros de Angola, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e Botswana.

Em Luanda, os seis Estados da Linha da Frente combinarão a posição comum a adoptar em Genebra na conferência internacional sobre o futuro da Namíbia, que decorrerá de 9 a 14 de Janeiro.

Desde a proclamação da independência do Zimbabwe, em 18 de Abril de 1980, os Estados da Linha da Frente estipularam que o seu próximo objectivo seria garantir a independência do antigo Sudoeste Africano. Angola, que tomou a iniciativa de convocar a reunião de Luanda, manifestou recentemente a sua intenção de continuar a apoiar «firmemente» a SWAPO (Organização do Povo do Sudoeste Africano).

O «Jornal de Angola» manifestou contudo algumas reservas quanto aos resultados a esperar da próxima conferência de Genebra, já que a Africa do Sul, que participara na conferência «recusa desde há 33 anos» retirar do território que ocupa ilegalmente.

O jornal acrescenta que o Governo angolano «nunca renunciaria ao seu dever internacionalista» para com o povo namibiano «apesar dos sacrifícios» que essa posição implica.

O presidente Eudardo dos Santos afirmou no mês passado que as agressões do regime de Pretória, que não hesita em intervir em Angola para perseguir os combatentes da SWAPO, fizeram 1800 mortos, 3000 feridos e 7 milhões de dólares de danos materiais entre 1978 e 1980. A última dessas agressões data do passado dia 17 de Dezembro.

Conferência de Genebra

O secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, segue na segunda-feira para Genebra, a fim de presidir à abertura de conversações acerca do futuro da Namíbia, anunciou hoje um porta-voz das Nações Unidas.

Nas conversações, cujo início está previsto para quarta-feira, funcionários do Governo sul-africano sentar-se-ão pela primeira vez à mesa das negociações com membros da Organização do Povo do Sudoeste Africano (SWAPO).

Na reunião participam igualmente representantes dos Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, França e Alemanha Federal, bem como dos países da Linha da Frente e do Zimbabwe e Nigéria.

O plano para a Namíbia – governada pela Africa do Sul ao abrigo de um mandato da Sociedade das Nações, anulado pela ONU em 1966 – prevê a realização de eleições supervisionadas pelas Nações Unidas e o acesso à independência em fins deste ano.

Assassinado em Beirute alto responsável da OLP

Um alto responsável da segurança da Organização de Libertação da Palestina (OLP), o comandante «Reuben», Mohammad Ali Abul-Ala, foi morto na noite de 31 de Dezembro em Beirute «por agentes israelitas», afirmou ontem a agência palestiniana de informação «WAFA».

O responsável palestiniano foi interceptado numa das ruas do sector oeste de Beirute (sob influência palestino-progressista) por homens armados que dispararam várias rajadas de armas automáticas, soube-se de fonte segura.

Desmentidos massacres na Síria

A Síria desmentiu ontem a versão jordana e iraquiana de um alegado massacre de duzentos apoiantes da «Irmandade Muçulmana» pelas suas forças de segurança, na cidade de Aleppo.

Um alto responsável sírio classificou de «ridícula» a notícia, veiculada pelas agências noticiosas do Iraque e da Jordânia.

Recusando identificar-se, o mesmo informador acentuou que a versão «é tão ridícula que nem vale a pena comentá-la».

Citando viajantes não identificados chegados à Jordânia, vindos da Síria, a agência noticiosa local «PETRA» informara que a execução maciça dos seguidores da «Irmandade Muçulmana» – organização de fanáticos religiosos adversária do regime do presidente Hafez Assad – tivera lugar na passada semana na praça Masharkha, em Aleppo.

O responsável sírio que rechaçou a versão do «massacre» considerou ainda que esta era uma tentativa do regime jordano de «manchar a reputação das nossas forças armadas».

«Não estamos surpreendidos com o facto de alguns meios de informação inimigos do Ocidente aproveitarem a oportunidade para se juntarem na tentativa de manchar a reputação das forças armadas da Síria», comentou.

Aeroporto de Bagdade reaberto

A companhia de aviação do Iraque anunciou hoje a reabertura parcial do aeroporto internacional de Bagdade, encerrado desde o passado mês de Setembro quando começou a guerra com o Irão.

Segundo noticiou a Rádio do Kuwait, recomeçaram os voos regulares entre Bagdade e Amã, que serve de escala para os voos entre o Médio Oriente e as capitais europeias.

Chade

Habré diz que a guerrilha vai recomeçar

O ex-primeiro-ministro do Chade, Hissene Habré, chefe das Forças Armadas do Norte, reiterou ontem, em declarações à Rádio francesa, a sua decisão de continuar a lutar contra o regime de N'Djamena.

Habré, derrotado na guerra civil do Chade pelas tropas do presidente Gukuni Uedei, apoiadas pelo Exército líbio, encontra-se fora d país, mas desconhece-se se instalou o seu quartel general na Nigéria ou nos Camarões.

Nas suas declarações à Rádio francesa o chefe das Forças do Norte sublinhou que o seu pior inimigo não é nem o presidente Gukuni, nem nenhum outro líder chadiano, mas sim o Exército líbio.

Hissene Habré denunciou o apoio que os países de Leste ofecem ao regime líbio e afirmou que o material militar líbio é de origem soviética.

«As Forças Armadas do Norte estão praticamente intactas e continuarão a luta, mas mudando de táctica e passando à guerra de guerrilha», acrescentou o ex-primeiro-ministro.

As declarações de Habré não encontraram nenhum eco na Imprensa francesa e tão pouco em círculos oficiais, onde se dá por assente a consolidação do poder do presidente Gukuni Uedei.

Após a vitória na batalha de N'Djamena – a capital do Chade – o presidente Uedei obteve uma segunda vitória, esta diplomática, na Conferência de Lagos da Organização da Unidade Africana (OUA), que lhe permitiu reforçar as suas posições. Uma delegação do seu Governo foi entretanto recebida na Etiópia, em Moçambique e ontem mesmo, em Luanda.

A França, por seu turno, apoia estas decisões da OUA, se bem que continue pressionando o Governo de Tripoli para obter a retirada do Exército líbio do Chade.

Poluição em Atenas mata cada vez mais

A poluição atmosférica na região de Atenas atingiu proporções alarmantes nos últimos cinco anos, estando na origem de um número crescente de falecimentos, segundo um estudo efectuado pela Faculdade de Medicina local.

O número de pessoas mortas de doenças do coração, perturbações respiratórias ou circulatórias e mesmo de cancro, foi muito mais elevada em Atenas durante os três meses de Inverno destes últimos cinco anos, indica o estudo.

Por outro lado, as crianças que habitam nas zonas industriais dos arredores de Atenas apresentam no sangue uma percentagem muito elevada de chumbo, elemento que está na origem de atrasos no desenvolvimento mental e físico.

A Faculdade de Medicina de Atenas indica ainda que o cancro do pulmão é duas a quatro vezes mais frequente entre os habitantes das grandes cidades gregas.

Os principais factores de poluiçao avançados oficialmente sao o grande numero de viaturas e o aquecimento central dos edificios, ambos acentuados pela concentração de 45 por cento da população grega em Atenas e arredores. A poluiçao industrial encontra-se situada em terceiro lugar, enquanto a regiao de Atenas concentra três quartos da indústria grega.

TRIBUNAL JUDICIAL
DE LISBOA
11.º JUIZO CIVEL

ANUNCIO

2.ª Publicação

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e ultima publicação do anuncio citando os reus para no prazo de cinco dias, findo o prazo dos editos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: 124.000$00, juros vencidos até integral pagamento com custas e procuradoria condigna, ou para dentro do mesmo prazo, nomear à penhora bens suficientes para garantirem estes pagamentos.

Execução Sumária n.º 2366, 2.ª secção

Autor - Gasteco-Centro Tecnico de Gás, SARL, com sede em Lisboa, na Rua Tomás de Figueiredo, n.º 14-B e réu - Gentil e Oliveira, Ld.ª, sociedade por quotas de responsabilidade Ld.ª, com ultimas moradas conhecidas na Rua Republica da Bolívia, (antiga Estrada do Poço do Chao, Lote 3 - 5.º Dit.º, e na Estrada do Desvio, Lote 38, em Lisboa, respectivamente)

Lisboa, em 14 de Outubro de 1980

O Juiz de Direito
Assinatura ilegivel

pelo Escrivão de Direito

O Escrivão Adj.

César Augusto Garcia

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
hoje às 21,45h
em frente da porta do lado de fora
DE WOLFGANG BORCHERT
2º mês
DOMINGO SÓ ÀS 16H
2ºFEIRA DESCANSO
PRAÇA DE ESPANHA • M. PALHAVA
TEL 76 26 24 - SUB. DA S E C

POUPE
ELECTRICIDADE
Direcção Geral de Energia
Campanha de poupanca de energia

É MENINO OU MENINA?
MARIA DO CÉU GUERRA
ORLANDO COSTA
3.ª e Dom: 21h45
Dom. também 16H
T.: 686300
Textos: GIL VICENTE
dramaturgia e encenação
HÉLDER COSTA
música: ORLANDO COSTA
A BARRACA
Subsidiado pela SEC

"não deite papeis no chão"
CML

FOTOCÓPIAS
OFFSET
NA LUPA
CENTRO
COMERCIAL I.M.
P. LATINO COELHO, 12-A-B
TEL. 539365 539383
$59

América Central em balanço

Mundanças revolucionárias em perspectiva e riscos de ingerência estrangeira

A América Central apareceu em 1980 já definitivamente incorporada, como área crítica, no mapa das tensões internacionais, em virtude da consolidação de processos revolucionários que alteram o sistema de dominação imperante na região.

Ainda que a voragem dos acontecimentos salvadorenhos pareça relegá-la para um segundo plano, a revolução sandinista continuou a ser o ponto de referência na análise do novo equilíbrio no istmo.

Nicarágua

O Governo de reconstruçao nacional exibiu, num ano e meio, conquistas evidentes nas transformações da sociedade.

A economia do país, sustentada agora num importante sector público, atingiu as metas fixadas pela direcçao sandinista, que eram as de recuperar os níveis de produção anteriores à guerra civil.

A estabilidade interna do regime nicaraguense completou-se com uma política de mobilisação de amplos sectores populares e de fortalecimento das organizações de massas, impulsionada por acções colectivas como a campanha nacional de alfabetização.

Como se previa, a experiência nicaraguense comoveu as bases, já instáveis, de toda a sociedade centro-americana e obrigou a uma redefinição das políticas dos Estados Unidos na região.

William Bowdler, secretário de Estado adjunto norte-americano, admitiu, em Maio último, que na América Central «a velha ordem está a gastar-se sob as pressões combinadas de problemas socioeconómicas endémicos, as crescentes reclamações populares pela inovação e a incapacidade das elites tradicionais para fazer-lhes frente...»

Viron Vaky, o antecessor de Bowdler no cargo, foi ainda mais além, ao reconhecer o verdadeiro carácter da crise centro-americana.

Vaky disse que «os factores de instabilidade se encontram arreigados em vulnerabilidades e problemas estruturais básicos».

Por momentos, pareceu que a óptica realista que Washington insinuou perante o caso nicaraguense se estenderia ao resto da regiao e serviria de dissuasor às forças conservadoras dos outros países, opostas a toda a mudança.

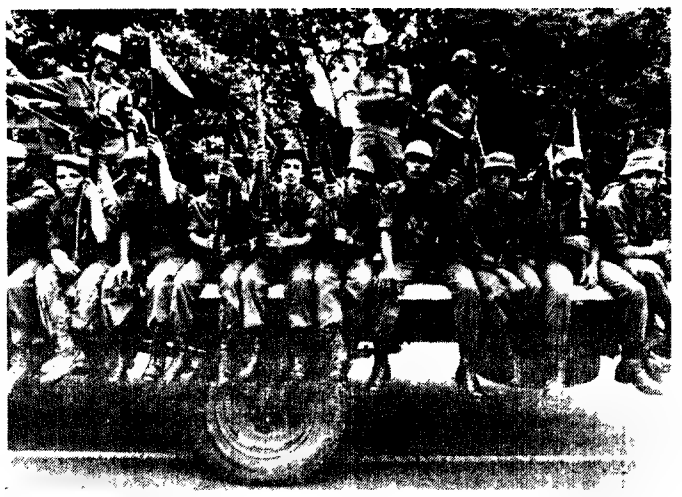
No entanto, a par de mostrar a complexidade dos interesses norte-americanos na região, os acontecimentos do ano evidenciaram que as forças mais conservadoras da América Central persistiam, e eram apoiadas, na sua aspiração de manter o sistema vigente.

El Salvador

O caso de El Salvador converteu-se no melhor exemplo. Em sucessivas crises, desde o início do ano, o Governo, surgido de um golpe de Estado contra o ditador Carlos Humberto Romero, foi perdendo o apoio dos sectores populares e democráticos.

A democracia cristã salvadorenha, também dizimada por sucessivas cisões, ficou no final do ano como último apoio dos militares conservadores, depois da saída da junta de Governo do coronel Adolfo Majano, considerado como um militar moderado, e da investidura de José Napoleon Duarte como o presidente.

No campo oposto, as organizações revolucionárias consolidaram uma ampla coligação pluralista, a Frente Democrática Revolucionária (FDR), reconhecida por importantes sectores internacionais, e que encara a formação de um Governo alternativo.



Nicarágua. Uma conhecida imagem da vitória sandinista

No plano militar, as organizações populares combatentes, lograram a unificação na Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional (FMLN), e ao concluir o ano incrementaram as acções bélicas com o lançamento de uma ofensiva geral, ainda em curso.

Distanciados icialmente, os sectores ultraconservadores salvadorenhos devolveram a sua confiança à junta militar democrata-cristã, à medida que eram mais explícitas as manifestações de apoio norte-americano ao Governo de facto.

A oposição democrática denunciou o conluio desses grupos de extrema-direita com as Forças Armadas, na acção repressiva desencadeada em El Salvador, e que, este ano, segundo a Comissão de Direitos Humanos do país, deixou um saldo de mais de 8000 mortos, entre os quais o arcebispo de São Salvador, monsenhor Oscar Arnulfo Romero, e seis membros da direcção da FDR.

Em vésperas de um provável desenlace, a situação salvadorenha reflecte que os grupos conservadores e os sectores externos tradicionalmente influentes, desanimam, à luz da experiência nicaraguense, e às alternativas reformistas para a região.

Guatemala

Na Guatemala, comprovam-no a perseção a dirigentes da democracia cristã e a demissão e o exilio do vice-presidente Francisco Villagran Kramer.

Além do mais, o panorama guatemalteco apresenta sinais de violência política muito parecidos aos de El Salvador, embora a situação não tenha chegado a níveis tão críticos.

As organizações democráticas acusaram o Governo do general Romeo Lucas Garcia de participação em acções repressivas, iniciadas este ano com o massacre de camponeses refugiados na Embaixada de Espanha, num acto de protesto, e continuadas com assassinatos de universitários, sindicalistas, sacerdotes e dirigentes opositores.

A Frente Democrática Contra a Repressão da Guatemala acentuou este ano a unificação das forças opositoras do país e recebeu o apoio da Internacional Socialista, enquanto que as organizações que actuam na clandestinidade, o Partido Guatemalteco do Trabalho (PGT), o Exército Guerrilheiro dos Pobres (EGP), as Forças Armadas Revolucionárias (FAR) e a Organização do Povo em Armas (ORPA), anunciaram haver conseguido a unidade.

Honduras

Nas Honduras, um processo de normalização institucional, iniciado pelo regime militar este ano, com a instalação de uma assembleia constituinte eleita por voto popular, pareceu entrar num compasso de espera perante os acontecimentos nos países vizinhos.

O presidente, general Policarpo Paz Garcia, deu mostras de solidariedade com os Governos da Guatemala e El Salvador, com a assinatura do tratado de paz hondurenho-salvadorenho, enquanto mantém frequentes atritos com as autoridades nicaraguenses pelo seu apoio à actividade de ex-militares somozistas em território hondurenho.

Costa Rica

Apesar da peculiaridade de manter vigente o sistema constitucional por várias décadas e de não ter exército, a Costa Rica não foi alheia à influência do reagrupamento da extrema-direita da região, operada face ao auge dos movimentos revolucionários.

Mesmo quando o presidente Rodrigo Carazo não esconde o seu anticomunismo militante, as forças conservadoras centro-americanas parecem querer cobrar-lhe o apoio que a Costa Rica deu à revolução sandinista e as respeitosas relações de amizade que mantém com as autoridades nicaraguenses.

Membros do Governo costa-riquenho e alguns porta-vozes da principal força opositora, denunciaram tentativas da direita do istmo para desestabilizar a democracia no país, com o apoio de sectores locais afins, revigorizados nos últimos tempos.

Carazo, que em alguns aspectos de política exterior se congratula de seguir uma linha independente, expressou a sua preocupação pelo perigo de que os acontecimentos do istmo desencadeiem uma intervenção estrangeira.

A consolidação sandinista na Nicarágua e a perspectiva doutras mudanças revolucionárias, convertem a região numa nova zona de desequilíbrio internacional, com os consequentes riscos de ingerência externa ainda mais agressiva, como o anotaram estadistas e observadores.

Precisamente neste momento crucial para a América Central, que se debate entre o avanço revolucionário e a ameaça intervencionista, o presidente do México, José Lopez Portillo, acaba de reclamar respeito «pelos processos internos dos países que querem definir-se, que são países de maioridade, capazes de autodeterminação».

(Andres Chinchilla da IPS, serviço ANOP)

Saúde

Mais vinte anos e a luta contra os vírus triunfará

Os maiores inimigos do homem são invisíveis a olho nu. São os micróbios, bactérias ou vírus, os primeiros pertencem ao mundo vegetal, enquanto os segundos são microrganismos intermediários entre a matéria e a vida.

Existem mesmo «micróbios moles» conhecidos por molicutos. A sua superfície nao é rígida e sao talvez bactérias degeneradas. Provocam doenças graves como a «pneumonia atípica». Se sao sensíveis aos antibióticos, chegam a ser mais rebeldes que as bactérias

A vingança dos micróbios

A partir da última guerra mundial, umas cinco dezenas de antibióticos fizeram recuar as doenças, dizimando as bactérias sensíveis: destruíam-lhes os ácidos nucleicos que, não tendo programa genético, deixavam de poder reproduzir-se.

Primeiro pensou-se que a batalha estava ganha, mas em breve se verificou que certas bactérias resistiam aos antibióticos. Desde 1964 que se sabe que se praticara uma espécie de selecção artificial dos micróbios e favorecido as espécies mais fortes. Manhosos, estes tinham inventado um sistema defensivo adaptado ao antibiótico aplicado.

Foi a vingança dos micróbios... Só recentemente se descobriu o segredo deles. Fixados no interior deles, estão as plasmidas, espécie de minicromossomas constituídos por ADN, e possuidores de genes. Estes codificam a sua reproduçao e a resistência a este ou àquele antibiótico. Fabricam entao um enzima que modifica a estrutura do antibiótico, tornando-o inoperante. Por vezes, um só enzima pode inibir várias antibióticos.

O mais grave é que as bactérias inteligentes que possuem plasmidas podem trasmitir a «cópia» a outras que as não têm e torná-las por sua vez resistentes.

Vitória próxima

Actualmente modifica-se a estrutura dos antibióticos co-

nhecidos a fim de os enzimas bacterianos não poderem destrui-los. E uma réplica provisória visto que há bactérias que já se adaptaram a estes novos produtos. Que nos reserva o futuro?

Outro combate difícil é o que se trava contra os vírus: serao precisos bem uns vinte anos de luta para atingir o objectivo.

Os vírus são constituídos por um ácido nucleico (ARN ou ADN) prisioneiro de um invólucro de proteínas.

Contra alguns deles já se encontrou precaução: há vacinas contra a variola, a raiva, a poliomielite, febre amarela, sarampo, rubéola, a gripe, papeira. Uma próxima vitória já anda no ar: conseguiu-se finalmente isolar o vírus da hepatite A e a vacina contra a hepatite B está a ser experimentada nos chimpazés e sê-lo-á em breve, no homem.

A arma absoluta

Duas novas vacinas contra a raiva estao prestes a ser completadas: com elas as doses serão diminuídas e os efeitos secundários suprimidos.

A química oferece poucas substâncias antivirais e elas agem contra um único vírus em cultura celular: a metrazona, a amentadina, a citosina arabinosida. No entanto, descobriu-se há pouco uma droga miraculosa, a virazola, produto de síntese em experiência actualmente nos Estados Unidos, e com largo espectro de acção.

A arma absoluta contra os vírus é talvez o interferon descoberto em 1957. E uma proteína sintetizada por células infectadas em todos os vertebrados. Se é específica de uma espécie, protege as células desta espécie contra toda uma série de vírus.

O interferon é segregado em fracas quantidades, mas espera-se conhecer proximamente a sua estrutura a fim de o sintetizar massivamente. Neste momento, a sua purificação avança.

Falta assinalar aqui a descoberta recente de M. Beljanski, no Instituto Pasteur. Trata-se também de uma nova arma, que se mostrou activa 100 por cento em várias doenças dos animais. Consiste num fragmento dum ácido nucleico, chamado «ARN transformador» que, injectado no organismo infectado, reprime o poder patogénico dos vírus, impedindo assim a sua proliferação. Beljanski experimentou um primeiro antiviral que se mostrou activo nos animais contra os vírus do fibroma e da vacina.

A luta vai continuar e podemos estar certos que dentro de vinte anos todos os vírus estarão vencidos. Poder-se-á mesmo escolher entre várias drogas miraculosas para chegar a determinado fim.

Desporto

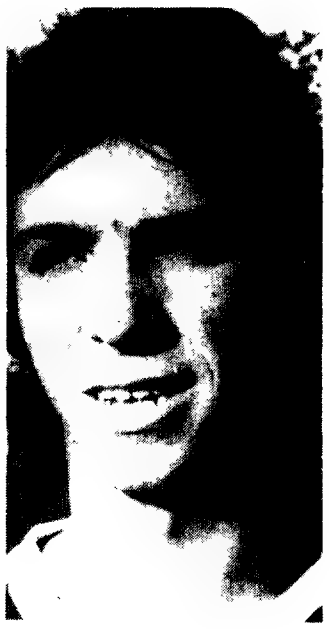
Taça de Portugal

Sporting visita homónimo para decidir quem fica

A deslocaçao do Sporting (de Lisboa) ao Sporting (de Braga) suscita a atençao maior dos desafios da Taça de Portugal a «irem para os campos» este fim-de-semana. Dos dois Sportingues um continuará na Taça, o outro ficara pelo caminho, contentando-se com a disputa do Campeonato Nacional. Dos restantes encontros envolvendo equipas da 1.ª Divisão, nenhum se pode considerar «sensaçao», à partida, dada a desvantagem dos «confrontos», a favorecerem os «maiores».

Três dos 63 jogos da eliminatoria do fim-de-semana da taça de Portugal de futebol foram adiados para os dias 14 e 15, devido a dificuldades de transporte entre os Açores a Madeira e o continente. Os encontros Vasco Gama – Lusitânia Açores e Uniao Madeira – Varzim foram adiados para dia 14 às 21 horas em Sines e no Funchal, enquanto o desafio entre o Feirense e o Lusitânia Açores disputa-se, no dia seguinte à mesma hora, em Vila da Feira.

Os cancelamentos dos jogos foi devido a dificuldade na obtençao de passagens aéreas, para as equipas entre o continente e as ilhas, e vice-versa. A outra equipa insular presente na taça, o Nacional Funchal, assegurou a tempo a compra dos bilhetes de avião, de modo que estará amanha em Lisboa para defrontar o Oriental.



Gomes de regresso ao FC Porto. Mas em que condições?

Na eliminatória (primeira da segunda fase) entram já os clubes da 1.ª divisão, mas o sorteio só proporcionou um acasalamento entre formações do escalao principal, o Sporting Braga e o Sporting Lisboa, cuja partida se disputa amanhã em Braga.

O Uniao Coimbra, ficou isento da eliminatoria.

Hoje jogam: (15 horas): Alcanenense-Fafe. U. Santarém-Estrela de Portalegre, Comércio e Indústria-Ac. de Viseu. Boavista-Estoril Praia e Taipas-Paços de Ferreira.

Calisto à frente do Boavista

O treinador adjunto do Boavista Henrique Calisto vai orientar a equipa de futebol profissional do clube enquanto não for concluido o inquérito que a direcçao instaurou ao técnico principal Antonio Teixeira. Esta decisao foi tomada à noite no hotel onde a equipa se encontra em estágio para o encontro de hoje com o Estoril-Praia, para a Taça de Portugal, após uma consulta da direcçao a todos os jogadores.

Inicialmente, os atletas Artur e Eliseu foram os escolhidos, mas seria o próprio Artur a alertar o presidente Taveira da Mota para a «necessidade de reconduçao de Henrique Calisto», depois de o seu pedido de demissao ter sido recusado. Entretanto, o treinador Antonio Teixeira, comentando a decisao directiva, afirmou que «Quem não deve, nao teme». «Estou perfeitamente ranquilo» assegurou Teixeira. «Só me resta auardar serenamente o desenrolar dos acontecimentos acreditando antecipadamente na honestidade das pessoas que vao instaurar o inquérito» acrescentou.

Teixeira considerou que «Henrique Calisto é nesta altura o homem certo no lugar certo, pois está perfeitamente identificado com os atletas» e mostrou-se convicto de que «o resultado do inquérito em nada pode alterar a sua posiçao de treinador principal do Boavista».

Justiça federativa: Ac. Viseu na liça

Fernando (Ac. de Viseu) foi punido com cinco jogos de suspensao, segundo deliberaçao do Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol por «injúrias ao adversário, agravado por sucessão». Por «comportamento incorrecto» foram suspensos por um jogo: Fonseca (Belenenses), Festas (Guimarães), Melo (Ac. Viseu) e Correia (Penafiel). Nesta coisa dos castigos o Académico de Viseu continua a ser vizado: Também o treinador da equipa, José Moniz, foi suspenso por quinze dias e sujeito a uma multa de 5250 escudos, «por interferir no decurso normal do jogo».

Gomes: tendinite não o larga

O futuro de Gomes (actualmente ao serviço do Gijon) parece ensombrado devido a uma tendinite que persiste em não ser tratada satisfatoriamente. Segundo fontes directamente ligadas ao clube espanhol das duas uma: ou Gomes é operado (sem que mesmo assim haja garantias plenas da sua recuperação) ou poderá regressar ao FC Porto.

Jaime Lopes (possível reforço directivo para o futebol de Alvalade) e José Maria Canhoto, conversam com um responsável da selecção nigeriana que acompanhou Otto Glória a Portugal

Holandeses no Algarve

O MVV de Maastricht, 5.º classificado do campeonato holandês de futebol, jogará em Portimão e Faro. A equipa holandesa que vem estagiar no Algarve, na próxima semana, defrontará o Portimonense, dia 6, à noite, e o Farense, dia 8 também à noite.

O MVV chega ao Aeroporto de Faro amanhã.

"Mundialito"

Uruguaios acreditam na tradição para vencer a Itália

A Italia vai enfrentar, hoje, a loucura dos adeptos uruguaios apoiando a sua equipa para a vitoria que lhe garanta a presença na final do «Mundialito» no dia 10.

Enquanto os italianos realizam o seu primeiro jogo na competiçao, os uruguaios contam já dois pontos, correspondentes ao triunfo (2-0) sobre a Holanda na partida de abertura do torneio comemorativo do cinquentenário do Campeonato Mundial de Futebol.

Os uruguaios, que acreditam muito na tradiçao, estao convencidos que este torneio será uma repetição da fase final do «Mundial» de 1930, quando conquistaram o titulo, derrotando a vorita Argentina.

Os actuais camepoes do undo deram um grande passo ara a final ao derrotarem a Alemanha Federal por 2-1 no dramático jogo de quinta-feira, mas vao enfrentar um poderoso adversário no domingo: o Brasil, único pais que conquistou o titulo mundial por três vezes.

O seleccionador italiano Enzo Bearzot nao concorda com as previsoes uruguaias e considera que a sua equipa tem grandes hipóteses de vencer o Grupo «A», apesar de se encontrar desfalcada.

O optimismo de Bearzot foi reforçado com a total recuperaçao do «libero» Gaetano Scirea, lesionado numa tibia.

A presença de Sciera no centro da defesa italiana é muito importante para Bearzot, devido à ausência do titular Fulvio Collovati, que o Milao não cedeu para o «Mundialito».

Bearzot mostrou-se muito impressionado com a equipa uruguaia após a partida com os holandeses, realçando o seu colectivismo e «poder e sincronização do ataque».

«E difícil dizer qual é o seu melhor jogador, mas fiquei muito impressionado com Ruben Paz, Venâncio Ramos, Waldemar, Victorino e Hermes Moreira», comentou o técnico italiano.

Pelé viu e comenta

Pelé viu o encontro de futebol entre a Argentina e a RFA através da televisao e concluiu que a selecção brasileira tem de jogar ao ataque contra os campeões do mundo para o «Mundialito».

«A defesa argentina, na opinião de Edson Arantes do Nascimento (Pelé), comete muitos erros e permite que o adversário crie muitas oportunidades, como sucedeu contra a Alemanha Federal.»

Reforçando a tese de que o Brasil deve jogar permanentemente ao ataque, no jogo contra a Argentina, no domingo em Montevideu, Pelé recordou que os jogadorès argentinos geralmente ficam receosos quando defrontam os brasileiros e citou, como exemplo, o desafio do Mundial-78, que terminou empatado a zero bolas.

Nesse jogo, sustentou Pelé, o Brasil poderia ter ganho se tivesse pressionado mais.

Pelé considerou injusto o triunfo da Argentina sobre a Alemanha Federal, por 2-1, pois em sua opiniao **a RFA jogou melhor e, no máximo, poderia consentir um empate.**

A única vantagem da Argentina foi lutar até ao fim, ja-

Continua na pág. 15

O traço de Pargana

Plano nacional de desenvolvimento do desporto

Ninguém pode negar ao professor José Lopes Marques, estudioso dos fenómenos desportivos promovido pelo autêntico mérito a director do Instituto Nacional dos Desportos e, mais recentemente, elevado ao cargo de director-geral dos Desportos, a virtude de viver apaixonadamente a sua condição de amante da Educação Física, sempre (inegavelmente) tentando remar contra o marasmo que, mau grado sucessivas afirmações de entidades governamentais, tende a ancilosar este pobre desporto que vê os anos chegarem e as soluções tardarem.

«Plano nacional de desenvolvimento do desporto» é uma linha de rumo adoptada para a DGD, em tarefa onde (como escreve Lopes Marques) **o olhar retrospectivo sobre o que tem sido a orientação do desporto português confronta-nos com um vazio de planeamento e de documentos orientadores.** De facto neste País eternamente adiado, vogando ao Deus dará sobre soluções-remendos de emergência, o Desporto não poderia fugir à regra: o professor Lopes Marques, sonhador ou utópico (o tempo o dirá) debruça-se sobre a árvore genealogica que era preciso criar e preconizar caminhos e metas, apontando a dedo carências e falências, pesquisando no pormenor talvez o cerne de uma derrota, de um fracasso que não poderá repetir-se. O seu **plano nacional de desenvolvimento do Desporto** é empresa arrojada e, como tal, ficará em livro até às Calendas, pois não se acredita facilmente que, em meia dúzia de anos e sem dinheiro (muito dinheiro e muito trabalho) se consiga acertar o passo desportivo, sequer aqui com a vizinha Espanha que, como se sabe, galopa perante o trote moderado da nossa **pileca.**

Toda a estrutura desportiva tem absoluta necessidade de uma sacudidela de alto a baixo. Não é com efémeras campanhas de sensibilização que se catequizam as massas de que devem respeitar árbitros e companheiros de luta, de que não deve encaminhar-se para as secretarias ou para os congressos o ódio político que coloca frontalmente em atitude belicosa amigos e parceiros de festa antiga. Nem poderá ser nesses areópagos, entre duas lautas refeições, que o desporto (manejado quantas vezes em palavras totalmente impensadas) poderá encontrar os percursos até à sua clarificação moral.

Sabe-se bem, sabemo-lo todos, como se movimenta Portugal no campo desportivo. Como foram preenchidas posiçoes-base da sua estrutura, quase sempre em abdicaçao da competência para se promoverem hierarquicamente os servidores deste ou daquele simbolo. Chegou-se ao ponto de, para a chefia do executivo de determinada federação de alta projecção, um clube de grande gabarito não encontrar nas suas fileiras figura de prestígio e valor para, com aplauso unânime, preencher o lugar.

A violência e a drogagem imperam, campeiam à solta, embora se diga em cada dia que desfila que haverá severos controlos: afinal, testes que (em todas as disciplinas do desporto português) apenas recaem durante a ciclista «Volta a Portugal», duas semanas em que toda a gente se assanha contra comprimidos e mistelas, para logo se fazer vista grossa em todo o resto do ano e, seja em futebol como no andebol, no hóquei como no basqueteboi, no atletismo como na natação, logo fique a pairar a total pureza que não enriquece os treinadores mais ávidos de títulos.

Bem tenta pregar frei Tomás, talvez falando para o deserto. Prouvera que os ideais, o sentido de quotidianamente se aperfeiçoar, a vontade de levar a sua nau a bom porto, possam ajudar José Lopes Marques a concretizar a audácia do seu plano. Mas, daqui, jogamos dobrado contra singelo a pagar na hora da inauguraçao: vai uma aposta professor, que o plano fica **só** em livro?

Neves de Sousa

"Mundialito"

Continuação da pág 14

mais se entregando, e o Brasil, se quiser vencer, tem de jogar com muita determinação do princípio ao fim, concluiu.

Regulamento diz

O regulamento divulgado pelos organizadores do «Mundialito» estipula que se duas equipas do mesmo grupo obtiverem o mesmo número de pontos, será finalista a que tiver melhor «gool-average».

Se, porventura, a diferença entre golos marcados e sofridos for idêntica, classificar-se-á a que tiver mais golos obtidos. No caso de persistir a igualdade, será vencedora a equipa com menos golos sofridos. Se, mesmo assim, a situação não se alterar, o desempate será feito por sorteio.

Para a final do torneio no dia 10, entre os vencedores de cada grupo o regulamento é diferente. Se o encontro terminar empatado ao fim dos 90 minutos de jogo, haverá um prolongamento de 30 minutos. No caso de o empate subsistir, proceder-se-á à marcação de grandes penalidades.

O regulamento acrescenta ainda que as queixas, protestos e incidentes serão resolvidos em primeira instância pelo comité organizador.

Maradona dá conferência

O futebolista argentino Diego Maradona declarou estar «pronto a estudar todas as possibilidades de transferência», numa conferência de Imprensa que deu ontem num grande cinema de Montevideu.

«Estou ligado por um contrato com o «Argentinos Juniors» até 1982», declarou Maradona. «Mas depois do Campeonato Mundial de Espanha estarei livre de qualquer compromisso. Com o meu clube estudarei então todas as ofertas que me forem dirigidas, quer venham de Espanha, de Itália ou de qualquer outro sitio».

A propósito de um eventual contrato já assinado com o Barcelona, Maradona mostrou-se categorico: **nada assinei com esse clube espanhol,** confessou.

Durante mais de uma hora Diego Armando Maradona foi «bombardeado» com as perguntas mais diversas, como: dinheiro – **não penso nisso, sou futebolista e só me consagro ao futebol. E o meu empresário que se ocupa das questões monetárias. O mais importante: A felicidade da minha família.**

«L'Equipe» denuncia em força

O diário desportivo francês «L'Equipe» criticou a influência negativa exercida pelas empresas comerciais no futebol internacional, a propósito da organização do «Mundialito» de Montevideu.

«L'Equipe» mostrou-se particularmente indignado com a recente conferência de Imprensa dada pelo futebolista argentino Diego Maradona num cinema de Montevideu, patrocinada pela «Coca-Cola».

Necessitarão os jornalistas da ajuda dos circuitos comerciais para entrevistarem uma «estrela do futebol», interroga o diário desportivo, acrescentando o perigo desta dependência económica.

O «L'Equipe» considera ainda imoral a gradual «exploração lucrativa», do futebol pelos «homens de negócios» que, segundo afirma, violam totalmente as regras básicas da autonomia desportiva.

Na mesma edição, são igualmente criticadas as dificuldades criadas aos mil e trezentos jornalistas estrangeiros encarregados de cobrirem o torneio no Uruguai.

As instalações para as conferências de Imprensa são limitadas, os fotógrafos são excluídos e a organização é péssima, acrescenta o diário parisiense, que cita ainda a deficiente informação desportiva fornecida aos jornalistas presentes.

«O futebol é para os que têm fome»

Os futebolistas da selecção holandesa, que disputam o «Mundialito» têm uma vida cómoda, são proprietários de grandes casas e automóveis «sport» e nenhum trabalha, afirmou o seleccionador Jan Swartkruis.

O responsável pela equipa holandesa criticou os seus jogadores pela derrota frente ao Uruguai, que se deveu, afirmou, **à sua falta de classe.**

Swartkruis considerou **um problema social, motivado pelo alto nível económico da Holanda,** a falta de combatividade e agressividade evidenciada pelos seus jogadores.

Eles percorreram as mesmas etapas que todos os outros até chegarem a profissionais, mas fizeram-no desafogadamente. O futebol é para os que têm fome, para os que realmente precisam muito de dinheiro, afirmou.

Copa plagiada?

O ourives argentino Martin Baza contestou a originalidade da «Copa de Oro», troféu em disputa do Mundialito de Montevideu, afirmando constituir plágio de uma obra sua. Baza (54 anos) revelou, em Buenos Aires, que os seus advogados seguiram para Montevideu para procederem judicialmente e que já enviou um telegrama de protesto ao presidente da Federação Uruguaia de Futebol Yamandu Flangini.

A obra de Baza é uma estatueta, cujas réplicas foram entregues em 1980 aos «Desportistas do Ano», na Argentina, o remador Demidi e o jogador de golfe De Vicenzo. O troféu «Copa de Oro», da autoria do artista Walter Pagella, será entregue dia 10 ao vencedor da competição que decorre em Montevideu com as selecçoes da Alemanha Federal, Argentina, Brasil, Itália, Holanda e Uruguai.

Baza disse que é comum «os que se fazem chamar de criadores» copiarem, através de catálogos, modelos de artistas europeus e orientais, mas considerou um absurdo que alguém se lembre de copiar um artista de um país vizinho. No telegrama enviado a Flangini, Baza impugna a entrega da taça «por plágio, reservando o direito de accionar judicialmente por danos e prejuízos morais».

Arcebispo comenta

O arcebispo de São Paulo mostrou-se mais preocupado com os problemas da defesa do que com a situação do ataque da selecção brasileira de futevol que participa no Mundialito.

Interrogado pelos repórteres de uma rádio de São Paulo, o cardeal Paulo Evaristo Arns, entusiasta do futebol, disse confiar no guarda-redes João Leite e no central Oscar, mas mostrou-se receoso «porque há sempre um argentino ou um alemão disposto a marcar um golo. Nao me preocupa o facto de Sócrates se encontrar lesionado, porque entendo que Sérginho e Renato formam um ataque mais realista.

«A minha preocupação (reiterou) é a defesa, porque, segundo creio, os jogadores deveriam passar a bola com rapidez e em profundidade em vez de tentarem sair da defesa com o esférico nos pés e só depois o passarem aos homens do meio campo».

Para o cardeal de São Paulo, «o povo brasileiro precisa de espectáculo e mesmo que a equipa perca era preferível que praticasse um futebol bonito».

Basquetebol

Benfica-Sangalhos: redenção "encarnada"?

O Benfica anda à procura de um resultado «significativo» no nacional da 1.ª divisão de basquetebol de que se disputaram dez jogos. Cinco vitórias e igual número de derrotas é o saldo medíocre para as suas aspirações) da turma «encarnada». E se se acrescentar que quatro derrotas se verificaram na Luz, então o futuro torna-se mais nebuloso para os «Aguias» que têm uma segunda volta particularmente desfavorável. Estão comprometidas, não se duvide, as possibilidades de o Benfica se classificar até ao 6.º lugar que apura para a fase final dos primeiros. Mas há ainda tempo para recuperação, que até poderá começar hoje. Os «Aguias» defrontam o Sangalhos, um dos adversários «ideais» através do qual, se a vitória sorrir à equipa da Luz pode levantar-lhe o moral nos jogos futuros. O campeonato «precisa» de um Benfiça na plenitude dos seus recursos e na linha do seu passado valoroso. Arriba Benfica. Os bairradinos têm os seus pontos fortes. Será especialmente difícil anular a vincada acção que o norte-americano Bill desenvolve na equipa. Parece-nos que terão que começar por Bill as preocupações do técnico da Luz.

O FC Porto tem no Barreirense (hoje) e especialmente no Atlético (amanhã) dois adversários difíceis. Mas, pese todas as capacidades dos barreirenses e nomeadamente dos alcantarenses, nas Antas, batido já o Sporting, não vemos quem possa vencer. O Ginásio Figueirense defronta amanhã o Sangalhos, jogo muito susceptivel de vencedor muito duvidoso. Na sua viagem ao Norte, o Atlético e o Barreirense também defrontam o Olivais, aqui com possibilidades para os dois grupos do Sul conseguirem resultados vitoriosos. Mas os olivanenses não deixarão de oferecer luta bastante entusiástica.

A dupla jornada por conveniência da programação do plano geral de provas terá quatro jogos adiados, segundo informação que obtivemos ontem da federação. São eles: Sporting-Cruzquebradense e Algés-Oriental (adiados de hoje para terça-feira) e Algés-Cruzquebradense e Sporting-Oriental (adiados de amanhã para quarta-feira). Os jogos marcados para este fim-de-semana, são os seguintes: Hoje: FC Porto-Barreirense (18 e 30), Olivais-Atlético (18), Benfica-Sangalhos (18 e 30) e Ginásio-Ovarense (18). Amanhã: Olivais-Barreirense (17 e 30), F.C.Porto-Atlético (17), e Ginásio-Ovarense (18). Amanhã: Olivais-Barreirense (17 e 30), FC Porto-Atlético (17), Ginásio-Sangalhos (17 e 30) e Benfica-Ovarense (17 e 30).

Andebol

Passos Manuel-Benfica: Sporting à espreita

Afigura-se que não irá ser muito fácil para o Benfica o seu jogo de hoje, contra o Passos Manuel, no rinque deste, na 13.ª jornada da fase de apuramento do nacional da 1.ª Divisão de andebol. Os «encarnados» no último sábado, visitados pelo Encarnação, não foram além de um empate, desfecho que requer alguma meditação para a saída de hoje do «guia» ao terreno de um grupo necessitado de pontos para a tentativa de qualificação entre os quatro primeiros. Entretanto o Sporting, subguia a um ponto do rival, é visitado pelo Estrela da Amadora, um dos penúltimos, o que, numa apreciação linear, não ocasionará quaisquer problemas aos «leões», que deverão triunfar sem inquietações. O Belenenses, saudoso vanguardista da modalidade, situado num modesto lugar (embora com menos um jogo) desloca-se para defrontar o Estefânia, este numa posição ao fundo da tabela que começa a preocupar quanto à sua manutenção e entre os «maiores» e os «azuis», em fase de recuperação que não se compadece com adiamentos, visto que está em perigo a sua qualificação no quarteto de primeiros. Jogo susceptível de bom despique. Nos outros desafios, Almada, Cascais e Encarnação dispõem de favoritismo, posto que defrontam equipas bastante mal classificadas e que como visitantes não reúnem, em princípio, possibilidades de êxito.

Ao Norte, o «guia» cem por cento vitorioso, FC Porto, dará fácil continuidade à sua carreira invicta. De entre os primeiros parecem-nos ser o Desp. Portugal e o Sp. Espinho a enfrentar problemas mais difíceis. O 2.º classificado, S. Mamede, é visitado pelo último (Padroense) que nem por ser vizinho provocará instabilidade no seio dos mamedenses.

Eis os jogos da jornada de hoje: **Zona Norte** – FC Porto – As. Académica (36-26) às 21 h, Maia - CDUP (21-14) às 21 e 30, S. Mamede - Padroense (27-17) às 21 e 30, D. Póvoa - Sp. Espinho (22-34) às 22 h, S. Bernardo - F. Holanda (22-23) às 21 e 30 e Académico do Porto - Desp. Portugal (19-18) às 18 e 30. **Zona Sul** – Almada - Paço de Arcos (28-24) às 21 e 30, Estefânia -Belenenses (21-23) às 18 e 30, Sporting - Amadora (25-17) às 22 h, Cascais - Caramão (21-21) às 21 h, Passos Manuel - Benfica (15-39) às 21 e 30, e Encarnação - Oriental (27-24) às 21 e 30. Entre parêntesis os resultados dos jogos da 1.ª volta.

César Torres na Secretaria dos Desportos

César Torres, nome conhecido do automobilismo português, parece certo à frente da Secretaria de Estado dos Desportos do próximo Governo, a ter em conta uma informação veiculada por um trisemanário desportivo. A afirmação é tanto mais segura quanto resulta de uma entrevista ao ministro indigitado para a pasta da Qualidade de Vida, onde o desporto ficará inserido. Uma medida já anunciada pelo novo ministro, Ferreira do Amaral: a Secretaria de Estado do Desporto passará a funcionar na Avenida Infante Santo, lado a lado com a Direcção-Geral dos Desportos.

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA metro PALHAVÃ telefone 77 09 69
HOJE
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
apresenta
A PEÇA INFANTIL
O QUE ACONTECEU NA TERRA DOS PROCÓPIOS
de Maria Alberta Meneres
SABADOS E DOMINGOS Às 16 HORAS
cenários e figurinos HELENA REIS
música LUIS PEDRO FONSECA
movimento cénico AGUEDA SENA
encenação CARLOS AVILEZ
subsidiado pela SEC
No final canções — Por Carlos Luz

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA metro: PALHAVÃ telefone: 77 09 69
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
apresenta
por imposição do público
ULTIMAS REPRESENTAÇOES
SABADO 3 ÀS 21.45
DOMINGO 4 ÀS 18.30
"A MALUQUINHA DE ARROIOS"
com
antónio marques . carlos freixo . cecília guimarães.
fernanda coimbra . fernando corte-real . joão vasco.
luís pizo . luísa salgueiro . maria albergaria.
maria otília . nuno emanuel . rita pavão.
vicente batalha.
e a colaboração especial de
IVONE SILVA
espectáculo subsidiado pela SEC

Cultura e espectáculos

Encontro com Stanley Kubrick

"É preciso correr o risco da subtileza"

Por Patricia Moraz *

Uns quantos gabinetes austeros nos estúdios Emi, nos arredores de Londres: eis o estado-maior de Stanley Kubrick. Por todo o lado, cópias embaladas de «Shining», prontas para ser expedidas para todos os países do mundo, mesas de computador. Na parede, cartazes do filme em todas as línguas do finlandês ao chinês. Isolam-nos numa sala de reuniões da cave, sem janelas...De repente, uma presença extraordinária, uma subtil mudança de atmosfera: maciço, a barba crespa, a fronte como muralha, de um Socrates, a voz jovem e calorosa Stanley Kubrick chegou.

Fora do espaço e do tempo, ficaremos fechados com ele: este vigoroso trabalhador do cinema, que construiu em quatro anos os seus filmes como universos, parece não ter outra preocupação senão a nossa pessoa. Habita o instante, literalmente. De improviso, coloca a relação de profissional para profissional, devolve as perguntas, solicita o intercâmbio. Leu todos os livros, vê todos os filmes, na sala de projecção que tem em casa. Cita a emissão de televisão da vespera.

Quando evocamos a sua vida, a sua obra, palavras nos ocorrem: ilhas, labirintos. Se existe um Icaro em Godard, Kubrick é um Teseu que explora incansavelmente o cinema e o delimita. Tem marcos nas grandes encruzilhadas de todos os generos cinematograficos: filme de guerra, e ficção-cientifica, historico e, hoje com «Shining», o terror.

Uma preocupação esta sempre presente neste autor autêntico: o guião. E aí que e preciso inventar uma nova forma de escrita para o cinema que concilie a intriga, indispensavel para cativar o publico e a mensagem do artista.

Entre o cinema comercial, e o cinema de autor, Stanley Kubrick, homem de luz, navegador, explorador e agrimensor, procura obstinadamente a passagem para o noroeste.

P.M. – **Os seus filmes têm essa qualidade indiscutível de serem ao mesmo tempo espectáculos sumptuosos e abordarem as questões essenciais e decisivas da nossa época.**

S.K. – Isso leva-nos à questão misteriosa da importância da historia. No livro «Aspectos do Romance», E. M. Foster dá o exemplo dos homens das cavernas. Quando alguém começava a contar uma historia aborrecida, os ouvintes iam dormir ou atiravam pedras ao narrador....

Foster conclui que um romance deve contar uma história e acrescenta: infelizmente. Porque, manifestamente, não se faz um romance só para contar uma história, porque um romancista interessa-se evidentemente por muitas outras coisas além da intriga. O mesmo se passa com os filmes. E, contudo, a história tem de lá estar e quanto melhor for a intriga mais interesse suscita e não mente às pessoas, se tivermos isto em atenção pelo menos, no grau mais elementar, o espectador é cativado e, segundo o seu nível de percepção tomará atenção a tudo mais que se lhe queira dizer.

«Para se ter um bom filme, então a história e os actores são essenciais. A técnica cinematográfica acrescenta qualquer coisa mas pode-se passar sem ela. Os filmes de Chaplin são filmados como num estúdio de televisão, ele não tinha técnica cinematográfica. O verdadeiro realizador era Keaton. Os filmes de Keaton são tão bem fotografados, tão bem montados, que se Buster Keaton tivesse realizado os filmes de Chaplin, seriam muito melhores. No entanto, Chaplin fez grandes filmes, talvez melhores que os de Keaton.

P.M. – **Essa preocupação de encontrar antes de mais a história adequada, poderia destruir a fronteira entre o árido cinema de ideias e o filme de pura diversão.**

S.K. – Pois podia, visto que agora você tem de um lado, as boas intenções e a inteligência, e o êxito comercial do outro. Entre os dois, nada ou, enfim, pouca coisa. Contudo, os grandes romances são de facto apaixonantes. Os grandes escritores conseguiram escrever livros que eram também grandes diversões. A dificuldade está em encontrar uma técnica de escrita cinematográfica que tenha ao mesmo tempo a profundidade dos «Irmãos Karamazov» e a sua capacidade narrativa.

«Actualmente, os grandes êxitos solicitam em primeiro lugar, a criança que existe em cada um de nós. Já se interrogou sobre o êxito da «Guerra das Estrelas?» Eu pergunto se a ressonância psicológica do filme, não terá a ver com o facto de nos interpelar sobre os nossos mitos. Pergunto se o filme é tão infantil como parece à primeira vista. Toca forçosamente o espectador na zona da sua percepção que o coloca em harmonia com o universo. Cada vez que um filme tem um êxito assim é porque atinge o inconsciente e porque não é apenas um espectáculo para crianças grandes e pequenas.

P.M. – **No seu caso, é deliberadamente que fala do inconsciente do público, por exemplo, na cena lancinante do enterro do filho de Barry Lindon, em que o caixão é puxado pelos dois carneiros que lhe tinham sido oferecidos no dia de anos?**

S.K. – Na realização como no argumento, está-se sempre perante a mesma dificuldade: apresentar as informações de tal maneira que o público possa perguntar se o realizador está consciente do que lhe vai dizer. Isto tem que ser subtilmente doseado, pois há um frémito no espectador que faz pressupor uma intenção, e esse frémito da descoberta procura um prazer mais intenso que receber apenas uma informação directa.

«Precisamente no caso dos carneiros de Barry Lyndon, não se pode saber se o espectador se apercebeu disso ou não. E o risco. Eu chamo a isso o risco da subtileza e penso que é preciso correr-lo, porque quando coisas correm bem, produz-se uma impressão, muito mais forte, estimula-se a energia emocional do espectador que tem o prazer de descobrir qualquer coisa...que se colocou ali cuidadosamente, a pensar nele!»

Como um bailado para surdos

P. M. – **Depois de «Ultime razzia», passou a mostrar preferência pela adaptação de livros, em vez de escrever argumentos originais, porquê?**

S. K. – Penso que é por preguiça. Visto que para se fazer um filme é preciso ter uma história, uma boa intriga, pegar num livro é ganhar tempo. Leio tudo quanto posso. Devoro tudo. Até encontrar o que me parece ser uma história que me prende a atenção ,e que sei de imediato que daquele livro vou fazer um filme. Foi o que aconteceu com «Shining».

«Pode-se dividir os argumentos em duas categorias: aqueles em que se pergunta 'o que é que vai acontecer' e os que nos fazem pergunta 'como é que vai acontecer'. Por exemplo, «Love

Story». E um filme que segue as estruturas das grandes histórias de amor que terminam com a morte e separação dos amantes. Não há outra saida para as grandes histórias de amor: Todos os espectadores de «Love Story» sabiam de antemão, porque tinham ouvido dizer a alguém, que era uma história muito triste e que a rapariga ia morrer. Iam ver o filme não para descobrir o fim mas para saber como acontecia.

«No entanto, até agora, prefiro o 'que vai acontecer' e, nesse sentido, os meus argumentos são sempre histórias policiais.»

P. M. – **«Shining» não é um desses contos de fadas que, no fundo, são histórias de terror?**

S. K. – Tem ao mesmo tempo a estrutura mágica, fantástica e realista. Aceito que os fantasmas sejam reais e que Jack no fim...

P. M. – **A propósito, parece que se gerou um debate, como aconteceu com o «2001», sobre o significado do último plano do filme.**

S. K. – Não se pode explicar o género de história que «Shining» narra. Os grandes mestres das narrativas fantásticas nunca o fazem: escrevem para nos intrigar. Então pareceu-me que o último plano era uma solução estéticamente satisfatória. O filme é construído como um «puzzle» e eu coloco a última peça na última imagem.

P. M. – **Os críticos escreveram que Jack Nicholson em «Shining» se excedeu. Parece que lhe deixou bastante mais iniciativa que normalmnte deixa aos seus actores.**

S. K. – Encoragei o Jack a interpretar como ele sabe fazer. Pensei que um actor, tão bom como ele, podia ir além da interpretação realista sem pôr em risco aquilo a que as pessoas estão acostumadas. Se pensam alguns que ele se excedeu, que quer que lhe responda? Talvez reajam mais em relação à interpretação a que estão habituados do que em relação ao que encontram neste filme.

«Está-se muito habituado a pensar que se um personagem é louco não é necessário interpretá-lo como louco. Mas acho mais interessante que Nicholson faça mesmo de louco. O humor deste personagem vem do seu jogo. Quando, no bar, Jack Nicholson conta, de modo humorístico, que partiu o braço ao filho, os críticos protestam e, porque à sua volta os espectadores riem, pensam que falhei. Talvez que para eles o humor não tenha lugar num filme de terror! Que quer que se faça de críticos assim?

E muito perigoso ter num filme situações ambíguas e deixar certos críticos a pensar por si próprios: desde que se lhes mostre qualquer coisa que não quadre com o seu esquema de pensamento, em lugar de reflectirem, decidem que não temos razão.

P.M. – Você é melhor compreendido e os seus filmes conhecem um êxito mais rápido na Europa que nos Estados Unidos, sabe porquê?

S. K. – Os críticos europeus interessam-se mais pelos filmes e talvez sejam mais inteligentes! E, depois, têm-se contado muitas histórias imbecis sobre mim: que faço cento e cinquenta filmagens da mesma cena, etc. Uma imagem de mim negativa, muito deformada, foi divulgada na Imprensa norte-americana. Leio constantemente artigos com este género de paleios e as antífrases continuam a circular, agravando o meu caso.

Mas, nos Estados Unidos, os mesmos críticos que atacaram este ou aquele dos meus filmes falam deles cinco anos mais tarde como grandes filmes. De facto, o único dos meus filmes que teve um bom acolhimento na Imprensa quando foi exibido nos Estados Unidos foi «Ultime Razzia». «Os Caminhos da Glória» foram atacados no princípio, porque os protagonistas não tinham sotaque francês. Do «Estranho amor» alguém escreveu que todo o ouro de Moscovo não podia fazer pior à América. Quanto ao «2001», foi considerado num jornal de Nova Iorque com totalmente desprovido de imaginação...

P.M. – Isso atinge-o?

S.K. – Irrita-me. Não me toca profundamente, mas irrita-me.

P.M. – V. é um defensor das exposições lentas que permitem ao espectador familiarizar-se com o universo particular de cada um dos seus filmes, contrariamente à teoria do «ponto de ataque», caro aos argumentistas americanos. Também «Shining» é diferente neste caso...

S.K. – Isso depende, claro, do que se segue: se a história tem necessidade «naturalmente» de um material calmo no começo, de um pouco de paciência. Não é forçosamente apropriado começar por uma nota muito elevada. Mas no caso de «Shining», que é um filme de horror, a nota estranha é introduzida pela música, desde o «Dies Irae» do genérico.

P.M. – Imagina-se a realizar um filme sem música ou um filme em que a música apenas acompanhe a narrativa?

S.K. – O cinema e a música são como a dança e a música. Se visse «Shining» sem música, seria como um bailado para surdos. Para falar com rigor, posso imaginar-me a suprimir a música no caso de um filme de diálogos, em que as personagens não param de falar. A música não condiz muito com os diálogos – com excepção talvez das cenas de amor.

P.M. – No «2001», realizou a mais espantosa elipse da história do cinema: da primeira ferramenta ao satélite artificial, um milhão de anos mais e depois. Mas em «Shining» recorreu aos desenhos para marcar a passagem do tempo...

S.K. – Em «2001», não havia confusão possível, não é? O satélite, sabe-se, não apareceu no dia seguinte. Na sintaxe cinematográfica, «amanhã» é a coisa mais difícil de dizer como é, de resto, a próxima semana ou «ontem». No cinema, há sempre um problema de tempo sobretudo quando o cenário não muda. Um «fondu» (desaparecimento ou aparecimento progressivo de uma imagem cinematográfica, segundo o dicionário Francês-Português, de Domingos de Azevedo) também não diz muito mais: pode significar cinco minutos, um dia, uma semana. Os calendários desfolhados, as árvores desfolhadas, já não satisfazem. E preferível utilizar os desenhos, é a solução mais económica e mais lógica.

P.M. – O acaso tem lugar no seu trabalho, conta com os milagres?

S.K. – Nunca me veio parar às mãos um argumento tão completo que dispensasse a equipa que instala o cenário, os actores que se colocam nos seus lugares e que me deixasse tão extasiado que apenas fosse necessário dizer «arrancar!» Isso já lhe aconteceu?

P.M. – Eu fiz apenas dois filmes, mas reparei que uma superpreparação, longe de matar o acaso, pelo contrário, fá-lo surgir.

S.K. – Isso é verdade. A sorte conta extrordinariamente no êxito de um filme, e manifesta-se na preparação e nas repetições. Seja qual for a preocupação que se tenha ao escrever uma cena, podemo-nos dar conta, no momento em que começamos a repetir, que não funciona. Consagro muito tempo às repetições, o que implica um novo trabalho de escrita: suprimir coisas, acrescentar outras, até que se produza qualquer coisa que valha a pena fixar na película. E uma disposição psicológica que faz com que o inesperado, o milagre, aconteça: alguém diz uma coisa inadvertidamente e era isso exactamente o que faltava. Quanto mais se prepara um filme, mais se pensou nele, melhor se acolhe o acidente favorável, se lhe salta em cima, se agarra com as duas mãos e se diz: é maravilhoso, vamos mudar tudo isto...

P.M. – Já lhe aconteceu com certeza ter de enfrentar conflitos na sua equipa. Como reagiu?

S.K. – E inconcebível ter à nossa volta um clima de tensão. Então não se deve tolerar as pessoas que se permitem estragar o ambiente. Quando se faz um filme, o nível de ansiedade de toda a gente é tão elevado que, se alguém fica opaco no seu canto, não deixamos de pensar nessa pessoa. Na rodagem dum filme devem reinar a paz e a harmonia; as pessoas devem sentir-se bem; antes de mais têm uma profissão maravilhosa; então se chega alguém que mal dá os bons dias e cria problemas, não há que hesitar: é preciso separá-lo. Se em cinquenta pessoas uma só está encolerizada, isso prejudica a concentração. Normalmente, toda a gente devia estar feliz a fazer o seu trabalho, mas sabe como é difícil coexistir, e também como as equipas de rodagem se comportam em todos os países...

P.M. – Houve alguma cena, um plano, que tivesse sonhado filmar, um efeito especial que tenha concebido e que não tenha podido realizar... por impossibilidade?

S.K. – Não. Nos meus filmes antigos há coisas que eu não voltaria a fazer da mesma maneira. Mas, no momento, com excepção de «Spartacus», claro, consegui sempre o que pretendia. Mesmo em «Lolita», em que tive algumas dificuldades, fui dono e senhor.

Mas «Spartacus» ensinou-me uma coisa: quando não se tem autoridade legal sobre os filmes, não se tem qualquer autoridade. Não basta autoridade de estúdio. Um realizador deve ser também o seu próprio produtor.

*** autora de dois filmes, «Os índios estão ainda Longe» e «O Caminho Perdido»**

Madeira é centro de cura do "stress"

O Centro de Turismo de Portugal em Estocolmo vai promover a vida para a Madeira de grupos de empresários, executivos e outros quadros superiores suecos que, nas férias, preferem locais onde possam tratar-se do «stress».

Este plano de promoção turística, que tem o apoio da Direcção Regional de Turismo da Madeira, encontra-se bastante generalizado em vários países, cujos homens de negócios procuram zonas de repouso onde a capacidade de resposta de serviço e a oferta de recintos desportivos assegurem um regime intensivo de «desintoxicação».

Segundo o «Diário de Notícias», do Funchal, a zona preferencial para os turistas nórdicos será a da Baía de Zarco, no Machico, estimando-se que cada potencial cliente deixe cerca de cem mil escudos em divisas.

O mesmo diário informa que estiveram recentemente na Madeira, a fim de contactar as entidades locais sobre o projecto, o médico Lennart Malmqvist, o consultor de relações públicas Max Karrano e o responsável pelo sector de promoção do Centro de Turismo em Estocolmo, o madeirense João Carlos Teixeira de Jesus.

Praticam-se nos EUA esterilizações involuntárias em hospitais psiquiátricos

Pelo menos 7200 cidadãos norte-americanos foram involuntariamente esterilizados em Richmond, na Virgínia, sob pretexto de que padeciam de deficiências mentais e com o objectivo de evitar que as propagassem por via hereditária. E é em nome deles que foi posta uma acção judicial, pedindo indemnizações por despesas médicas e assistênciais.

Os réus desta acção incluem o governador do Estado, John Dalton, vários especialistas de saúde pública e mental e directores de seis hospitais psiquiátricos. A iniciativa coube à União Americana das Liberdades Cívicas que acusa o Estado da Virgínia de ter violado direitos constitucionais dos doentes e pretende que se acabe com a esterilização sem prévio consentimento.

Segundo as autoridades, em 50 anos foram esterilizados 8300 cidadãos, na Virgínia, em hospitais psiquiátricos, de acordo com uma lei que vigorou até 1973. Mas recusam notificar as pessoas atingidas pela arbitrariedade.

Para um dos advogados dos pacientes, a notificação é importante, até porque muitos deles nunca foram informados do que lhes aconteceu, sendo que foi apresentada uma justificação inventada para a intervenção cirúrgica. Só que essas pessoas são candidatas potenciais a outros males, como por exemplo o cancro que terá maior incidência em mulheres esterilizadas.

Um dos casos mencionados publicamente, embora sob pseudónimo, é de uma mulher actualmente com 45 anos que foi internada com 15, após violação pelo padrasto. Mas a mulher não era deficiente mental, de acordo com os registos hospitalares. Quanto à operação, disse, não a informaram de nada nem sequer houve quem assinasse a respectiva autorização prévia. Acusa, agora, que o seu casamento falhou pelo facto de não ter tido filhos.

Os argumento para estes procedimentos é ideologicamente qualificado, ou seja, tem ligações estreitas com os procedimentos fascistas. O objectivo seria diminuir a probreza, o número de filhos ilegítimos e de doenças mentais hereditárias. E acontece que a maioria das leis autorizando a esterilização involuntária ainda estão em vigor, nos Estados Unidos e particularmente na Virgínia.

Banco de olhos do Porto está pronto a funcionar

Três doentes aguardam transplantes da córnea

O banco de olhos do Hospital de Santo António, no Porto, entrou simbolicamente em funcionamento com os preparativos operatórios executados ontem em três enfermos.

Este serviço, ainda em expansão no nosso país, destina-se a recuperar invisuais que sofram opacidade da córnea, sendo a unidade que agora entrou em serviço das mais modernas da Europa.

Segundo disse à ANOP António Peixoto, um dos três clínicos especialistas em transplantações da córnea, «no próximo dia 6, se houver dadores adequados, far-se-á a primeira operação deste tipo».

«As queratoplastias (enxertos) só são possíveis desde que o dador tenha falecido há menos de duas horas, não tenha idade inferior a quinze anos, não tenha sido portador de qualquer tomor maligno, não tenha morrido de qualquer doença infecciosa e não tenha tido um coma muito prolongado, o que alteraria o bom estado dos olhos» – precisou aquele clínico.

António Peixoto acrescentou que «há cerca de cem doentes à espera, prontos para serem operados, dependendo a execução do enxerto ou a operação de rotina normal do aparecimento de córneas em condições de aproveitamento».

Este tipo de operações já tem vindo a fazer-se desde Agosto do ano passado no hospital de S. João, no Porto, existindo ainda «bancos de olhos» em Coimbra e em Lisboa.

Hoje

Artur Semedo e Yola, numa cena do filme «Maltezes, Burgueses e às Vezes» que será exibido esta noite, pelas 22 e 30, na RTP-1

RTP-1

- **16.05** **Tempo dos Mais Novos**
- **17.55** **Filme Infantil**
- **18.50** **«Os Pequenos Vagabundos»** – último episódio.
- **20.00** **Telejornal**
- **20.30** **«Dona Xepa»** – episódio n.º 99.
- **21.00** **O Tempo**
- **21.05** **Chroma Key Follies** – programa musical realizado pela RAI.
- **22.20** **«Malteses, Burgueses e às Vezes»** – intérpretes: Artur Semedo, Yola, Pedro Pinheiro, Jaime Valverde, Henrique Viana, Alda Rodrigues e Nicolau Breyner.

RTP-2

- **20.30** **«Blake Seven»** – 7.º episódio.
- **21.25** **«Ambição Cega»** – com Martin Sheen, Michael Callan, Lonny Chapman, William Daniels, Clifford David e Edward Mallory.

Amanhã

RTP-1

11.00: Tempo dos Mais Novos; **12.30**: Eucaristia Dominical; **13.15**: 70X7 – a Igreja ao encontro do Mundo; **13.55**: Sumário; **14.00**: TV Rural; **14.25**: «Raparigas de Roma»; **16.10**: School's Prom; **16.40**: «A Pantera Cor-de-Rosa»; **17.00**: Magazine/7; **17.55**: Florbela Espanca; **18.30**: Grande Encontro; **19.55**: «Os Goodies»; **20.30**: Telejornal; **21.05**: O Tempo; **21.10**: Variedades; **22.05**: «Dallas» – 1.º episódio.

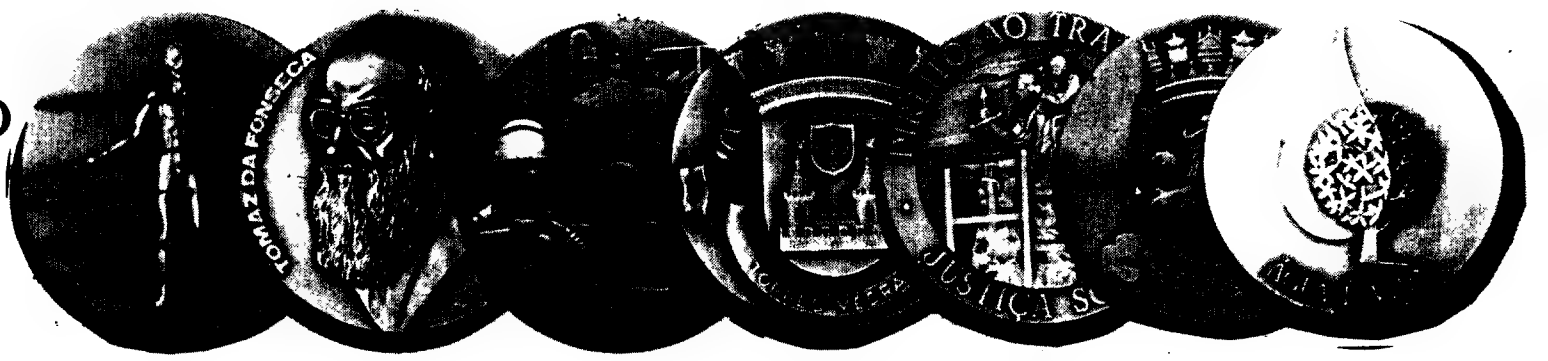
RTP-2

20.00: Os Pilares da Sabedoria; **21.00**: «South Riding» – 2.º episódio; **21.55**: Ao Vivo.

um êxito de público e crítica
MUITO BELO FERNANDO MIDOES (D. POPULAR)
COESO, INTELIGENTE TITO LIVIO (A CAPITAL)
NOTÁVEL HELENA SERÓDIO (O DIÁRIO)
SEM TRANSIGÊNCIAS MANUELA AZEVEDO (D. NOTÍCIAS)
UM DOS GRANDES MOMENTOS DE TEATRO A QUE TENHO ASSISTIDO LUIS FRANCISCO REBELLO
Que farei com este livro?
DE JOSE SARAMAGO
encenação de JOAQUIM BENITE cenários de JOÃO VIEIRA
com CANTO E CASTRO no papel de Luís de Camões
e ANTÓNIO ASSUNÇÃO
4.º MÊS
GRUPO DE CAMPOLIDE
ACADEMIA ALMADENSE TEL 2152175

PUB.
ADOQUE
TELEF. 67 44 76
ATÉ 4-1-81
A REVISTA DE NÍVEL EUROPEU
UMA REVISTA QUE É UM ÊXITO!!!
CHIÇA!...
HOJE: 20.30 e 22.45
AMANHÃ: 17 e 21.30

ADOQUE teatro infantil
HOJE: 16 H.
AMANHÃ: 15 H.
Teatro!
Bailado!
Música!
Sombras Chinesas!
Palhaços!
UMA PEQUENA MARAVILHA PARA PEQUENOS E GRANDES
TRAZ OS TEUS PAIS!!!
BRINCA, BRINCANDO
Todos os Sábados

atelier BELO MARQUES
R. DA TRINDADE, 5-2º D
R. VITOR CORDON, 12
1200, LISBOA
TELEF: 371254
MEDALHAS COMEMORATIVAS


ROTEIRO CULTURAL

Exposições

Renato Cruz e Ana Marchand na Galeria de Arte Moderna. Durante o corrente mês serão inauguradas na Galeria de Arte Moderna duas exposições uma de Renato Cruz (5 de Janeiro) e outra de Ana Marchand (20 de Janeiro).

Palestras

O dr. Rui Mário Gonçalves proferirá durante o mês de Janeiro, na Galeria de Arte «Quadrum», as seguintes conferências: A Arte Moderna em Portugal (1910-1940»; «A Herança do século XIX»; «Os pioneiros da modernidade»; «Humorismo e Futurismo – os anos 20 e 30»; «O pós-cezanismo e o expressionismo».

Teatro

Festa pela Paz. O grupo de Teatro «Os Bilas» decidiu organizar na sua sede uma festa comemorativa do Dia Mundial da Paz, a realizar amanha, a partir das 16 horas Com esta festa o Grupo de Teatro «Os Bilas» pretende atingir os seguintes objectivos: prosseguir no esforço de animação cultural da zona onde se situa a sua sede; comemorar o Dia Mundial da Paz, sendo a ideia da Paz uma das bases do seu trabalho infantil; aproximar este tipo de comemoraçoes do povo, tirando-lhes o caracter demasiado formal e intelectual de que muitas vezes se revestem. A festa terá música ao vivo, poesia e um espectáculo teatral.

Teatro de Fantoches no Teatro do Nosso Tempo. «Os seus mandrioes» e «A galinha ruiva», espectáculos criados por Isabel Andrea e com canções de Madalena Leal, são ocasioes que a petizada nao deve perder hoje e amanhã, às 15.30, no Teatro do Nosso Tempo. Com efeito, e tal como acontece todos os sábados e domingos àquela hora na Praça José Fontana, «Os seis mandrioes» e «A galinha ruiva» provocam o riso que engasga...

Ultimas representações de «A Maluquinha de Arroios». Hoje e amanhã, respectivamente às 21.45 e às 18.30, o Teatro Experimental de Cascais leva à cena do Teatro Aberto as últimas representaçoes de «A Maluquinha de Arroios», uma peça notável dirigida por Carlos Avilez.

Cinema

Filmes Culturais na Fundação Eng. António de Almeida. Hoje e amanhã, às 15.30, na sala-auditório da Fundação Eng. António de Almeida, à Rua Tenente Valadim, 257, no Porto, serão projectados os seguintes filmes: «Holanda, Terra Agrónoma», Holanda, Terra de Aguas», Holanda, Terra Fértil» e «Vidro». Os filmes, em versão portuguesa, têm a duração aproximada de uma hora.

John Wayne e John Ford ou o «Western Moderno» no Teatro Municipal de S. Luiz

Western Moderno: de Ford a Peckinpah. Começa no próximo dia 7 de Janeiro, no Teatro Municipal de S. Luiz, um ciclo retrospectivo de filmes dedicados ao Western Moderno, que conta com a presença de trabalhos de John Ford e Henry Hathaway, dois veteranos do género e de alguns filmes dirigidos por cineastas que tentaram a sua renovação, como John Sturges (os anos 50), Sam Peckinpah (os anos 60) e Richard Brooks (os anos 70). O ciclo constitui também uma homenagem àquele que foi considerado o maior intérprete do «western», o actor John Wayne, que estará presente num filme de seu mestre e amigo John Ford («O homem que matou Liberty Valance») e na película que lhe valeu o Oscar («Velha Raposa»). Também estará presente no ciclo o antigo actor Ronald Reagan, presidente eleito dos Estados Unidos, como intérprete principal do filme «Carga de cavalaria», hoje uma peça rara da distribuição mas que foi possível recuperar, apesar dos seus trinta anos de existência. O programa do ciclo, que compreende exibições às 18.30 horas, sem lugares marcados, é o seguinte: dia 7 – «O homem que matou Liberty Valance», de John Ford, com John Wayne, James Stewart, Lee Marvin, Edmond O'Brien e Vera Miles; dia 9 – «O último comboio de Gun Hill», de John Sturges, com Kirk Douglas, Anthony Quinn e Carolyn Jones; dia 12 – «A quadrilha selvagem; dia 14 – «Desafio à coragem», de Richard Brooks, com Gene Hackman, Candice Bergen e James Coburn; dia 16 «Velha Raposa», de Henry Hathaway, com John Wayne, Kim Darby e Robert Duvall; dia 19 – «Carga de Cavalaria», de Lewis D. Foster, com Ronald Reagan e Rhonda Fleming.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇOES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	51$70	56$70
ALEMANHA FED (marco)	26$70	27$80
AUSTRIA (xelim)	3$70	3$90
BELGICA (franco)	1$593	1$693
BRASIL (cruzeiro)	$620	$870
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	43$70	45$70
(notas de 5 a 1000)	44$20	46$20
DINAMARCA (coroa)	8$70	9$10
ESPANHA (peseta)	$629	$729
EUA (dolar - notas de 1 e 2)	52$10	54$10
(notas de 5 a 1000)	52$60	54$60
FINLÂNDIA (marka)	13$65	14$25
FRANÇA (franco)	11$55	12$15
HOLANDA (florim)	24$60	25$60
INGLATERRA (libra)	125$60	129$60
IRLANDA (libra)	99$90	103$90
ITALIA (lira)	$051	$061
JAPAO (iene)	$235	$265
NORUEGA (coroa)	10$10	10$60
SUECIA (coroa)	11$95	12$55
SUIÇA (franco)	29$65	30$75
VENEZUELA (bolivar)	10$45	11$45

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotaçoes devem ser consideradas a titulo meramente informativo.
2. – Todas as operaçoes de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR
Às 9 horas

V. do Castelo	1º
Bragança	3º
Vila Real	2º
Porto	2º
P. Douradas	6º
Coimbra	6º
C. Carvoeiro	10º
Portalegre	9º
Lisboa	5º
Evora	5º
Sines	6º
Beja	3º
Sagres	9º
Faro	5º
P Delgada	15º
Funchal	16º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.07	3,6 m	6.47	1,5 m
13.29	3,6 m	19.04	1,4 m
Dia 4			
1.49	3,8 m	7.27	1,3 m
14.11	3,7 m	19.42	1,3 m
Dia 5			
2.29	3,9 m	8.06	1,2 m
14.51	3,8 m	20.19	1,2

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Ceu pouco nublado ou limpo, vento fraco, neblinas ou nevoeiros locais durante a noite e principio da manha, aumento de neblusidade a partir da manha nas regioes do Litoral Norte do Cabo Carvoeiro

AMANHÃ
NASCER ÀS 7.55
OCASO ÀS 17.28

DIA 6 DIA 13 DIA 20 DIA 28

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

1.º Programa

17.00: A face e o perfil; **18.00**: Lisboa-cidade; **19.00**: A Venezuela de hoje; **20.00**: D'ontem, d'hoje e d'amanhã; **21.30**: Fados; **22.00**: Programa da noite, **24.00**: Jornal da meia-noite.

2.º Programa

16.55: Sonatas para piano, **18.00**: O violoncelista Mstislav Rostropovitch, **19.00**: Musica; **19.45**. Fantasia para orquestra «O Rochedo», de Rachmaninoff; **20.00**: Musica de bailado, **21.00**: Música, **22.00**: Sonatas para violino e piano; **23.00**. Intercâmbio musical, **00.05** Música sinfonica de Tschaikowski, **01.00**– Fecho.

Rádio Comercial (290m)

15.03: Sabado muito especial; **18.03** Som fantástico; **19.05**: E o fim, **20.03**: Quando o telefone toca (1 ª edição), **20.30**: Quando o telefone toca (2 ª ediçao), **21.03** Quando o telefone toca (3 ª ediçao), **21.03** Tempo de desporto

RC-FM-Estéreo (97,4MHz)

15.03 Mao na musica, **17.03**. Top s, **19.03** Em orbita; **21.03** Entretanto

RADIO RENASCENÇA

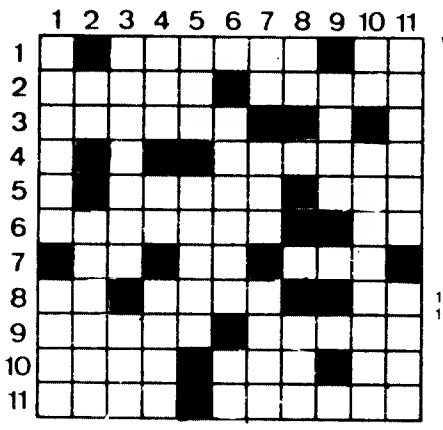
18.25. Palavra do dia, **18.30** Dialogo e vida, **20.00** 60 minutos; **21.00**: Transmissão do terço de Fatima, **22.00**: Quando o telefone toca, **22.30** Rádio revista

NÃO FUME EM RECINTOS DESPORTIVOS FECHADOS

Tiragem média diária do mês anterior: 46 563 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 12 819



HORIZONTAIS:

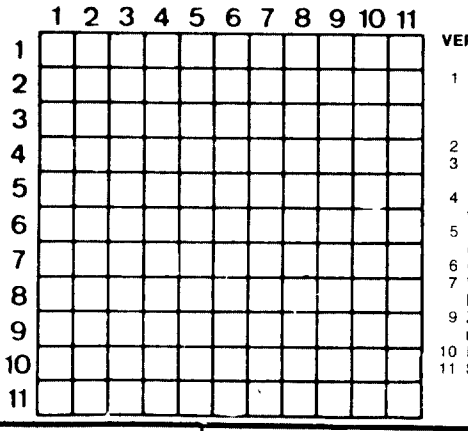
1 Artigo definido. O destino. Decimetro.
2 Não nascida. Publicista alemão, autor de um tratado de Direito Público da Alemanha em 30 volumes
3 Rebolara
4 Calculavam.
5 Nome de homem. Capa sem mangas.
6 Pequena região dos Pirinéus. Artigo definido.
7 Autores. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontificios de interesse para Portugal. Maior.
8 Preposição Novecentos e dois em romano Idem.
9 Nome de peixe Baile
10 Atraiçoa. Possuir Ouro (s q).
11 Ilha do Pequeno Belt Aliados

VERTICAIS:

1 Dera oiro a. Tempo do verbo estar.
2 Em o. Requesta
3 Rachada. Pátria.
4 Joeira. Letra grega. Som agudo.
5 Espécie de pandeiro usado pelos povos do N. de Africa. Oscile.
6 Amuralhai. Basta!
7 Antiga unidade monetária da Alemanha Epoca. Assim seja.
8 O sono das crianças. Apelido.
9 Curva.
10 Preposição. Origem.
11 Incineras. Divindade.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8879



HORIZONTAIS:

1 Deus dos pastores O mais Cunho.
2 Poente Detestar
3 Colocara Nome que designa satisfaçao Verbais
5 Arara Pega
6 Membro de ave Armaria
7 Antes do meio-dia Conjunção Pronome pessoal
8 Embriao que se torna livre abandonando normalmente os involucros ovulares ou o organismo progenitor Empregar
9 Tratar por tu Donzela de Orleaes
10 Pronome pessoal Forma apocopada e proclitica de vale
11 Vaso com asas Inunda

VERTICAIS:

1 Madeira da ilha do Príncipe, talvez da árvore que em São Tomé se chama nêspera. Pescada moida (T. de Buarcos)
2 Além. Assassines.
3 Lavrara. Estrépito de desmoronamento.
4 Guarneceras de asas. Vossa Alteza.
5 O lado do vento. Desagradavel (fig)
6 Carta de jogar.
7 Vagarosas. Antiga capital da Birmânia.
9 Zomba Tecido com fios de varias cores.
10 Podia entrar Nota musical
11 Sulcas a terra. Máscara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 818

HORIZONTAIS:

1 A LINGUA CC
2 Parar Broa
3 Remava Aira
4 Alara Assa
5 Sos Rs Oco
6 Ara Atam
7 Canal Fao
8 Fava Si
9 Alistara Ba
10 Las Usarias
11 Asada Sarro

VERTICAIS:

1 Ras FALA
2 PÉLO Calas
3 Lamas Avisa
4 Irar Anas
5 Navarra Tua
6 Gra Salgas
7 Ras
8 Abas Afiara
9 Risotas Ir
10 CORAÇAO Bar
11 Caa Om Vaso

Provérbio: A LINGUA FALA PELO CORAÇAO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8878

HORIZONTAIS:

1 Rosadas Aço
2 Ocaso Alvor
3 Maçam Moiro.
4 Asa Ela Sas
5 Dosar
6 Iman Reata
7 Saira Rim
8 Sa Cao Ira
9 Babar Aar
10 Ua Aramos
11 Mr Rasos Mm

VERTICAIS:

1 Romarias Um
2 Ocas Abar
3 Sacadas
4 Asa Bar
5 Domesticara
6 La Raras
7 Samarrao Mo
8 Lo Os
9 Avistarias
10 Cora Tira
11 Oros Amaram

farmácias

Lisboa

PERMANENTE (Hoje)

TELES, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ZIL**, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **ONILDA**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **AZEVEDO, FILHOS**, Rossio, 31 (T. 327478); **COMBRO**, C. do Combro, 78-82 (T. 326059); **OURIQUE**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **ZIRA**, P. Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **ESTEFÂNIA**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 44438); **CENTRAL DO LUMIAR**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 790480); **LATINA**, Av. António Augusto Aguiar, 17-A (T. 42312); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **VITEX**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **ZEMA**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **ALMEIDA NIFO**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070); **GONÇALVES**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 915662); **PIMENTEL**, Az. dos Bezouros, lote R-8.

PERMANENTE (Amanhã)

TAPADA, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); **BELO**, Av. de Roma, 53-A (T. 776324); **TEIXEIRA LOPES**, R. do Ouro, 154-156 (T. 324816); **PROGRESSO**, E. A-da-Maia, 64-C (T. 702226); **NEOTERÁPIA**, Campo Grande, 138-140 (T. 774682); **FINDOR**, R. D. Maria Pia, 514-516 (T. 687949); **VITALIS**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **ANTUNES ROSAS**, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **SOC. HIGILUX**, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **D. JOÃO V**, R. D. João V, 16-C (T. 682772); **ROSA & VIEGAS**, R. S. Vicente, 31-37 (T. 864351); **COMBATENTES**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953); **TAVARES MATOS**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **CENTRAL DE ODIVELAS**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 911203).

Linha de Cascais

OEIRAS: Mourão Vaz, Av. Moçambique, 18-C (T. 2437196). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta das Palmeiras, lote 24, r/c (T. 2478737). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria Conceição, lote 8 (T. 2470777). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE: Alair**, Av. Gago Coutinho, B. Caixas de Previdência (T. 2472948). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**. Até às 21 horas; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 21 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 21 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Melo, P. D. João I, 9-B (T. 932756). Permanente; **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Zeller**, R. da República, 83 (T. 950045); **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 94 (T. 2518726); **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Ardos, lote 1-B (T. 2940781); **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 2914103). Permanente; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA: Gomes da Silva**, Portela. Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Outra Banda

ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498); **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, E. das Barrocas, 50-A (T. 2494182); **LARANJEIRO: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2490911); **COSTA DA CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado, 7-C (T. 2403218); **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO: Normal**, Av. Alfredo Silva, 116 (T. 2073035). Permanente; **Santa Marta**, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T. 2072141). Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emílio G. Garcia Campos, 2-A; **SEIXAL: Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **MONTIJO: Montepio**, R. Almirante Reis, 43 (T. 2310035); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

MOSCAVIDE – Pedro Gomes – (Permanente)
SACAVÉM – Soares – R. José L. Morais. 15-A (Tel. 2518025) Até às 19 horas.

Porto

(De dia e só até às 22 horas)
ALVES DA SILVA – Avenida da Boavista, 1016. Tel. 60342; **AZEVEDO** – Rua de Azevedo, 136 Tel. 52344; **GOMES PEREIRA** – Rua Faria Guimarães, 449 Tel. 481907; **NAU VITÓRIA** – Rua Nau Vitória, 123 Tel. 490427; **ORDEM DA TRINDADE** – Rua Heróis e Mártires de Angola, Tel. 27420; **CONFIANÇA** – Rua de Santa Catarina, 960, Tel. 22884; **FALCÃO** – Rua de Santo Ildefonso, 61 Tel. 21566; **FERREIRA** – Praça D. Afonso V, 55-B Tel. 681875.

(De dia e toda a noite)

ANTAS – Avenida Fernão de Magalhães, 1976 Tel. 481158; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL** – Campo Mártires da Pátria, 122 Tel. 24262; **LOUSADA** – Largo do Campo Lindo, 62 Tel. 480353.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguunte)

MONTES CLAROS – Rua dr. António J. Almeida, 69 Tel. 25904; **CRUZ VIEGAS** – Rua do Brasil. 154 Tel. 74821.

AGFAMATIC 3000 flash pocket Uma ideia luminosa! agfa

centros de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
SALA A
não acons. men. 13 anos
Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
UM CADÁVER DE SOBREMESA
c/Peter Sellers e David Niven
SALA B
não acons. men. 13 anos
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.45
STARDUST MEMORIES
(Recordações) com Woody Allen

ALVALADE 897480
Av. de Roma
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – Para todos
Os célebres desenhos de Hergé
TIMTIM E O LAGO DOS TUBARÕES
Com TIM-TIM, MILOU e C.ª

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 15, 18.15 e 21.30
Int. men. 13 anos
Natassja Kinski-Peter Firth, Leigh Lawson
em TESS
10.ª semana
Hoje às 00.30 h
O CAMPEÃO
Int. m/13 anos

AVIS 547163
Av. Duque d'Ávila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
Uns magalas de fazer inveja aos «Les Charlots»!
SOLDADOS E GAROTAS
Com Sylvain Green, Corinne Corson

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
BEM VINDO, MISTER CHANCE
Um filme de Hal Ashby
Com Peter Sellers, Shirey MacLaire e Melvyn Douglas
Technicolor
11.ª semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O LIVRO DA SELVA
3.ª semana
Amanhã 11 horas
UMA NOITE ÓPERA
Para todos

CASTIL 530194
Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
O GOLPE SECRETO DO GUARDA-CHUVA
3.ª semana
Hoje às 24 horas
HISTÓRIA DE UM PATIFE
n/ acons. m. 18 anos

CINE 222 579460
Av. Pr. da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
às 14.15, 16.30 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
LAGOSTA AO PEQUENO ALMOÇO
Comédia com Claude Brasser, Enrico Montesano
A grande comédia do ano
5.ª semana
Às 23.45
N/ acons. m. 18 anos
O HOMEM DE HONG KONG

CINEBOLSO 573407
R. Actor Taborda, 27-B
12.30, 14.30, 16.45 e 21.30
SEXOS ESCALDANTES
Interd. men. 18 anos
Às 24.00
OS ASSASSINOS NÃO DORMEM

CINE BLOCO 556824
Gaveto Av. 5 de Out. e Pinheiro Chagas
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
O INIMIGO PÚBLICO
Não ac. m. 13 anos
Um filme de Woody Allen
Com Janet Margolin e Jan Merlin
Às 24 horas
COMBOIO DO MEDO
N/acons. men. 13 anos

CINE CAMOES 324194
Rua do Loreto, 15
Às 14.15, 16.30 e 21 horas
REENCONTRO DO AMOR
Um filme de Iqbal Akhtar
Não acons. m. 13 anos

CITY CINE 549999
Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Não ac. m. 13 anos
A comédia satírica de Stanley Kubrick
DR. ESTRANHO AMOR
Com Peter Sellers e George C. Scott
Às 23.45
Nãoac. m. 18 anos
O LEOPARDO
de Luchino Visconti

DOIS MIL 2100055
Bomb. Voluntários, Lote 113-Algés
Às 14.15-16.30 e 18.30
Não acons. m. 13 anos
O ABISMO NEGRO
Às 21.30
MANSÃO DO DIABO
Não acons. m. 18 anos

D. JOAO V 971794
Pr. Centro Comercial – Damaia
Às 15.30 e 21.30
Não ac. m. 13 anos
OS DOIS PRÍNCIPES
Um filme de L. V. Prasad
Com Jeetendra e Rema Roy
Às 24 horas
Não ac. m. 18 anos
A MINHA INSACIÁVEL CUNHADINHA
Um filme de Sergio Bergonzelli
Com Karn Well e Robert Wood

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
O ABISMO NEGRO
Com Maximilian Schell, Anthony Perkins, Yvete Mimieux
Um filme de Gary Nelson – Technicolor
Não acons. men/13 anos
3.ª semana
Às 24 horas
Não ac. m.13 anos
OS SETE GOLPES DO DRAGÃO

ESTUDIO 555134
Av. Afonso Henriques, 35
às 15.30, f18.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
DIÁRIO DE UMA CRIADA DE QUARTO
o filme mais fascinante de Luis Bunüel com Jeanne Moreau e Georges Geret

ESTUDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves 83-B
Às 15.30, 18.30 e 21.30
M. 6anos
60 gargalhadas por minuto com LES CHARLOTS
OS MALUCOS NO SUPERMERCADO
Na sua melhor comédia

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
15.15 e 21.30
Int. men. 13 anos
«HAIR»
Uma festa para os olhos, ouvidos e coração...
Às 24.00 horas
O PIRATA
Int. men. 18 anos

IMPERIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
A guerra das estrelas continua
O IMPÉRIO CONTRAATACA
HISTÓRIA DE George Lucas. Realização Irvin Kershner

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O filme de Kurosawa
A SOMBRA DO GUERREIRO
– KAGEMUSHA –
Palma de Ouro do Festival de Cannes 1980
3.ª Semana

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15
Não acons. men. 13 anos
O PLANO DIABÓLICO DO DR. FUMAN-CHU
Peter Sellers e Helen Mirren
3.ª Semana

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Álvares Cabral, 37
As 15.30, 18.30 e 21.30 h.
PELA MEDIDA GRANDE
Int. m/13 anos

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Lloyd Bridges, Peter Graves, Julie Hagerty
O AEROPLANO
Um filme de Jim Abrahams, David e Jerry Zucker
Não acons. men. 13 anos
2.ª semana

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14.00 6 Um filme para todos
HISTÓRIAS DO LOBO E DO COELHO
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O HOMEM DE MARMORE
Um filme de Andrezej Wajda
Prémio especial da crítica internacional do Festival de Cannes
Dos estaleiros de Nowa Huta aos estaleiros de Gdansk, o destino de um operário polaco

ODEON 328283/4
R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30
O AMOR QUE NÃO MORREU

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Int. m. 18 anos
UMA AVENTURA FASCINANTE
Colorido
Com Ian McCulloch e Louise Marleau

POLITEAMA 326305
R. Portas de St. Antão
As 14.15, 15, 16.30 e 19 h
Às 21.30 horas – Estreia
UMA AVENTURA FASCINANTE
Int. men. 18 anos

QUARTETO 771378
R. Flores Lima, 16
SALA 1 – às 15, 17, 19 e 21 horas
Nao acons. a m. 13 anos
ENSAIO DE ORQUESTRA
SALA 2 – às 14.30, 16.45, 19 e 21
Int. a men. 13 anos
EXIT 7
SALA 3 – às 14.30, 16.45, 19 e 21
Nao acons. men. 13 anos
UM BATER DE CORAÇÕES
SALA 4 – às 15, 17, 19 e 21.15
Nao acons. a men. 13 anos
O FURACÃO
real. Monte Hellman

RESTELO 610375
Av. Torre de Belém
Às 15, 18.15 e 21.30
Int. m. 13 anos
Em 34.ª semana
O ESPECTÁCULO VAI COMEÇAR
(All that jazz)

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote JRB
Às 15.30 e 18.30 N. ac. men. 13
... PELA MEDIDA GRANDE!
As 21.40 – M. 14 anos
GRANDE NOITE DE REVEILLON

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
... PELA MEDIDA GRANDE!
c/ Terence Hill e Bud Spencer

SAO JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O último filme de Woody Allen
STARDUST MEMORIES
2.ª Semana

SATELITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 14, 16.30 e 19 horas
Não acons. men. 13 anos
O IMPERIO CONTRA ATACA
Sessão da meia-noite
A GAIOLA DAS MALUCAS

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Interdito a men. 13 anos
A comédia do ano!!!
O SEDUTOR SEDUZIDO
7.ª Semana

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
Às 11, 13.05, 15.10, 17.15, 19.20, 21.30 e 23.45
Não acons. men. 18 anos
SHINING
(«The Shining»)
Jack Nicholson, Shelley Duval
Em virtude da sua longa metragem este filme será projectado no início de cada sessão
6.ª Semana

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Para todos
Walt Disney Productions
3.ª semana
O LIVRO DA SELVA
Falado em português

VOX 880809
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
O filme das festas
Um delírio de comédia
O GOLPE SECRETO DO GUARDA-CHUVA
4.ª semana

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Int. men. 13 anos
GLÓRIA
Premiado c/Leão de Ouro do Festival de Veneza 1980
As 23.45
ÓDIO VELHO
C/Charles Bronson
Int. a men. 13 anos

teatros

Lisboa

MARIA MATOS – «A Ratoeira» 21.45 (13 anos)
ADÓQUE – «Chiça», 20.30 e 22.45 (18 anos)
ABC – «A Reviravolta», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES – «Não dertes foguetes», 20.30 e 22.45 (18 anos)
MONUMENTAL – «A Gravata» 20.45 e 23 (13 anos)
LAURA ALVES – «A mala da Bernardette) 21.45 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «A Maluquinha de Arroios» 21.30 (13 anos)
CASA DA COMÉDIA – «Paixão Segundo Pier Pasolini», às 21.45 (13 anos)
ACADEMIA ALMADENSE – «Que Farei com Este Livro», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «O Patego Olha o Balão», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
COMUNA – «Em Frente da Porta do Lado de Fora», às 21.45 (13 anos)
TRINDADE – «Baal» 21.30
COLISEU – Circo de Natal, às 21.30 (6 anos)

Outros Espectáculos

PROMOTORA – «O Vingador Apaixonado», às 21.30 (13 anos)
CINEARTE – «Comandos Operação Leopardo», às 21.30 (13 anos)
LUMIAR – «S.O.S. – Titanic» 21.30 (13 anos)
ROYAL – «A Rosa» 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO – «Lições Porno», às 21.00 e 24.00 (18 anos)

outros cinemas

CONDES – «O Império Contra-Ataca», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «A Rata Borralheira» (sessões contínuas) (18 anos)
PARIS – «Os Astronautas na Corte do rei Artur» 21.30 (6 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine Plaza – «A Grande Ofensiva», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «O Golpe Secreto do Guarda-Chuva», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine Estúdio – «O Império Contra-Ataca», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Estúdio Flores – «O Inspector Martelada no Nilo», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Os Malucos do Estádio», às 21.30 (6 anos)
PÓVOA DE ST.º ADRIÃO – S. José – «A última valsa» 21.30 (6 anos)
SACAVEM – S. José – «Dracula o príncipe das trevas» 21.30 (18 anos)
MOSCAVIDE – Stop – «A super patrulha» 21.30 (13 anos)
ALHANDRA – Salvador Marques – «Música no Coração», às 21.30 (6 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Kramer Contra Kramer», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Barracas na Praia», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Cylon Atacа», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «O Avarento», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «O Homem que Viveu Duas Vezes», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Ofício de matar» 21.30 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «Capítulo Segundo», 21.15 (13 anos)

Outra Banda

SETÚBAL – Júpiter – «Bermudas, Fossa dos Tubarões», às 21.15 (18 anos)
ALMADA – Incrivel – «O Comboio dos Valentes», às 21.15 (13 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA – «Chega para Todas» às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE A – «Annie Hall», 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Gaylon, o Indestrutível», às 21.45 (18 anos)
ESTÚDIO – «Rosto Espiritual» às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «O Ultimo Padrinho» às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Festival Internacional de Circo», às 21.30 (6 anos)
TRINDADE – «Glória», às 21.45 (18 anos)
PASSOS MANUEL – «O Inimigo Público», às 21.45 (13 anos)
RIVOLI – «Sissi Jovem Imperatriz» às 21. 30 (13 anos)
FOCO – «O Abismo Negro», às 21.15 (13 anos)
BATALHA – «Os Homens da Montanha», 21.45 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Chamavam-lhe Bulldozer» 21.30 (13 anos)
S. JOÃO – «O Livro da Selva» 21.45 (6 anos)

MARQUISES
CAIXILUX
ORÇAMENTOS GRÁTIS
Escritórios e Salão de Exposição:
Rua Francisco de Holanda, 28-A
Tel. 77 76 39 – 76 06 83 – 76 22 68
1100 LISBOA

PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração, Redacção Serviços Técnicos e Publicidade RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA
Telefones 321154/5 320271/2/3
Publicidade - 368740

Agentes Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho 185 1 - 1100 LISBOA
Telefones 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro 321154
Redacção 320271/2/3
Mensagens gravadas 320229

Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO Rua do Almada, 30 2º
Telefones 20954/5 4000 PORTO

"Operação Ano Novo"

Doze mortos e 191 feridos

— menos sangue que o ano passado

Doze mortos e 191 feridos, dos quais 132 em estado grave, é o balanço provisório dos primeiros três dos cinco dias por que a «Operação Ano Novo» se prolonga. Números francamente animadores, incluindo o de acidentes: apenas 141.

Este apenas tem uma carga e um sentido próprios, pois que, 47 acidentes em média por dia, mesmo neste período festivo, são de ter em conta. Julga-se, ainda no campo das previsões, que os números deste 80/81 na passagem de ano, fiquem aquém dos de 79/80. Prevê-se também que o número de acidentes este fim-de-semana não seja substancialmente maior que o de outros, uma vez que poucas foram as empresas que fizeram ponte entre 31 de Dezembro e 5 de Janeiro.

O que salta aos olhos é que tem havido menos sangue nas estradas portuguesas na quadra do Ano Novo que durante o Natal, e menos, ainda, no primeiro caso, que em 79/80. Em parte, porque o automobilista começa a acompanhar mais receptivamente as indicações e conselhos da Brigada de Trânsito, em parte porque o tempo também tem colaborado com o exercício de condução.

Não ultrapassar os números do ano passado é o grande objectivo da BT da GNR, lembrando-se aqui que a passagem de ano em 79/80 se saldou, durante cinco dias, por 21 mortos, 293 feridos (dos quais 159 em estado grave) e 257 acidentes.

Os doze mortos até agora registados correspondem, em igual período da «Operação Natal», a 21.

Não há palas no mercado

Continuação da pág. 1

tem pelos vários tipos de material.

O facto concreto é que não existem no mercado palas de guarda-lamas em quantidades suficientes para as necessidades. Não é possível especialmente aos proprietários de carros mais antigos cumprirem de imediato esta disposição e os departamentos governamentais, que não podem ignorar a situação, nada dizem.

Tem todo o aspecto de prepotência impor aos cidadãos o cumprimento de determinações que por qualquer razão se tornem de momento inviáveis.

Com os olhos postos no Congresso

Comissão Nacional debate consenso mínimo para três meses

Às 10 e 30, Mário Soares chegou à sede do PS no Largo do Rato, onde está a decorrer a reunião da Comissão Nacional. Recusando-se a prestar declarações acusou os órgãos de informação de que «como é habitual estarem a empolar os factos». Falou mesmo de «Informação orientada».

Arons de Carvalho, do Secretariado, emitiria por sua vez a opinião de que os dirigentes socialistas vão tentar encontrar «soluções de consenso» e que «expressões como rolar cabeças são inapropriadas ao momento actual».

No próximo dia 24 haverá nova reunião da Comissão Nacional para debater o documento de estratégia política do PS até ao Congresso, cuja data será marcada hoje, e que foi elaborado por Jaime Gama e Almeida Santos (Comissão Directiva) e Vítor Constâncio e Jorge Sampaio (Secretariado).

Aliás, Mário Soares desenvolveria ontem, durante todo o dia, uma grande soma de contactos diversificados. De manhã, encontrou-se com Vítor Constâncio, Jorge Sampaio e Jaime Gama, à tarde com Almeida Santos e Salgado Zenha e ainda com António Arnaut. À noite, jantou com Teófilo Carvalho dos Santos.

Mário Soares na linha da posição que expressara na última reunião do Secretariado é de opinião que a eleição do novo Secretariado na sua versão mais provável (o acréscimo de dois novos elementos, Almeida Santos dado como certo para ocupar o lugar deixado vago por falecimento de Herculano Pires e Eduardo Pereira ou Maldonado Gonelha para o lugar vago por este em virtude da sua demissão em Outubro) pertence à Comissão Nacional. Este órgão, como se sabe, na última reunião reiterou numa percentagem que ronda os dois terços dos delegados, a sua confiança no actual Secretariado.

Ainda esta noite na sequência dos vários apoios e iniciativas que têm sido promovidas no intuito de Soares contactar com as bases e minimizar os efeitos da sua «derrota política» com a reeleição de Eanes, o secretário-geral do PS encontrar-se-á em convívio com as mulheres socialistas no Mercado do Povo. Amanhã, como noticiamos noutro local, Soares presidirá a um almoço em Algés dos autarcas socialistas em sua homenagem. Antes de começar a reunião da Comissão Nacional, um dirigente socialista da Madeira, com assento na CN Jardim Fernandes, declarava ao «DL» que a posição da Federação do Funchal não «varia muito em relação às posições assumidas no passado». «Somos solidários» – disse – «com Mário Soares, e achamos que o Secretariado cumpriu a sua missão e que deverá manter-se até ao Congresso». Para Jardim Fernandes, «não se justifica que o Secretariado seja reformulado», mas antes que as duas vagas devem ser preenchidas por indicação do secretário-geral.

De qualquer modo, para lá dos propósitos expressos de uma solução de consenso, que tornaria a reunião de hoje mais cordata que as anteriores, não se pode excluir a hipótese de dirigentes socialistas avançarem a tese de que o Secretariado Nacional necessita da confiança do seu secretário-geral. A intervenção de Mário Soares poderá ser um indicativo fundamental da forma como irá decorrer a reunião que, além da eleição do novo Secretariado e marcação da data do Congresso, debaterá também a actual situação política. E aqui haverá posições como a da Federação da Madeira manifestando-se «contra uma hipotética aproximação do PSD».

Governo embalsamado

A tradicional expressão «Ano Novo, vida nova!» representa uma profunda aspiração popular. Mas desta vez o novo ano, o ano de 1981, não nos trouxe nada de novo, nem sequer um novo Governo. Muito menos um Governo Novo.

Formalmente, o ano começou sem Governo. Mas na realidade iniciou-se com os restos de um Governo velho que, na melhor das hipóteses e para não apodrecer completamente, está a ser embalsamado. Operação demorada e melindrosa, sob os olhares raivosos, suspeitos, medrosos, desconfiados ou zangados dos que não querem confessar a derrota, aceitar a fraqueza, assumir o engano.

Embalsamado ou não, o novo ano acabará por trazer-nos um velho Governo, o que não quer dizer que tenham desaparecido as esperanças de que este «Ano Novo» não nos possa proporcionar uma «Vida Nova» ou, pelo-menos, um caminho que ali nos conduza, com segurança.

As velhas carpideiras vão perdendo o fôlego. Os saudosistas vão perdendo o pé. Os duros vão perdendo as forças. Os jogadores vão perdendo os trunfos.

Entretanto, os clarins tocam a reunir para novas batalhas. Uns reúnem forças, outros fraquezas. Uns procuram as ilusões perdidas, outros preparam-se para os novos avanços.

Estamos no Inverno. Mas, mesmo assim, o Sol aquece a terra e doura o horizonte.

Efectivamente, a vida continua.

Manuel de Azevedo

Comemorações do combate das "Barreiras" e do centenário do dr. Manuel Alegre

Passa este ano o centenário do nascimento do dr. Manuel Alegre, deputado às Constituintes da República e governador civil de Santarém, durante o Governo de Afonso Costa. Por esse motivo um grupo de democratas de Agueda projecta promover uma homenagem evocativa do combatente republicano que não só trabalhou activamente para a proclamação da República, sendo um dos organizadores dos grupos civis armados constituídos para intervirem no 5 de Outubro, onde fez parte do Batalhão de Voluntários de Agueda por ocasião da tentativa monárquica do Norte. Os democratas de Agueda pretendem associar a homenagem centenária ao dr. Manuel Alegre com a tradicional comemoração do combate das «Barreiras» (27 de Janeiro).

Táxis a 20 por cento em Lisboa

Ministério e Secretaria dos Transportes na origem de graves acontecimentos

• Taxista ferido com um tiro no aeroporto

Um taxista residente no Forte da Casa (Póvoa de Santa Iria), que com outros se concentrava esta manhã no aeroporto tentando impedir outros concorrentes de praça de fazerem serviço de transporte de passageiros, foi atingido por um tiro disparado ao que parece por um agente da PSP, que se encontrava em funções na Portela.

De acordo com informações de testemunhas oculares incialmente não confirmadas junto das autoridades, dois ou três taxistas, que paralisaram pelo facto dos futuros novos preços que a ANTRAL pretendeu pôr em vigor antes da portaria ser publicada (passo previsto para segunda-feira), procuraram impedir que um outro transportasse para S. João da Madeira um casal acabado de desembarcar e que o agente da PSP, dentro da sua competência e instruçoes nesse sentido recebidas, tentava desembaraçar.

Foi entao que o agente terá empunhado a pistola de serviço, disparando para o chao. O taxista José Manuel Leal, que tem um carro em sociedade no Bairro do Chinês, sem perder os sentidos e pedindo a um companheiro para avisar a esposa do sucedido, foi transportado num «SOS» para o Hospital de São José, com a perna esquerda ligeiramente ferida.

Entretanto, esta manhã, mais de três centenas de filiados na ANTRAL tentaram «proibir» o público da capital de ter acesso a um táxi, envolvendo-se com os trabalhadores da Autocoope da Rádio Táxis de Lisboa, que por seu turno recebiam garantias das autoridades no sentido de se manterem nos seus postos, sem nada recearem. Em questão estava o facto dos sócios da ANTRAL cobrarem ilegalmente o aumento de 26 por cento que a lei determinará a partir de segunda-feira, (igualmente a revelia da lei) da Carris, RN, CP e Transtejo o fazem desde terça-feira em todo o país.

Ocorreram acidentes de vária espécie, alguns em iminência de chegar a vias de facto (há sempre quem insista em demasia e cliente que não gosta de ser **levado)** para além de protestos e deslocações à esquadra mais próxima. Os taxistas menos impulsivos, do tipo dos que não se deixam levar pelos muitos arruaceiros que a classe tem (os chamados «malandrecos» de pacotilha), confrontados com conflitos deste tipo, acabam por cobrar ao preço legal, que e o que está em vigor. Alguns houve que para evitar mais confusões encostaram pura e simplesmente o táxi.

Mas os da Autocoope nao desistiram e, em parte com a garantia de segurança das autoridades (que esta manhã deslocaram efectivos de intervenção com esse fim para o aeroporto e outros sítios nevrálgicos da capital), têm operado na cidade. A meio da manhã, contudo, não se via um no Rossio, área tradicionalmente muito solicitada nesse sentido e hoje com poucos e potenciais clientes devido ao frio que se fazia sentir.

Lisboa com poucos táxis (embora a cidade não disponha, por razões que escapam a muitos, de tantos quantos necessitaria), no primeiro fim-de-semana do mês, não é vulgar. Mas acontecia, com muitos deles concentrados na Rotunda e não menos dezenas, sem circularem, acantonados junto à sede da Associação Nacional dos Transportes Rodoviários e Automóveis Ligeiros, onde esta manhã fizeram, em reunião de emergência, o ponto da situação. Na sede da ANTRAL (à Rua dr. António Cândido, n.º 8), dirigentes e taxistas aguardavam esta manhã instruções e esclarecimentos da Secretaria de Estado dos Transportes, que ontem informara o «DL» e, horas depois, a ANOP da «legalidade» dos novos preços que iam sendo cobrados à revelia na cidade e periferia.

Os novos preços, recorda-se, foram oficialmente anunciados nos últimos dias de Dezembro, prevendo aumentos globais dos 26 por cento. A «bandeirada» aumentaria de 12 para 14 escudos e o serviço ao quilómetro de 7 para 9$00. Isso só poderia entrar em vigor, como de resto os novos preços dos transportes públicos, quando a portaria fosse publicada em «Diário da República», o que deverá acontecer depois de amanhã ou na terça-feira.

Enquanto os motoristas interpretavam como legal a aplicação imediata das novas tabelas a partir de 1 deste mês (novo ano, vida nova para os taxistas, entendiam), ponto de vista depois reiterado pela Secretaria de Estado dos Transportes em consonância com a ANTRAL e contra, como depois se veio a verificar, as indicações e posição do Ministério dos Transportes, que à tarde saiam em defesa da lei (ainda em vigor) e da legalidade da Autocoope e da Rádios Táxis de Lisboa, que não se tinham munido com a fotocópia – como a ANTRAL – da portaria.

A confusão desde logo estabelecida com a interpretação da lei e cobrança ou não do aumento, em parte porque as empresas públicas procederam de imediato à sua aplicação sem que a portaria tivesse sido publicada, está na origem deste quadro caricato que Lisboa hoje apresentou, com poucos a circularem e cenas pouco dignificantes. Essa confusão veio a reflectir-se nas informações da própria Secretaria de Estado dos Transportes, que quanto a indicações «desalinhou» do respectivo Ministério.

Não se pode dizer contudo, que haja greve no sector, em particular por parte dos taxistas inscritos na ANTRAL. E até muito natural que, passado esta efervescência (e já amanhã) a maioria volte ao trabalho, aproveitando este período, em que há dinheiro no bolso do potencial cliente e se está a aproximar um aumento no serviço de passageiros para compensar os três de combustíveis que ocorreram sem que o preço do frete fosse actualizado, ao mesmo tempo que – e isso nos últimos quatro anos – as receitas subiam cem por cento em relação aos 350 por cento de aumento nas despesas.

De acordo com os preços que entrarão em vigor depois de amanhã, (e para isso o pessoal da Imprensa Nacional vai fazer horas extraordinárias este fim-de-semana), a «bandeirada» sobe de 12 para 14 escudos, o serviço ao quilómetro (fora dos grandes centros urbanos) de 7 para nove, e o preço mínimo por deslocação (fora das grandes cidades), presentemente ainda de 35 escudos, aumenta para 40$00. As distâncias da «bandeirada» e da fracção (esta mantendo o «roulement» de dois em dois escudos) serão encurtadas para 340 e 190 metros (agora essas distâncias sao de 360 e 240 respectivamente). Enquanto (a partir de segunda-feira) os taxímetros não forem actualizados, os automobilistas exibirao tabelas de papel. Posteriormente, e durante o período nocturno, a metragem será encurtada em alguns metros, por forma a encarecer o transporte à noite.

Operário recupera braço decepado

A reimplantação de um braço decepado por uma serra eléctrica ao operário Manuel de Carvalho de 15 anos, decorreu ontem «com êxito» no Hospital de Santo António no Porto, segundo declarou esta manhã ao «DL» o dr. António Bacelar, um dos médicos da equipa cirúrgica responsável pela operação.

Chefiou a equipa o dr. Antonello Ferrari, coadjuvado pelo dr. Alexandre Moreira e por numerosos técnicos de outros serviços daquele estabelecimento.

Jorge Luís Borges

Continuação da pág 15

tura do colete, mas não se falava disso. Sacar da arma era obrigar o outro a bater-se e sempre segundo um certo ritual. Por exemplo: «Vá buscar a sua arma, senhor, tenho todo o meu tempo, espero-o lá fora». «Espero-o lá fora», parece que nunca se batiam dentro de casa, isso era injuriar a casa.

Há ainda bairros desses em Buenos Aires?

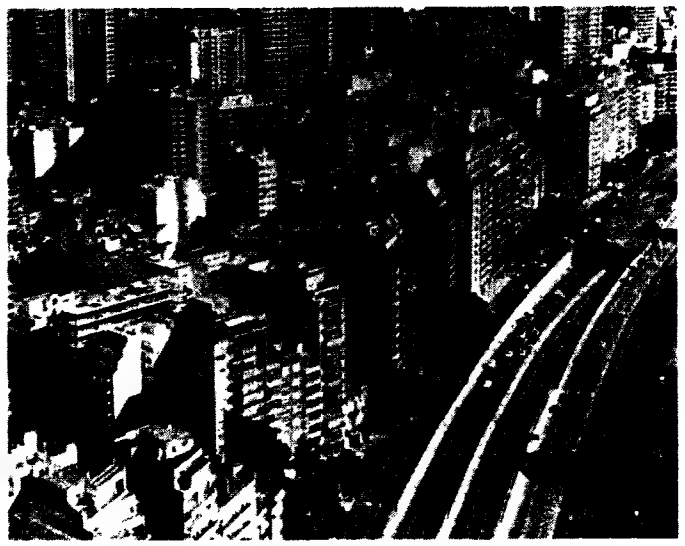
– Penso que existem de uma maneira mais «self-conscious», mais profissional em qualquer aspecto. O escritor Mujica disse um dia: «San Telmo oculta-se em San Telmo». E um bairro que sempre teve a consciência de ser diferente dos outros, estrangeiro para o resto da cidade e que possui uma arquitectura particular.

Era apelidado outrora de Belgrano «o cemitério britânico». Era um bairro habitado por ingleses; hoje, Belgrano perdeu as grandes «villas» que lhe emprestavam a sua particularidade. Nada dele resta em Buenos Aires; dele tudo se diluiu.

Creio que todo o habitante de Buenos Aires tem consciência que no essencial, a cidade é nos bairros do sul. Todo o resto é fortuito, ou acrescentado. E bem entendido, é este sul que está em vias de desaparecer. Antes, podia-se dizer que ele começava na Avenida de Maio. Agora será mais exacto dizer que começa na Rua Belgrano e daqui a pouco, os novos imóveis acabarão por recobrir tudo. Mas a imagem que se impõe é esta: uma cidade de pátios, de casas baixas. Mesmo quando já nada disso restar, para nós Buenos Aires é isso.

Certas cidades parecem resumir um país e outras, ao contrário, são a sua antítese. Pensa que Buenos Aires é uma cidade tipicamente argentina?

– Creio que em geral as outras cidades argentinas são mais ou menos fragmentos de Buenos Aires erguidas em campina rasa. Excepto Córdoba que tem a sua característica própria. Se percorrer a província de Buenos Aires, de Entre Rios ou Santa Fé, verá que as cidades são verdadeiramente trechos de Buenos Aires. De resto, elas parecem-se muito; raramente encontrará uma cidade que não tenha a sua estátua equestre de San Martin, o seu Banco da Província, a sua igreja ou o seu comissariado. Elas são todas do mesmo modelo; não creio que exista nenhuma cidade cujas ruas não tenham os nomes dos heróis nacionais.



Num poema, Alfonsina Storni comparou Buenos Aires a um homem dotado de grandes pés e de uma cabeça pequena. O poema termina assim: «Se um dia a sua cabeça se tornasse tão grande como os seus pés» Estas linhas foram escritas há cinquenta anos. Crê que essa cabeça se desenvolveu?

– Não, não creio. Creio, como Spengler, no declínio do Ocidente. Creio que o mundo inteiro está em plena decadência e que Buenos Aires não é poupada. Ao mesmo tempo, penso que existe em mim qualquer coisa de «porteño», de nativo de Buenos Aires, e que se situa acima das minhas opiniões.

Esta convicção é o resultado dum facto muito pessoal. Nestes últimos tempos, tenho viajado muito e sentido enormemente o prazer de descobrir cidades, mesmo fazendo-o com outros olhos, já que sou velho. Portanto, tenho todas as noites sonhos muito diversos, e nos meus sonhos estou sempre em Buenos Aires. Há um, por exemplo, que me acontece amiúde: sonho com um lugar de montanhas e de pântanos, e nesses pântanos há escadas e andaimes, o que é antes de mais desusado, não é? Há árvores e silvas, mas no meu sonho, sei o que é o cruzamento de Bolívar e do Chile por exemplo, ou de Arenales e de Bulnes.

São pesadelos ou sonhos agradáveis?

– Por vezes pesadelos, e outras sonhos agradáveis, mas que têm sempre por palco sítios muito precisos de Buenos Aires. Dito de outro modo, há em mim qualquer coisa de essencial que não viaja, já que se crê que o indivíduo cria os seus sonhos; e nos meus nunca saio de Buenos Aires.

Qual é, pois, a especificidade de Buenos Aires quando se compara às outras cidades?

– Creio que para uma boa parte da América do Sul, salvo talvez o México e o Brasil, Buenos Aires é um pouco o que era Paris para nós outrora, o que é talvez Nova York hoje. O presente e o passado coexistem em Buenos Aires. Dou-me conta de que para a nossa América, é uma espécie de mito. Noutros termos, há pessoas que, em Bogotá, em Quito, têm os olhos fixos numa Buenos Aires que não é talvez real: a dos tangos e do teatro de «boulevard». Nesses países, muitas pessoas me pediram: «Descreva-nos a rua Corrientes». E quando respondia: «Ao fim e ao cabo ela não tem nada verdadeiramente de particular», sentia que os decepcionava. Disseram ainda: «Fale-nos de Alabasto! (os mercados de carne)». Creio que não pus os pés mais do que três vezes neste bairro! E um Buenos Aires que existe na imaginação das pessoas, como o «lunfardo». Nunca eu próprio falei o «lunfardo».

O «lunfardo» é uma língua morta ou nunca existiu verdadeiramente?

– Vou contar-lhe uma anedota a propósito de Roberto Arlt, de que fui amigo. Os Gonzalez Tunon reprovaram-no um dia pela sua total ignorância do «lunfardo». Roberto Arlt respondeu-lhes: «Cresci na «Villa» Luro (um bairro na época bastante afastado, nos limites da cidade), entre os pobres diabos e os rapazes maus. Não tive tempo de estudar tudo isso». Em suma o «lunfardo» é pura invenção do centro.

Os maus rapazes, conheci-os, mas nunca os ouvi falar o calão dos ladrões. Os cantores de rua também não falavam o «lunfardo». Eles tinham uma língua entre eles, enfática, extravagante. Lembro-me destes versos:

«Sentai-vos com soberba / no encovado da poltrona soberana / Se assentais o vosso verbo / Estará assente o humano.

O que não quer dizer estritamente nada. Ouvi-os da boca dum cantor de «Villa» Crespo; as pessoas escutavam e diziam: «é magnífico!» Porque o importante não é o fundo, mas a forma; que sejam octossílabos que rimem com palavras prestigiosas.

Se recebesse um amigo estrangeiro, o que lhe mostraria?

– Sei o que lhe mostraria: a Biblioteca Nacional da Rua do México, que dirigi durante muitos anos.

E a única coisa que lhe parece digna de ser vista?

– Não, mas a única... Há um outro poema de Carriego, «O caminho da nossa casa». E um lindo tema, ainda que ele o não desenvolva tão bem. Carriego escreveu: «Dir-se-á que tu és qualquer coisa que não pertence senão a nós, a nós unicamente». Creio que nos todos partilhamos deste sentimento. A cidade é pública, mas em cada cidade nos temos uma pequena cidade privada, a que é nossa, ligada às nossas recordações pessoais, ao amor, à solidão, ao diálogo com os nossos amigos.

Cristina Barbin,

(*) Evaristo Carriego, poeta popular argentino, a quem Borges dedicou uma obra célebre (1930)

Diário de Lisboa

sete PONTO sete

Barato

Mais barato, claro. Quanto maior o táxi mais repartida a despesa, maior o benefício comum, mais intrigada a viagem. Como dizia Ernest, o motorista que adaptou o seu velho carro a um transporte mais público, mais virado para o interesse geral: «Com um máximo de quatro passageiros sentia-me sempre para o so. Agora, nunca mais o gosto solitário dos itinerários urbanos!» O aumento permanente do custo de vida? Nada pode, como constatam os leitores, contra a imaginação libertada dos cidadãos dotados de um mínimo de meios.

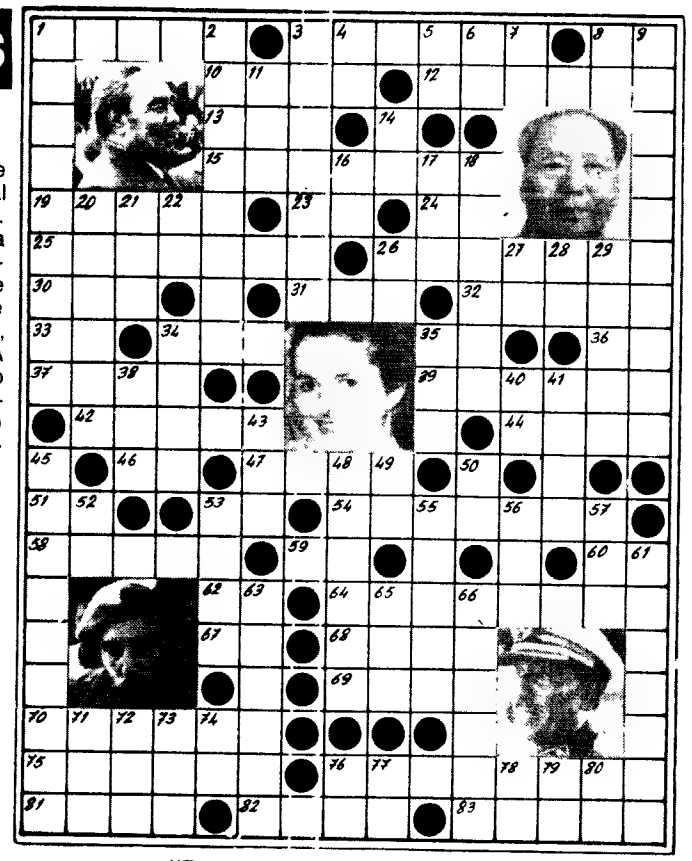
palavras cruzadas

HORIZONTAIS

1/19 – «O Egipto oferece o Canal ao Mundo», exclamou o presidente desta país ao proceder em Port-Said à terceira inauguração do Canal do Suez, após os anos de encerramento derivados à guerra de 1967. Presume-se então que metade da frota petrolífera mundial possa agora passar pelo dito canal. 3 – Regiões banhadas pelo mar. 8 – Nota musical. 10 – Faz eco. 12/26 – Este presidente soviético esteve de visita oficial à India onde apresentou a proposta de um plano de paz para o Golfo Pérsico. O plano foi bem aceite pela India e Síria, condenado pelo Egipto e rotundamente rejeitado pela parte dos EUA e NATO. 13 – Pedras de moinho. 15 – Tomar assinatura. 23 – Artigo indefinido. 24 – Pronome pessoal. 25 – Poisara no mar (o avião). 30 – Grande quantidade. 31/34/47 – Este presidente chinês já falecido continua a ser cada vez mais criticado e o «Diário do Povo», acrescentou ainda que o dito presidente cometeu nos últimos anos da sua vida graves erros, especialmente na grande revolução cultural que ele pessoalmente lançou e dirigiu, a qual trouxe ao partido e ao povo grandes infelicidades. 32 – Ignorante. 33 – Clima. 35 – Centiare. 36 – Prefixo de negação. 37 – Feiticeira. 39 – Tostado. 42 – Grande sala. 44 – Pássaros. 46 – Em partes iguais. 54 – Relativo a oásis. 58/59/70 – Este presidente e chefe do Partido Comunista Cubano lançou uma séria advertência aos Estados Unidos e especialmente ao presidente Ronald Reagan a quem o líder máximo cubano afirmou que não tem medo de ameaças e que se os EUA quiserem mandar 20 bombas atómicas ele e o seu povo preferem morrer a renderem-se. 60 – Preposição e artigo. 62 – Milímetro. 64/76 – O Governo desta senhora reconheceu oficialmente a sua enorme inquietação face à sorte de Sean McKenna, de 26 anos, um dos sete presos republicanos da Irlanda do Norte que prosseguem a sua greve de fome há 52 dias. 67 – Preposição e artigo. 68 – Palmeira da Amazónia. 69 – Agarrar. 75 – Levais à toa. 81 – Rio dos Estados Unidos. 82 – Verbal. 83 – Desejara.

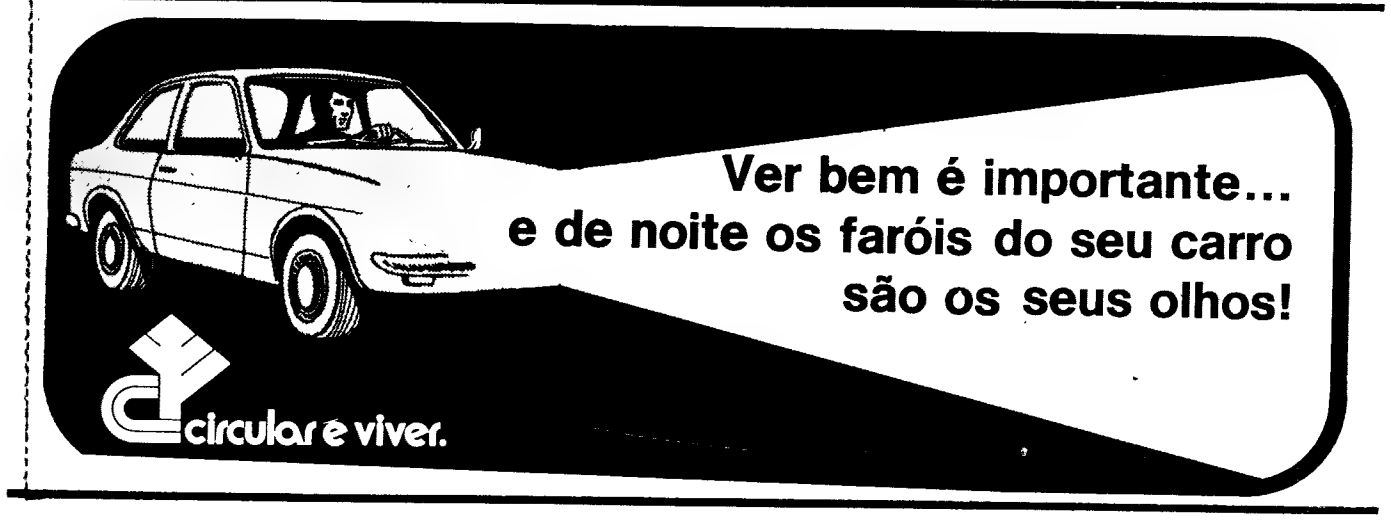
VERTICAIS

1 – Perseguiram. 2 – Acabais. 3 – Desfrutem. 4 – Rádio (s.q.). 5 – Vi. 6 – Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal (inv.) 7 – Isolado. 8 – Cinquenta e um em romano. 9 – Amávamos apixonadamente. 11 – Uma das Espórades. 14 – Prefixo de privação. 16 – Prefixo de negação. 17 – Prefixo que designa ar. 18 – Vielas. 20 – Frutos silvestres. 21 – Oferecer. 22 – Atmosfera. 26 – Boro (s.q.). 27 – Primeira das duas sílabas da palavra que no Brasil é africano de tez azeitonda. 28 – Níquel (s.q.). 29 – Defesa (fig.). 34 – Cabelos brancos. 38 – Fluído aeriforme. 40 – Apelido. 41 – Despacho. 43 – Freguesia do concelho de Alenquer. 45 – Refinaria. 48 – Nome de mulher. 49 – Gálio (s.q.) 50 – Letra grega. 52 – Zomba. 53 – Espírito. 55 – Ri sem ruído. 56 – Planta apocinácea cujo suco é empregado para envenenar as flechas dos Mandignas. 57 – Ecoe. 61 – Tolerara. 63 – Lento. 65 – Duna na Suécia. 66 – Criança. 71 – Fruto da ateira. 72 – Acrescentando uma vogal é costumava. 73 – Tanto. 74 – Medida itinerária do Japão. 76 – Basta! 77 – Hectolitro. 78 – Centímetro. 79 – Existe. 80 – Érbio (s.q.).



HORIZONTAIS 1/19 – Anuar Sadat. 3 – Praias. 8 – La. 10 – Ecoa 12/26 – LEONID BREJNEV. 13 – Mós. 15 – Assinar. 23 – Um. 24 – Eu. 25 – Amarara. 30 – Flor. 31/34/47 – MAO TSE TUNG. 32 – Leiga. 33 – Ar. 35 – Ca. 36 – Im. 37 – Maga. 39 – Assado. 42 – Salão. 44 – Aves. 46 – Aa. 54 – Oásis. 58/59/77 – FIDEL CASTRO. 60 – Ao. 62 – Mm. 64/76 – MARGARET THATCHER. 67 – Ao. 68 – Iara. 69 – Asir. 75 – Atoais. 81 – Oaio. 82 – Oral. 83 – Amara.

VERTICAIS 1 – Acossaram. 2 – Rematais. 3 – Possuam. 4 – Ra. 5 – Ca. 7 – So. 8 – Ll. 9 – Adorávamos. 11 – Cós. 14 – An. 16 – Im. 17 – Aer. 18 – Ruelas. 20 – Amoras. 21 – Dar 22 – Ar. 26 – Bo. 27 – Je. 28 – Ni. 29 – Egide. 31 – Tala. 35 – Cas. 38 – Gas. 40 – Sa. 41 – Avio. 43 – Ola. 45 – Refinação. 48 – Noémia. 49 – Ga. 50 – Pi. 52 – Ri. 53 – Alma. 55 – Sorri. 56 – Cua. 57 – Soe. 61 – Aturara. 63 – Moroso. 65 – Aas. 66 – Garota. 71 – Ata. 72 – Sol. 73 – Tao 74 – Ri. 76 – Tai! 77 – Hl. 78 – Cm. 79 – Ha. 80 – Er.



A propósito de Buenos Aires

Uma entrevista com Jorge Luís Borges

A 11 de Junho de 1580, sob o comando de Juan de Garay, vários homens e uma mulher vindos de Assunção fundam nas margens do rio de La Plata a cidade de Trinidad e Puerto de Santa Maria del Buen Ayre. Nesse mesmo lugar, quarenta anos antes, o primeiro governador geral da região, o espanhol Pedro de Mendoza, tinha estabelecido um forte, incendiado pouco depois pelos índios. Quatro séculos volvidos, Buenos Aires é a maior concentração urbana do hemisfério austral e a sexta cidade do Mundo em extensão. Os seus nove milhões de habitantes são originários de toda a Europa (com predominância de espanhóis e de italianos) e de diversos países do Oriente. Todo o habitante de uma grande cidade relaciona-se com ela nas suas experiências pessoais e constrói a sua própria vida de acordo com ela. O célebre escritor argentino Jorge Luís Borges, cuja primeira obra «Fervor de Buenos Aires» (1923) celebrava a capital argentina, fala da sua cidade a Cristina Barbin, chefe de redacção da edição espanhola das «Informations-Unesco».

Num poema intitulado «Buenos Aires», v. dedica à cidade uma declaração de amor ambígua. V. diz: «Não é a felicidade que nos liga, é o terror. Minha cidade, eis por que te amo tanto». Qual é, pois, esse terror?

– As contingências da vida, que são o nosso quinhão. Creio que todo o indivíduo tem experiências terrificantes, sobretudo se habita uma grande cidade. No início do poema que me citou, eu dizia:

Eis-te transformada num mapa, minha cidade, / Onde especto o desgosto, a vergonha, a inquietação / Sobre esta fachada caem as minhas tardes mornas. / Eis o parque onde esgoto a minha expectativa inútil.

E terminava assim:

Não é a felicidade que nos liga, é o terror / Minha cidade, eis por que te amo tanto.

Há também em Buenos Aires muitos lugares que evocam para mim a felicidade. Mas é tudo tão secreto que não se pode exprimir, a não ser de uma forma engenhosa, pela metáfora. A poesia é, na minha opinião, o melhor que escrevi sobre Buenos Aires. Comecei um outro, que é talvez bom, e que principia assim:

Nasci numa outra cidade que se chamava / Também Buenos Aires...

Buenos Aires mudou tanto... nasci no centro, na Rua Tucuman, a dois passos das casas fe Florida. O centro de Buenos Aires parecia ao que são hoje, de maneira um pouco artificial, certas ruas de São Telmo que foram conservadas. Era a arquitectura típica da cidade, como algures do velho Montevideu: casas baixas com vestíbulos de entrada, poços, pátios e os telhados em terraço.

Mais tarde v. deixou o centro para ir viver em Palermo?

– Passei em Palermo uma parte da minha infância. Este bairro encontrava-se então fora da cidade. Muita gente nunca falava dele. Porque era mal afamado. No seu poema «El Guapo», Carriego (+) emprega a palavra «Palermo»:

Palermo te admiro, tu que veneras a coragem.

Mas a palavra perdeu a força. Num outro poema, «No bairro», Carriego escreveu:

Sobre o rosto severo, o guitarrista/ tem velhas cicatrizes arroxeadas,/ No coração, um rancor tenaz e agressivo,/ A lâmina da navalha brilha nos seus olhos negros.

Com violência deixa ver, porque se exalta,/ o cinismo bestial da sua alma perversa; Palermo entende o seu lamento, quando ele canta/ do ciúme de que brotará o golpe de punhal!

Parece todavia que hoje estas duas palavras «punhalada» e Palermo já não têm afinidades.

Carriego escreveu «A alma do subúrbio». Mas de que subúrbio falava ele? Daquele onde se encontrava a sua casa, do cruzamento do coronel Diaz e de Honduras, um bairro um tanto banal talvez, mas sem ser particularmente afastado nem marginal.

Os subúrbios são afastados e os maus rapazes/ desaparecem...

Sim, certamente, mas conheci alguns deles. Sei como eles «se procuravam». Havia uma espécie de código. Estava estabelecido que um homem nunca atacava de surpresa o seu adversário. Do mesmo modo não se devia elevar a voz. Recorria-se às armas mas sem ostentação. Distinguia-se, como se dizia tão bem uma «milonga», pequena bossa debaixo do braço, na aber-

Continua na pág 16

TEATRO **Sete Ponto Sete**

Baal

Continuação da pág. 13

Baal e Ekart das suas relações amorosas. A isto farei apenas um reparo: que me parece ser Baal uma personagem fortemente heterossexual e por isso restringir as suas relações, ou valorizar um aspecto em detrimento de outros, parece-me incorrecto para uma visão multifacetada da personagem.

É provavelmente no assassínio de Ekart por Baal que as relações de ambos assumem o carácter extremo. Ao contrário do que acontece na versão conhecida, nesta encenação Baal, em vez de o estrangular, mata-o com uma navalha. Foge e é perseguido por dois oldados, enquanto as personagens do início comentam os factos. Esta sequência parece decalcada de Woyzeck e essa aproximação da obra de Buchner não é com certeza casual nem gratuita. Parece-me, ao invés, um grande achado desta leitura, pois faz a ligação de Brecht com Buchner, isto é, relaciona duas obras capitais do teatro moderno, fazendo a ponte sobre o expressionismo, do qual os dois autores se exceluram, um por razões históricas, outro por razões ideológicas.

Sobre os intérpretes

Tenho verificado, como já aqui assinalei, que acontece haver obras cujo conteúdo dramaturgico e ideológico é alterado pelo facto de as personagens terem determinados interpretes. Parece-me ter sido o caso aqui. Estou ansioso por me referir a uma cena capital deste espectaculo que é um momento de grande teatro em qualquer parte do mundo.

Baal, no plano interior da taberna, joga o seu jogo perigoso. Há ruído e música. No plano superior, sentado de costas para a cena e para o público, um actor vestido de negro. Embora aparentemente desprendido do que se passa, sente-se nele, na maneira como tem o braço virado para nós, com a beleza iluminada de um [illegible]. Baal, deixa! Vem [illegible] para as estradas [illegible] à noite o ar é [illegible] as tabernas cheias de bêbados: na água negra das ribeiras caiem as mulheres que tu encheste... Dança, música e bebedeiras! A chuva penetra-nos até aos ossos. Luzes e trevas! Mulheres e cães!» Passa pela plateia qualquer coisa que transcende o espectáculo. Ao sair, só Ekart parece arrastar o mundo com os ombros. Só um grande actor seria capaz de transmitir a energia interior, a tensão irradiante, o absoluto da vivência e da comunicação teatrais. É o caso de João Perry. (Deve-se ter em conta, no entanto, que a marcação e o ritmo da cena, o seu tempo, impecáveis, são do encenador).

A partir daí o espectáculo adquire uma outra respiração. A presença de JP equilibra as tensões criadas pelo comportamento de Baal. Basta, para isso, o confronto entre as duas personagens, pois até aí Baal funcionava como uma personagem acompanhada por um coro (onde se distinguiam alguns solos: Fernanda Lapa, Virgílio Castela, Maria Emília Correia, Catarina Avelar). No entanto, só na segunda parte as relações ao mesmo tempo íntimas e conflituais das duas personagens adquirem o seu estatuto próprio e algumas cenas, entre os dois actores, constituem um autêntico regalo.

Um dos aspectos mais polémicos do espectáculo diz respeito à interpretação de Mário Viegas. Personagem diferente das que lhe temos visto fazer, personagem de uma grande complexidade, que passa prioritariamente pela nudez da palavra torrencial, Baal pediu (e JL certamente insistiu) a MV uma grande contensão dos seus processos expressivos. O resultado parece ser um maior apagamento do actor a favor da personagem, e um depuramento maior de efeitos histriónicos (que com genialidade o actor demonstrava em «D. João VI»). Mas é por isso mesmo que este trabalho é um grande trabalho no seu conjunto, com algumas cenas verdadeiramente admiráveis (cena da laranja, cena da morte, cenas com João Perry, cena no 'cabaret'). Observa-se, por vezes, uma finalização incorrecta das falas onde desponta um tom ligeiramente declamatório, e algumas cenas não têm o fogo, a energia que exigem — esses reparos não bastam para macular a visão tão rica que o actor nos dá da personagem e que creio corresponder ao que o encenador lhe pediu.

Num registo diferente, mas em que também a limpeza de efeitos, o despojamento quase absoluto são a regra, JP dá a réplica a MV em termos de um nível a que o nosso teatro não está habituado. Só por eles este espectáculo seria um grande espectáculo, se o não fosse também por outras razões.

IC faz a Apresentadora e a Mãe sem problemas, e uma das suas canções é mesmo um dos momentos mais belos do espectáculo. De notar a solução dada por JL na cena da morte da Mãe: IC sai da abertura, já vestida como Apresentadora, empunhando a máscara da Mãe. É também um bom elemento de distanciação.

Chamo a atenção para o momento da primeira cena da taberna, depois de Baal ter obrigado Emília a beijar um trabalhador: Fernanda Lapa fica a olhar para longe alterando inteiramente o seu registo facial, com uma enorme dor interior que só os olhos reflectem. Chamo também a atenção para a perfeita movimentação de Catarina Avelar na taberneira bem como para a simplicidade eficaz com que exprime a personagem. E ainda para o trabalho interiorizado de Virgílio Castela bem como para a promessa que é a jovem interprete de Joana, Maria Emília Correia faz as duas «estações» de Sofia de acordo com essa passagem dolorosa da personagem.

Não é uniforme nem homogéneo o trabalho desta equipa com actores que têm formações diversas. No entanto, o nível geral da representação é, para uma companhia do teatro nacional, excepcional.

Sobre outros aspectos

Como em «O Círculo de Giz Caucasiano», Pedro Osório provou ser homem para esta difícil tarefa que é musicar uma peça de B.B. Há na música de «Baal» um toque «brechtiano» inconfundível, embora PO não se iniba de passar rapidamente pela música revisteira na canção «Eu Gosto é Disso» (boa a execução).

Na parte da iluminação quero referir como um momento muito bem conseguido a cena em que há a luta na taberna e Baal mata Ekart: a lâmpada do bar em movimentos largos e rápidos cria zonas de luz e de penumbra adequadas à situação (mas não será um toque expressionista?).

Sobre «Baal» de B.BN./JL

Não é esta nem a versão ideal nem a única possível da peça de B.B. É, porém, uma versão original e permitindo uma leitura rica do texto.

Versão com defeitos, com erros — onde está a dúvida? Versão rígida, pouco aberta, insuficientemente «louca»? É possível. Peço, no entanto, que me apontem quantos espectáculos superiores a este se fizeram em Portugal depois do 25 de Abril? Quantos e quais.

Carlos Porto

(1) Segui neste trabalho os seguintes textos: tradução de «Baal», da L'Arche; textos de apoio, excelentes, do programa do Trindade; e as obras sobre Brecht de Frederic Ewen, Klaus Volker, René Wintzen, Bernard Dort, John Willet, além do número da revista «Obliques» dedicado ao autor.

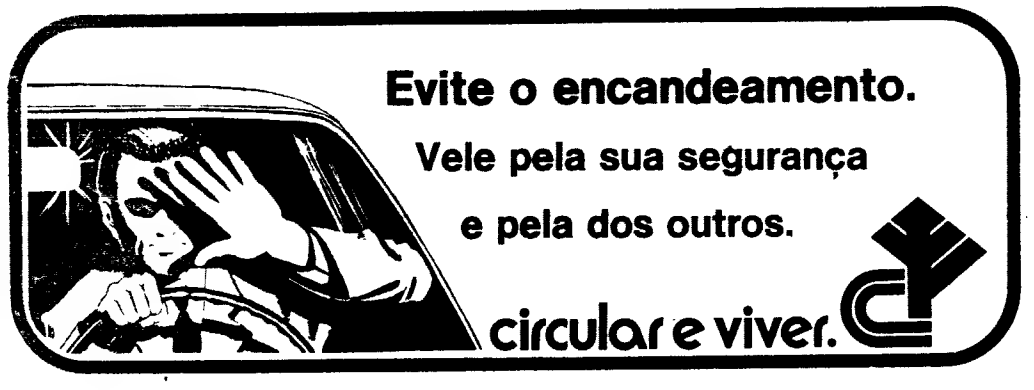
(2) F. Ewen — «Brecht, sa vie, son art, son temps».

SOBRE A MORTE DE «BAAL»

Diz-se que «Baal», um dos maiores êxitos artísticos e de público de teatro português depois de 25 de Abril, acaba em 31 de Dezembro.

Não é possível.

C.P.



CINEMA **Sete Ponto Sete**

CINE/PONTO

Krystyna Janda em **«O homem de mármore»**: da Polónia, um dos mais perturbantes filmes destes anos

Shining

de Stanley Kubrick
(GB-1980)

Obra-prima 1: O cinema de terror e, de um modo geral, as ficções de medo são o tema deste filme de Kubrick. Nicholson e Shelley Duvall são os rostos em evidência.

Cinema Terminal (11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30h).
(não acons. men. 18 anos).

Tess

de Roman Polanski
(França — GB — 1979)

Obra-prima 2: O romanesco do século XIX, filmado com raro fôlego por Polanski. Atenção a Nastassia Kinski, uma actriz a não perder de vista.

Cinema Apolo 70 (15, 18.15 e 21.30h)
(interdito a men. 13 anos)

A Sombra do Guerreiro

de Akira Kurosawa
(Japão — 1980)

Obra-prima 3: Do Japão, filho de Ford, Shakespeare e Eisenstein, um filme sobre o Poder e a morte.

Cinema Londres (15.15, 18.30 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

O Homem de Mármore

de Andrzej Wajda
(Polónia — 1976)

Obra-prima 4: Da Polónia, uma ficção vulcânica que irrompe do interior do socialismo. Nada voltará a ser como dantes, no cinema de Leste, depois deste filme de Wajda. Ninguém que se reclame, milite ou se referencie na área da esquerda, pode ficar indiferente a **O homem de mármore.**

Cinema Nimas (15.30, 18.30 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

Gloria

de John Cassavetes
(USA — 1980)

Uma mulher, cansada de tudo, começa a disparar, na solidão de uma América frenética e doente. Gena Rowlands é essa mulher. Cassavetes é o realizador deste filme invulgar.

Cinema Xenon (19 e 21.30h)
(interdito a men. 13 anos)

Benvindo Mr. Chance

de Hal Ashby
(USA — 1979)

Sellers no melhor papel de sua vida. Ashby a acertar, em cheio, um filme, depois de demasiados deslizes. O público tem acorrido, premiando com o sucesso esta obra profundamente original e inquietante.

Cinema Berna (14, 16.30, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

Ensaio de Orquestra

de Federico Fellini
(Itália-Monaco — 1979)

Uma parábola política, severa e grave. Um filme que nasce do coração do medo.

Cinema Quarteto-sala 1 (15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)
(não acons. men. 13 anos)

Diário de uma Criada de Quarto

de Luis Buñuel
(França-Itália — 1964)

Dezasseis anos depois de produzido, **Diário de Uma Criada de Quarto** mantem toda a força subversiva de um erotismo larvar e de um humor acerado. Uma estreia tardia que é de saudar.

Cinema Estúdio (15.30, 18.30 e 21.30h)
(não acons. men. 18 anos)

Recordações

de Woody Allen
(USA — 1980)

Allen, num registo sub-fellinano, e pouco mais que lamentável. A desilusão do ano.

Cinemas ABCine — sala B (15, 17, 19, 21.30 e 23.45h) e S. Jorge (15.15, 18.15 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

O Abismo Negro

de Gary Nelson
(USA — 1979)

O grau zero da imaginação, para um filme de decorador e de efeitos especiais. Mais ou menos nulo.

Cinema Eden (14, 16,30, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

Porta de Saída

de Emile Degelin
(Bélgica — Holanda — 1979)

Uma ficção sem motivos é uma ficção gratuita. E o que se passa com **Porta de saída.**

Cinema Quarteto -Sala 2 (14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24H)
(interdito a men. 13 anos)

As estrelas

Um Bater de Corações	★★★★
Shining	★★★★
Tess	★★★★
A Sombra do Guerreiro	★★★★
O Homem de Mármore	★★★★
Glória	★★★
Benvindo Mr. Chance	★★★
Ensaio de Orquestra	★★★
Diário de uma Criada de Quarto	★★★
Recordações	★
O Abismo Negro	●
Porta de Saída	●

A «chave»
★★★★ — Excepcional
★★★ — Bom
★★ — Interessante
★ — Desinteressante
● A evitar

CINEMA Sete Ponto Sete

Um rosto no écran

Sissy Spacek

A primeira imagem que tenho dela é em **Noivos sangrentos** de Terence Malick: uma adolescente insegura, um pouco doentia, companheira de um jovem em fúria, numa viagem suicidária, através da América, com rastos de sangue e instantes de paixão.

Essa fragilidade, essa quase timidez de um rosto sardento sem grande poder de atracção, havia de se ajustar plenamente a **Carrie** de Brian de Palma, o filme onde a fomos reencontrar num personagem semelhante ao da película de Malick, agora dotado de uma raiva interior, explosiva, insuspeitada.

Mas foi Altman (em **Três Mulheres**) que soube extrair dessa quase **imagem de marca**, o melhor e também o seu limite, ao fazê-la interpretar uma rapariga cuja superação da timidez irá provocar a irrupção inquietante de uma outra mulher, escondida nas profundezas dos recalcamentos.

Ao surgir, porém, em **Heart beat,** limpidamente bela e, pela primeira vez, num personagem em plena maturidade, povoando o **écran** com o **charme** das vedetas distantes, o desejo das grandes personagens românticas, a dor e a vulgaridade das mulheres da mediania mediana, a serenidade de quem viu, viveu e meditou, ao fazer tudo isto num só filme, Sissy Spacek confirma-se como uma das grandes actrizes do moderno cinema americano, uma das mais sólidas revelações dos anos 70.

Dados biofilmográficos

Sissy Spacek (de seu nome verdadeiro, Mary Elizabeth Spacek) nasceu em Quitman, no estado do Texas (USA), no dia de Natal de 1949. Por influência do actor Rip Torn, seu familiar, muda-se para New York, onde tenta uma carreira de cantora **country.**

Grava alguns discos, frequenta o Lee Strasberg Theater Institute e inicia-se, através da televisão, com a série **The Waltons.** Desde 1972 que, como actriz, divide as suas actuações entre o cinema e a televisão (onde, entre outros, trabalham no célebre **the migrants** de Tom Gries). Em 1974 foi **set dresser** («decoradora») no filme de Brian de Palma, **O fantasma do paraíso.**

PRINCIPAIS FILMES: **Prime cut** de Michael Ritchie (1972); **Ginger in the Morning** de Gordon Wiles (1973); **The Girls of Huntington House** (para a TV) de Alf Kjellin (1973); **Os Noivos Sangrentos** de Terrence Malick (1974); **The Migrants** (para a TV) de Tom Gries (1974); **A Girl Named Sooner** (para a TV) de Delbert Mann (1975); **Katherine** (para a TV) de Jeremy Paul Kagan (1975); **Carrie** de Brian de Palma (1976), com que é nomeada para o Oscar da melhor actriz; **Welcome do L.A.** de Alan Rudolph (1977); **Três mulheres** de Robert Altman (1977); **Coal Miner's Danghter** de Michael Apted; **Um bater de Corações** de John Byrum (1979).

J.L.R.

Sissy Spacek em **Os noivos sangrentos** de Terrence Malick

TEATRO Sete Ponto Sete

Baal

Continuação da pág. 11

Sobre os Manequins

Junto das cadeiras e das mesas (verdes, de esplanada) é o lugar do piano e dos restantes músicos, dois dos quais ocupam uma das frisas do palco. A outra é ocupada por uma manequim feminino, que desaparece no intervalo, o mesmo se passando em relação a um outro situado na frisa em frente. Esses manequins representam o público burguês que sai a meio do espectáculo escandalizado com o que vê (mas essa marca crítica parece já não se justificar!). JL utiliza outros manequins: um homem que representa um cliente encostado ao balcão; uma mulher que figura a personagem da mãe, que é, aliás, interpretada por uma actriz, sendo esse desdobramento de uma das personagens-chave desta encenação um dos mais interessantes achados deste trabalho.

Outros manequins são utilizados numa cena em que figuram como que uma árvore de mortos (caem da teia amarrados por uma corda), enquanto decorre o diálogo entre Baal e um vagabundo que veste uma farda velha de soldado e está encostado a um outro manequim, vestido com ele. Esta utilização de manequins lembra o teatro do encenador polaco Tadeus Kantor, o mesmo acontecendo com a personagem da Apresentadora, cuja participação no espectáculo como criado de bar e ajudando, por vezes, na acção da peça evoca a maneira como o próprio Kantor intervém nos seus espectáculos.

Sobre o espaço

A direita do palco apresenta-se vazia. É aí que decorrem as cenas de ar livre, aqueles em que supostamente Baal exprime o seu fortíssimo vínculo à natureza. A ausência absoluta de sinais desta clarifica uma das ideias básicas da leitura de JL: a recusa do teatro artistotélico. O espectáculos decorre num palco onde se elimina a imitação. Também a presença da apresentadora e das canções têm o mesmo objectivo, bem como a luz geralmente branca e uniforme. Resta saber se a personagem não ficaria enriquecida através da criação de zonas em que pudesse exprimir esse seu enraizamento à natureza, à floresta no que ela tem de excremencial.

Sobre o nazismo neste «Baal»

JL sinalizou, como já dei a entender, o surgimento e progresso do nazismo. Logo no início do espectáculo, as personagens que representam as forças dominantes (a burguesia, o exército, a Igreja) esboçam a saudação nazi. Nessa cena, Baal, que parece comer mais do que beber, o que é um erro, sobe para a mesa com a toalha como se fosse um guarda-napo, o que resulta numa boa imagem do comportamento da personagem. O nazismo surge mais claramente numa cena no **cabaret** em que Baal trabalha quando uma artista, revoltada contra a «assistência», manda tocar a «Marselhesa». Surgem então dois «camisas castanhas» que a levam bem como ao pianista ao mesmo tempo que procuram Baal que, entretanto, fugira. Esta cena não figura na versão que conheço da peça mas é descrita num texto do dramaturgo e romancista Hanns Henry Jahn, que viu a estreia de «Baal» em Berlim: ...«O tumulto desencadeou-se... As pessoas assobiavam, gritavam, urravam, aplaudiam. A actriz que se encontrava só no palco atirou-se ao piano e pôs-se a cantar: «Allons enfants de la Patrie...»»

O barulho tornou-se ensurdecedor... De súbito, fez-se silêncio. Ouviu-se apenas na galeria uma voz a dizer estas palavras: «Vocês não estão **verdadeiramente** chocados, fingem apenas...», seguidas do ruído de uma estalada violenta. Depois os aplausos atingiram o paroximos e a representação prrosseguiu» (2). Não sei se foi aqui que o encenador foi buscar a ideia da cena que, aliás, não deixa de evocar um célebre filme com Humphrey Bogart, onde também se denunciava o nazismo («Casabalanca», claro). Mas Hitler aparecera já, nessa mesma cena, prefigurado na personagem ditatorial do dono do cabaret interpretada por um anão. O sinal dos progressos do nazismo surge na cena, aliás notável, da cozinha do hospital em que uma das personagens (a do louco), é interpretada pelo mesmo actor (Paiva Raposo) que interpretará o militar da primeira cena, de quem conserva a condecoração. Há nela semelhanças evidentes com o marechal Hindenburg, que foi chefe do Exército do Kaiser, e, mais tarde, nomeou Hitler chefe da Chanceleria. Uma das personagens dessa cena (muito bem interpretada por Fernanda Lapa) tem um filho que permanece invisível num caixote. Chora como se fosse um adulto e, no final da cena, a mãe puxa-lhe um braço para fora do caixote e nele está nitidamente desenhada a negro a cruz suástica. Trata-se do mesmo anão que reaparecerá, no final, já depois de Baal ter um sonho em que vê passar como se fosse num circo (ele declara por duas vezes durante o espectáculo: «Isto é um circo!»), as personagens da sua vida. Nessa visão de Baal, as personagens do início reaparecem fazendo a saudação nazi em direcção a Hitler que é representado pelo anão que aparece junto da teia, sobre a cortina do pequeno palco. Rastejando, Baal escapa-se desse espaço, ainda agarrado à vida.

Esta insistência no levantamento dos sinais da barbárie nazi (que lembra um outro filme — «Cabaret» — em que também o nazismo surgia em rápidos **flashes** que tornavam sinistro o que nele se contava) não deixa de ser outro motivo de perturbação nesta leitura tão rica da peça de B.B. À medida que o espectáculo avança o seu **puzzle** vai-se complicando e mais difícil se torna a articulação das várias formas que o encenador utilizou. Veja-se este pormenor: o desaparecimento de figurantes na última cena de taberna significará que a matança hitleriana já começara? Ora, o texto parece não visar nem tão longe nem tão fundo como o encenador pretende: os resquícios artistotélicos que nele subsistem conciliam-se mal com as rupturas distanciadoras, próprias do teatro épico, que JL propõe; a forma «cabarética» que o espectáculo pretende assumir, para além de debilidades de interpretação nem sempre joga com o seu conteúdo, detectando-se elementos contraditórios entre um e outro. Nem sempre o que se passa no pequeno palco é «cabaret», embora por vezes o seja (caso da excelente cena no cabaret. «Núvem na Noite»). Por vezes o que se passa fora do pequeno palco é que é de cabaret. E não haverá na existência da taberna, ou bar, e do cabaret, qualquer coisa a mais?

Sobre o amor em «Baal»

É na primeira parte do espectáculo que BB e JL situam com maior força as relações de Baal com as mulheres, especialmente concentradas em várias cenas que se sucedem e que são das mais discutidas, e das mais discutíveis, do espectáculo. Refiro-me às cenas de nus. Se estas cenas não me parecem especulativas nem sempre as vi inteiramente motivadas (e não nascerá a especulação precisamente da diferença entre a necessidade estético-teatral e a mera exposição do corpo como objecto erótico?). Se o nu aparece como um sinal, a primeira cena, aliás bonita, bastaria. A repetição, embora com outras personagens, torna-se, pelo menos na sua maioria, desnecessária. Se o nu funciona como representação, como jogo, não penso que sejam, na generalidade, cenas conseguidas.

Vimos já alguns elementos que o encenador introduziu no espectáculo; personagens, canções, manequins, sinais históricos. Dois aspectos importantes há ainda a considerar, embora a níveis diversos: as relações de Baal com a mãe e com Ekat. Recordo que alguns estudiosos de BB têm levantado o problema presença da personagem da mãe sua obra na tentativa de fazer a sua leitura psicanalítica. O lastro autobiográfico do protagonista da primeira peça de BB faz com que a presença da mãe seja ainda mais significativa. Embora essa presença tenha sido introduzida pelo autor numa das versões da obra, algumas dúvidas restam por esclarecer no espectáculo. Parece-me que as cenas com a mãe são imaginárias, o que explicaria a forma como o encenador as concebeu: a mãe surge primeiramente como um manequim, portanto sem vida, que reproduz exactamente a composição da intérprete da personagem (Irene Cruz). Antes do contacto com as duas «personagens», Baal faz um gesto largo como se quisesse pôr um maquinismo em funcionamento. A forma circular do praticável giratório, que dá uma volta para que a «verdadeira» mãe fique em frente do filho, reforça essa hipótese do conjunto funcionar como uma espécie de caixa de música. Mais tarde, quando morre, a mãe está colocada numa abertura do palco, como se estivesse deitada numa cama, e por ela escorrega lentamente, permanecendo Baal com a mão dela presa às suas, até ela desaparecer por completo. Depois, Baal sai mas pára um momento junto do praticável onde sempre encontrara a mãe. Cenas imaginárias, ou evocatórias, o efeito é o mesmo: exprimem uma outra maneira de ser de Baal cujo comportamento para com a mãe é de submissão e de grande ternura. Até que ponto joga esta faceta do carácter de Baal com a proposta de B.B. para a criação de uma personagem amoral, mais próxima da natureza e da animalidade do que da vivência humana, mais plante do que gente? Ou, pelo contrário, em que medida o comportamento de B.B. em relação à mãe (imaginado ou evocado) resulta precisamente na riqueza da sua personalidade, na sua capacidade de fazer a leitura da sociedade a vários níveis? Seja como for, a importância deste espectáculo mede-se também pelas interrogações que suscita.

O outro problema é o das relações de **Baal** com **Ekart**. escrevi mais acima que o espectáculo propõe uma divisão da peça bastante clara : na primeira parte, assistimos à dança de Baal com as mulheres de (**Baal** é o deus da fertilidade mas significa também «o que possui», etc.); na segunda, restringe-se esse aspecto da personagem na medida em que as relações com Ekart substituem outras. É certo que Sofia, grávida, teima em segui-lo; é certo também que Baal não hesita em possuir a jovem enamorada de Ekart. No entanto, ele repele tão cruelmente Sofia que esta se mata, e o caso com a jovem é provocado por ciúmes. Um dos aspect[illegible] do espectáculo [illegible]

TEATRO

CINEMA

Nick Nolte e Anne Dusenberry em **Um bater de corações** de John Byrum

"Um bater de corações"

de John Byrum

Era o tempo em que não era preciso um motivo para ir pela estrada fora; apenas gasolina. Era o tempo em que, numa América em explosão económica, havia quem dissesse que a felicidade da classe média (uma casa, um grelhador, três filhos, dois automóveis...) não era tudo. Era o tempo em que uma **«viagem»** era algo de íntimo, de mim comigo, não ainda a fuga, mas sobretudo a experiência. Era o tempo em que se dizia que o tempo não nos iria apanhar.

Ou talvez não.

Heart beat vem-nos falar disso. Numa mistura dolorida de revivalismo, mágoa, alguma raiva, uma certa lucidez amarga. A história desses anos 50/60 que ele nos traz não é do mito, é a história de uma geração triturada, deglutida, defecada pelo «sistema». Contada com muita ternura e muita acidez.

John Byrum já nos espantara, em 1978, com um filme terrivelmente agressivo, secreto, sobre o próprio métier de cineasta. Num filme de estreia essa distância não é coisa comum. Nesta sua segunda película, num momento em que talvez se esperasse um relativo compromisso com as regras da indústria e as exigências do comércio, Byrum faz um trabalho, se possível, ainda mais agressivo que o anterior, mas onde o objecto da agressão já não é uma sociedade particular mas a sociedade em geral, ainda por cima «agarrada» num momento singularmente mítico da História dos Estados Unidos, os anos 50 (quando a indústria entrava em **boom** e a geração **beat** se erguia, fazendo o **pleno** dos «ideais democráticos»: o capitalismo a funcionar, a sua contestação também). O que **Heart beat** nos dá é mais do que um olhar desencantado sobre esses dias; ele dá-nos o próprio esfarelamento da revolta, as armadilhas do quotidiano, a lenta asfixia da diferença até que a diferença seja transformada numa outra maneira de ser o mesmo, primeiro pela sua promoção como objecto exótico, depois pela sua massificação como factor de escape secundário sob a sempre atenta vigilância das forças da ordem.

O filme arranca em pleno mito, cheio de gás, de ritmo, como uma cavalgada; depois, arrefece, amoiece à medida que o seu entrecho empapa; por fim, é quase ficção banal, folclórica: tudo está normalizado. Pode dizer-se que **Heart beat** se imola com o seu tema, perdendo em epidérmico fascínio (e em impacto comercial) o que ganha em surda e pesada força interior. Este filme olha de frente as coisas, mesmo que os olhos doam.

E vulgar, face a novos nomes que surgem com algum alarido, inventar, de pronto, autores e génios, gritar **obra-prima** com a veemência de quem quer convencer os outros de algo nada provável. Mas com John Birum, com dois filmes no activo, é já possível afirmá-lo, sem receio de contradita. De resto, **Heart Beat** («Traduzido» por **Um bater de corações,** que Deus nos livre!) mete no dobro a maioriá dos consagrados e revela-se como uma obra sobre a qual apetece guardar recolhido silêncio. Como um solo de saxofone, em noite de solidão. Como um poema que sussurre, sem esperança. Como um copo que se bebe, só por teimosia.

FICHA:
Título original: Heart Beat.
Realização e argumento: John Byrum (USA-1979).
Fotografia: Laszlo Kovács.
Cenários: Jack Fisk **(production designer).**
Música: Jack Nitzsche.
Montagem: Eric Jenkins.
Interpretação: Nick Nolte **(Neal Cassady),** Sissy Spacek **(Carolyn Cassady),** John Heard **(Jack Keronac),** Ray Sharkey **(Ira),** Anne Dusenberry **(Stevie),** Tony Bill **(Dick),** etc.
Distribuição em Portugal: Columbia Warner.
Cinema: Quarteto-sala 3
Classificação: Interdito a menores de 13 anos.

SOCIEDADE Sete Ponto Sete

Vai hoje a enterrar

Morreu Marshall Mc Luhan o "papa" dos mass media

Vai hoje a sepultar o professor Marshall Mc Luhan, falecido na quarta-feira de manhã em Toronto (Canadá) com 69 anos de idade.

Considerado uma autoridade mundial em teoria dos «mass media», Mc Luhan deixa uma obra que influenciou extraordinariamente a geração actual e em que avultam, pelo seu peso teórico e a sua novidade em relação à época em que foram escritas, «A Galáxia Gutemberg», em 1962, e «Guerra e Paz na Aldeia Global» em 1968.

Marshall Mc Luhan sucumbiu a uma hemorragia cerebral, quando dormia, na quarta-feira de manhã. Já anteriormente, em Setembro de 79, sofrera uma primeira e forte crise que o levara, aliás, a reformar-se ao fim de 34 anos de intenso trabalho como investigador e professor de Inglês na Universidade de Toronto.

Apesar da avançada idade em que desaparece de cena e da vastidão da sua obra escrita, Mc Luhan continua a ser uma figura enigmática considerando-o alguns como um dos mais profundos pensadores do século e outros como um erudito que se limitou a «abrir portas abertas».

A crítica visou – o igualmente, quando ele declarou que «a esquizofrenia podia ser uma consequência necessária da etapa literária». E acusou-o ainda de «deformar os espíritos poucos maduros e a sensibilidade da juventude».

Para ele, no entanto, estas críticas eram apenas o produto de uma sociedade dominada pela «escrita», pela «imprensa». Os jovens, voltados para um mundo de filmes, bandas magnéticas, música rock e computadores compreendiam a sua mensagem, dizia ele.

Herbert Marshall Mc Luhan, nascido em Edmonton (Alberta) em 21 de Julho de 1911, foi educado em Winnipeg (Manitoba) nas regiões das planícies cerealíferas canadianas. Fez estudos na Universidade de Manitoba, depois em Cambridge. Desde os primeiros anos da universidade foi conquistado pela literatura e abandonou seu projecto de se formar engenheiro.

A Galáxia Gutemberg

Professor de Literatura inglesa, Marshall Mc Luhan leccionara na Universidade de Manitoba em 1934, antes de receber o doutorado de Estudos medievais e Literatura do Renascimento, em Cambridge em 1942. Ele considerava que Harrold Innis, economista político e um dos pais de ideologia do «Governo Mundial», o tinha influenciado largamente pelos seus primeiros estudos sobre as comunicações.

Reconheceu, igualmente, a influência de Thomas Macaulay, Ezra Pound, T.S. Elliot e, sobretudo, de James Joyce. Estes autores, assim como os ensaios de G.K.

Chesterton, provocaram a sua conversão ao catolicismo na idade de 26 anos, ele que crescera no meio da religião baptista.

A sua fórmula, «o meio e a mensagem», lançada em meados dos anos 60, torna-se rapidamente um sinal de reconhecimento da geração «hippie». Ele modificou, depois, um pouco este «teorema» para fazer dele o título de uma obra: «O Meio e a Mensagem».

A sua obra trata quase exclusivamente da teoria dos «media» (meios de comunicação de massas). Ao longo dos anos, ele desenvolveu a ideia de que com o aparecimento da escrita e sobretudo da impressão, a consciência do homem tinha saltado de uma «perdepção auditiva para uma percepção ocular», da orelha para o olho («A Galáxia Gutemberg» – 1962). Pelo contrário, o aparecimento dos «meios» electrónicos (rádio, televisão e disco) considerava ele, determinava um novo tipo de consciência universal em que o mundo tendia para se tornar uma aldeia («O 'Medium' e a Mensagem», em 1967, «Guerra e Paz na Aldeia Global», em 1968, «Contra-explosão» em 1969 «A Cultura é o nosso Ofício» em 1970).

Foi acusado de simplificação política quando declara, por exemplo, que era normal que os soviéticos privilegiassem a espionagem por meio de microfones, porque eles são «audio-orientados», enquanto os Estados Unidos, mais atraídos pelo aspecto visual, empregavam, de preferência, aviões utilizando câmaras.

Durante a sua carreira ensinou na Universidade de Wisconsin (1936) e na Universidade de St. Louis (1937). Após o regresso de Cambridge, ensinou dois anos em Windsor (Ontário) antes de se estabelecer na Universidade de Toronto, a partir de 1946.

Foi lá que dirigiu, durante 17 anos, o «Centro para a Cultura e a Tecnologia», uma unidade de investigação encerrada o ano passado na sequência do que alguns chamam uma cabala contra o seu criador, um ano após a entrada na reforma.

Itália, Grã-Bretanha, Alemanha e Estados Unnidos galardoaram as suas investigações com vários títulos honorários. Recebeu o prémio «Carl-Einstein», atribuído pela crítica alemã, em 1967, assim como o prémio do Governador Geral do Canadá, em 1962 para a «Galáxia Gutemberg» e a «Ordem do Canadá», em 1970.

TEATRO Sete Ponto Sete

Baal:

Nascimento, vida, glória e morte (?) de um espectáculo português

«Baal», de Bertolt Brecht. Versão: José Fanha e João Lourenço. Dramaturgia. Vera San Payo Lemos. Encenação: João Lourenço. Cenários e Figurinos: João Vieira. Assistência coreográfica: Armando Jorge. Música e Direcção Musical: Pedro Osório. Interpretação: Amílcar Botica, António Banha, Baltasar Terlica, Baptista Fernandes, Carmen Santos, Caterina Avelar, Fernanda Lapa, Irene Cruz, João Perry, José Eduardo, José Gomes, José Santos, Juvenal Garcês, Luís Pinhão, Lúcio, Manuela Cassola, Maria Emília Correia, Margarida Rosa Rodrigues, Maria José Abreu, Mário Sargedas, Mário Viegas, Paiva Raposo, Rui Furtado, Susana Borges, Vieira de Almeida, Virgílio Castela, Waldemar de Sousa. Músicos: Carlos Bica, Manuel Fatela, Manuel Martins, Mário Lajinhas, Tomás Pimentel.

Teatro Nacional D. Maria II. Teatro da Trindade. 12-1980.

Sobre o texto

B.B. nasce em 1898. Em 1918 termina a primeira versão de «Baal». É dos livros que B.B. se inspirou directamente numa peça expressionista do dramaturgo e poeta Hanns Johst, intitulada «O Solitário». O protagonista desta peça foi inspirado pelo poeta da escola romântica Christian Crabbe (1801-1836) e a intenção primeira de B.B. consistiu em destruir, pela sátira, essa personagem e naturalmente o autor da peça. Hanns Johst, aliás, viria a passar-se para o nazismo, passagem que a sua obra já pressagiava. Podemos dizer que esta é a primeira contradição de «Baal». Escrita numa época intensamente banhada pelo movimento expressionista, ao qual B.B. não podia deixar de estar exposto, «Baal» pretendia precisamente pôr em causa esse movimento e um dos seus cultores; tratava-se de «sabotar uma má peça de sucesso que reflectia uma concepção ridícula do génio e da amoralidade» (B.B.).

A essa primeira versão, outras se seguiram: em 1920, em 1926, versão fragmentada, em 1929-30, de teor didáctico, em 1954, em que B.B. «voltou à concepção inicial da personagem» (1). Os exegetas das várias versões da peça encontram na personagem traços não só do poeta do original de Johst como de Verlaine, Villon, Wedeking, Hamsun. Isto sem esquecer o que nele há de autobiográfico. Eis outra contradição: a relação entre uma personagem que se quer desmontar e criticar (Grabbe) e personagens por quem o autor se sente atraído.

Sobre a cultura em Portugal

Este «Baal», se bem se lembram, fazia parte da programação da Companhia de Teatro Popular, instalada no São Luiz, dirigida por Amélia Rey Colaço e Carlos Avilez. Como se sabe, uma das primeiras medidas do secretário de Estado da Cultura do Governo AD, entre as muitas que lhe darão um triste lugar na história da Cultura em Portugal, consistiu em extinguir a companhia do São Luiz com o intento de a integrar na companhia do Teatro Nacional D. Maria II, integração que, na realidade, nunca foi feita. O pretexto era o da compressão de despesas mas a principal razão consistia em acabar com uma companhia estatal, pois é sabido que Sua Excelência é adepto ferrenho da iniciativa (e da propriedade) privada.

O escândalo foi de tal ordem que o SEC foi obrigado a voltar atrás, mas como, entretanto, a CML se reapossara do São Luís para realizar um programa cultural que nunca ninguém viu, aquela companhia acabou por surgir no Trindade com a encenação de João Lourenço de «BAAL».

Velho e acarinhado projecto de JL, «Baal» foi montado em condições que não terão sido as melhores mas que, provavelmente, não terão influído muito nos resultados finais.

Sobre a encenação

Um dos trunfos com que JL contava era o da colaboração de um cenógrafo do Berliner Ensemble que concordava em deslocar-se a Portugal para participar no trabalho. Isso não veio a acontecer em razão do atraso de que o espectáculo foi vítima. Podemos considerar que esta criação de «Baal» foi prejudicada por esse facto, sem pôr em dúvida a capacidade de JV em realizar correctamente a concepção cénica e plástica do encenador. Já lá vamos.

JL trabalhou, com os seus colaboradores, nas várias versões da peça. O texto português acabou por aproveitar elementos de cada versão do original e, por isso, o encenador pode dizer com razão que se trata de uma sexta versão da obra. Não tenho conhecimento de que esse trabalho tenha sido feito onde quer que seja, incluindo a RDA, facto que bastaria para dar categoria histórica a este trabalho. Outros há, porém.

Sobre a personagem

O problema que se põe desde logo é o da empatia da personagem. Baal é, deve ser, uma personagem simpática ou uma personagem repelente? Que B. B. sentiu o problema, os comentários que sobre isso escreveu não deixam margem a dúvidas. Não penso que JL tenha encontrado uma resposta satisfatória para ele por uma razão simples: essa resposta não é possível desde que se recuse transformar o texto num manual de maniqueísmo.

Baal é um poeta de taberna, uma força da natureza, como se costuma dizer, um ser amoral que transgride as leis do humanismo mais elementar em nome dos sagrados direitos do seu monstruoso egoísmo. As suas relações com as mulheres — que ele se limita a utilizar, a consumir, coisificando-as — são disso prova. A jovem que se suicida depois de ter tido relações com ele, a mulher grávida que o segue e que também se mata, Ekart seu amigo e seu amante, que ele próprio assassina, são o limite extremo dessa maneira de encarar a vida que é dele e que B.B. contrapõe à da personagem de Johst. Baal, contudo, não é só isso porque é uma personagem que exerce um grandes fascínio. Se posto em contraste com a sociedade em que vive, ele surge como o contestatário de um mundo burguês, saído da guerra e que começa a ser minado pelas raízes mais fundas do nazismo. Herói paradigmaticamente negativo. Baal é, como queria B.B., um «ser associal que vive numa sociedade associal». Mas, com o que nele há de caótico, de destruidor, de anarca, não poderá ser Baal uma explicação (uma das explicações) para o próprio nazismo? Numa sociedade traumatizada pela guerra e por todas as convulsões que a antecederam e que se lhe seguiram, em busca de paz e de estabilidade, uma personagem devoradora como é Baal, para quem só a sua própria lei conta, não podia deixar de ser um elemento de revolta e, portanto, um elemento catalizador das forças de repressão as mais violentas (claro que ele funciona aqui como símbolo).

Calcula-se, pois, a complexidade de um texto como este, e as dificuldades da sua interpretação, tanto a nível dramatúrgico como a nível cénico e de representação. Como não conheço as várias versões da obra, a não ser a que está traduzida, não me é possível distinguir o que no espectáculo pertence a B.B. do que pertence ao dramaturgista e ao encenador.

Nem me preocupo muito com isso. Interessa-me mais saber quais as respostas que a equipa dirigida por JL encontrou para as várias e difíceis questões postas pelo texto.

Sobre as variações

JL optou por uma encenação em forma narrativa. Para isso, criou uma apresentadora (Irene Cruz) que faz a ligação dos vários quadros, com a colaboração de outros elementos e geralmente por meio de canções criadas para o efeito. Nem sempre esse recurso resulta. As canções, por vezes banais, não chegam a ter a dimensão de «songs», perdendo-se, na sua maior parte, como meros elementos que servem de cortina para a mudança de cena, com o inconveniente de alongarem desnecessariamente o espectáculo.

O espaço é compósito. Numa superfície de cor cinzenta, neutra, onde há, de um lado, vários declives, JL implantou, ao centro, um pequeno palco tapado por uma cortina azul, com decorações douradas, cortina que se apresenta propositadamente suja; essa sujidade, que se prolonga nos motivos dourados das frisas de palco do teatro (aliás, a cortina joga com as cores e a decoração do interior do Trindade) é o sinal do meio em que Baal evolui. Essa procura do sinal, essa busca minuciosa da marca histórica contraste (ou contradição) com a neutralidade do cenário que é árido, artificial. Cada cena que se representa no pequeno palco tem ao fundo um painel pintado geralmente em tons fortes e de linhas de um expressionismo mitigado, o que não deixa de ser mais um elemento de perturbação de uma cena que não me parece tão correctamente concebida e realizada como seria de esperar.

À esquerda fica situada a zona da taberna (vários lugares das peregrinações de Baal), a qual ocupa três níveis, o que permite a disposição hierárquica das personagens, pelo menos na primeira cena que aí decorre: a «canalha» no primeiro nível, a pequena burguesia, com Baal, no nível médio; e, isolado, Ekart, que é o Artista. Desse mesmo lado, no palco, há ainda um pequeno balcão de madeira, com copos e garrafas, e um espelho atrás, igualmente sujo. Entre esta zona da taberna e a zona do pequeno palco existe a porta isolada daquilo que se verificará ser a retrete por onde Baal fugirá (a porta tem escrita a palavra **herren**).

Não se vê, no entanto, que este elemento justifique a importância que assume no cenário.

Continua na pág. 13

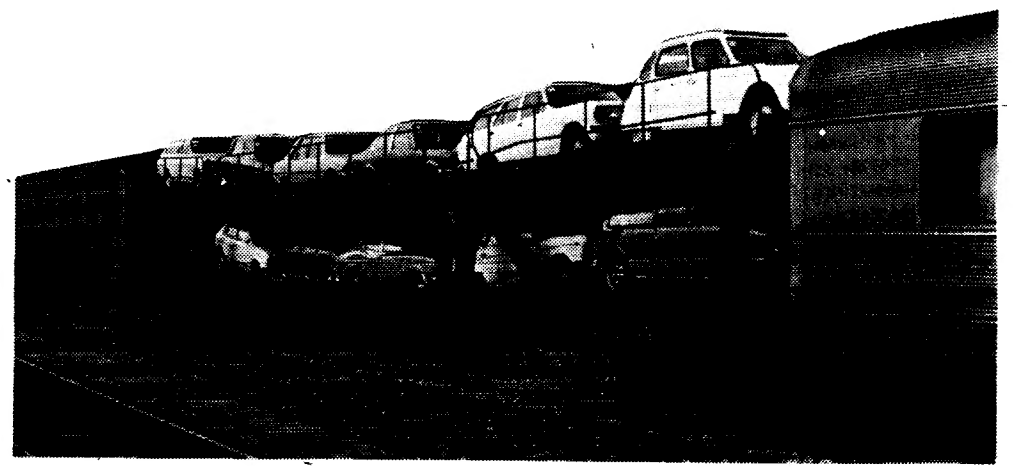
Serviço de Auto-Expresso

Lisboa / Pampilhosa — Irun (fronteira franco -espanhola)

Às sextas-feiras com partida de Portugal e aos sábados com partida de Irun, de 12 de Dezembro de 1980 a 16 de Janeiro de 1981

Assim, se vai passar as férias de Natal ao Sul de França ou se algum familiar ou amigo seu vive nesta Região e quer vir a Portugal, o Serviço de Auto-Expresso **Lisboa/Pampilhosa - Irun** (fronteira franco-espanhola) presta-lhe uma ajuda eficaz. Para informações mais detalhadas, consulte o nosso Serviço de Auto-Expresso, as Secções de Informações ou as Associações de emigrantes portugueses da sua Área

Caminhos de Ferro Portugueses



Banda Desenhada:

Corto Maltese: o prazer da aventura

«Corto Maltese? E uma das raras bandas desenhadas que ainda é possível ler!», exclamou um leitor de histórias aos quadradinhos, por ocasião do aparecimento das aventuras da célebre personagem de Hugo Pratt.
Seria possível imaginar melhor acolhimento? Basta pensar no desafio imposto por um espaço povoado de grandes heróis, onde tudo parecia já ter sido dito. A singularidade de Corto Maltese reside aí, nessa capacidade de ocupar um lugar no reino da aventura, encetando um diálogo de igual para igual com os «monstros sagrados», revelando simultaneamente um inesperado valor literário.

Um inesperado valor literário: muitos apressaram-se a ver nas narrativas de Pratt o sinal inconfundível de Emílio Salgari. Mas o autor de «A Balada do Mar Salgado» é um Salgari «às avessas», que viveu com extraordinária cordialidade humana as aventuras que narra. As histórias de Pratt desenvolvem-se no domínio da fantasia, que subitamente descobrimos destacada da própria realidade. Partem de experiências pessoais do autor – pessoais porque relacionam experiências e histórias de origens diferentes –, mas permanecem recheadas de referências colhidas em todo o lado.

O mar e a luz

A saga de Corto Maltese situa-se no pano de fundo histórico dos anos 10 e 20. A sua actualidade é evidente, porque nos propõe a visão dessa época segundo uma óptica claramente desencantada. Na perspectiva de um grande «fôlego aventureiro».

Com efeito, o marinheiro de Malta descende dos grandes clássicos da aventura, não só pela sua construção movimentada, como pela psicologia, de conjunto do protagonista. O oceano e o sentido épico das histórias do mar estão presentes desde o primeiro momento. O gosto seco e agreste pelo ar da beira mar, a violência primitiva da vida ao ar livre, as rudes e implacáveis regras do mar não poderiam ter tons mais «melvillianos» do que nas histórias de Corte Maltese. Os desenhos claros e essenciais traduzem afinal, com uma rigorosa exactidão, o que o próprio Stevenson afirmava: «este clima, estas viagens e a aparição de terras na aurora: as novas ilhas que saem das brumas matinais, a partir das novas margens arborizadas, ou através dos novos avisos de tempestades e ressacas».

Se as influências de Melvide e Stevenson são claras ao nível das ambiências, as influências de atmosfera de Josefh Conrad são ainda mais evidentes. O estudo e o aprofundamento dos caracteres são ainda de uma nítida forma conradiana: cada uma das suas personagens principais ou secundárias, a sua fisionomia precisa e quase sempre o seu perfil moral, estão em perfeita harmonia com as soluções gráficas «Um sentimento semelhante ao da piedade impeliu-me a escrever, com palavras cuidadosamente escolhidas, as recordações de coisas muito longínquas e sobre pessoas que existiram realmente», escreveu um dia Conrad. E esta a atmosfera das aventuras de Corto Maltese, onde existe o mesmo prazer pela visão romântica de um mundo que já não existe e, todavia, em harmonia com o espírito do autor.

Realismo vigoroso

A dimensão aventureira de Corto Maltese está traçada. A perspectiva de Salgari não o tornaria tão actual, como a perspectiva da inquietação evidenciada pelos autores citados. Neste contexto, o herói de Hugo Pratt, mais do que um protagonista, é um corifeu, um regente que cumpre a sua função de reunir episódios avulsos, em busca de um fio condutor que reúne e cola as pérolas separadas: preenchendo assim a função carismática de homem do destino, de «gentilhomme de fortune». Estruturando assim a personagem, Pratt expõe as suas convicções e propostas temáticas, convicto de que o que fica escrito e desenhado é a reflexão da sua prática quotidiana. E tão bem o fez, que produziu uma BD de um realismo vigoroso e aberto ao compromisso social consciente. O autor, tal como o seu herói, nunca recusa a defesa dos temas eternos da liberdade do homem e da dignidade de todos os seres vivos.

Todas estas características situam as bandas desenhadas de Hugo Pratt numa zona cultural de que as BDs anteriores estavam excluídas. Corto Maltese reflecte um universo interior comprometido num diálogo sem complexos com as outras componentes da cultura da sociedade ocidental – o cinema, a pintura e sobretudo a literatura – domínios com os quais entrou em acordo. E essa a sua grande vantagem.

Carlos Pessoa

Estórias de Portugal

Palavras leva-as o vento!... Mas levá-las-á mesmo?... E leva-as para onde? E até onde?... E que palavras?... Porque se há palavras ferramentas das ideias, enxadas dos pensamentos, buris das imagens, criadoras, recriadoras, duradouras, eternas; também as há ocas, frívolas, desmioladas, modos à moda das modas, palavras chiclets, exuberantemente mascadas, abundantemente ensalivadas, para terminarem no esconso anonimato do subtampo de qualquer mesa de café à espera que qualquer outra, mastigada e peganhenta, as vá encontrar... **Palavras leva-as o vento?...** Algumas vá que não vá: mas todas?!... No mínimo seria uma tremenda injustiça! Tão grande como esta de toparmos com os jornais cheios dos **mais** e das **mais** do ano findo — os **mais** feios, as **mais** bonitas, os **mais** estúpidos, as **mais** inteligentes, os **mais** velozes, os **mais** parados, a propósito de tudo se elegem, sabe-se lá porque método de duvidoso apuramento, os **mais** disparatados, iníquos e inócuos **mais** — sem que nenhum dos geniais júris dos tais **mais,** se tenha designado a dar uma atençãozinha às palavras, buchas das suas bocas, carcassinhas dos seus filhos, para num gesto da mais elementar justiça, de entre elas escolher as **mais** numa derradeira homenagem do ano.

Oh, sentisse eu correr-me nas veias o menor engenho para obra de tal envergadura e estaria hoje aqui, agora, dando à estória o retrato vocabular do ano findo, o dezoito por vinte e quatro da terminologia **mais** do defunto bissexto, a ampliação tecnicolorida dos modos a que se pintaram as modas, tentando surpreender nas suas relações mais íntimas as palavras **mais,** escritas e ditas, com os momentos que presumiram caracterizar de perto, de longe, de muito longe ou, no superlativo do inglês, de longe, como o caraças!... Mas não me autovislumbro o menor resquício de **competência** (aqui está umas palavrinhas do ano!) para, por maior que seja o meu **empenhamento** (outra!...), obter um **consenso** (e esta, hein?...) interpretativo do que se deitou pela bic fora. Traduzindo isto por miúdos: não sei se muito do que foi dito se disse porque era isso mesmo que se queria dizer ou, apenas, porque era moda dizer-se, era de bom tom dizê-lo mesmo que rigorosamente não quisesse dizer coisíssima nenhuma.

Olhando para trás, procurando guardar a uma certa distância das palavrinhas que mais nos impuseram as suas presenças nos transportes públicos, nas salas de espera dos consultórios médicos, à mesa dos tais cafés, ó intimidade das intimidades, na cama a piscarem-nos os olhos antes do apaga-a-luz-boa-noite-até-amanhã, forçoso é reconhecer que 1980, nesta matéria, contemplou dos mais requintados gostos aos mais bizarros paladares em sopas de letras que engordam alguns sempre causaram engulhos digestivos a muitos mais, que isso de sermos Gente de boa boca também já foi chão que deu uvas.

Modestíssimo estoriador, sem canudo nem escudo, arrisco-me, por amor à arte e dever de ofício, a apresentar-vos, neste início do ano, as palavras **Mais,** por mim seleccionadas da Imprensa em 1980, em photomatonico tipo passe, pedindo desculpa por qualquer coisinha, sempre a considerá-los, muito obrigadinhos por tudo, e fazendo votos para que este balanço, apesar de tudo, não consiga igualar em matéria de dislates alguns, que encartados especialistas de artes &sofícios, como de costume, não se furtaram de os fazer para nosso gáudio e alívio vesicular.

AUTO-SUSPENSO — Cerca dum mês chegou para fazer auto-suspenso ingressar na lista **Mais** do ano. De Novembro a meados de Dezembro bateu-se galhardamente pelo top que ocupou vários dias. E, no entanto, uma expressãozinha que vista hoje e ainda apenas a alguns dias de distância, tem um certo sabor a frustração. Os autos-suspensos significam quase sempre ou lubrificação ou recauchutagem... Ora este parece nada ter reparado: o motor continua a fazer ruídos estranhos e o andar é o mesmo, não melhorou nada, ao que parece.

PERFIL — Quantos perfis nos impingiram ao longo do ano?... E o mais curioso é que nos deram os perfis, quase sempre, depois de termos visto as caras, as carinhas e as caretas bem de frente, mesmo de chapa. Será por isso que sempre que apareceu um perfil foi olhado de lado?... De qualquer modo **perfil** está nas **MAIS/80** como estão, indubitavelmente, os **perfilados** muito especialmente quando se **perfilam no horizonte.**

MATURIDADE E CIVISMO — O portuguesinho é assim: guarda as passas para a noite de São Silvestre, o perú para o Natal e o **civismo e a maturidade** para os dias das eleições. Não admira portanto que em ano tão eleiçoeiro **estas** surjam no quadro de honra. E por falar em perú...

MODELO — O **peruano** foi dos mais citados se bem que a **italianização** tenha estado nos berros por alturas de Setembro e a **peronização** guardado a ofensiva (ou ofensa?) para a aproximação de Dezembro. E natural que estes **modelos** transitem com alguns **cenários** para o novo ano, pelo menos até que os que mais os utilizam no linguajar do dia-a-dia descubram o que é que exactamente querem dizer com isso...

ESVAZIAMENTO — Também de esvaziamentos nos encheram o 1980. Quem se admira ao ver agora tanta gente a soprar, a soprar para ver se enche de ar os vazios?...

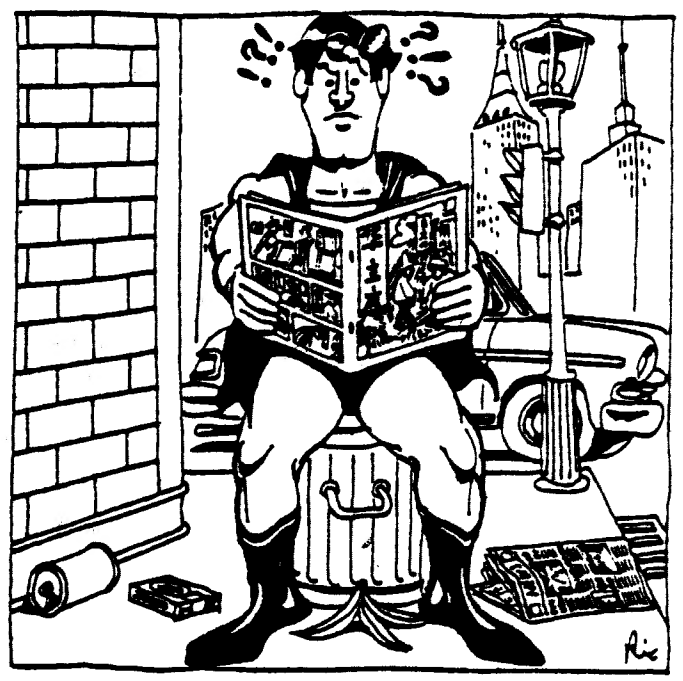
BIPOLARIZAÇÃO — Por vezes curiosamente mal grafada, **vipolarização, bipularização, bispolarização,** etc., a **bipolarização** terá sido a **MAIS** de entre as **MAIS/80.** Quantas vezes ao longo do ano, a propósito de tudo e de nada, se terá escrito esta inquietante palavrinha?... Muitas! Imensas! Aparentemente esvaziada na primeira semana de Dezembro que ninguém a pense definitivamente despejada no meio dos detritos pestilentos de qualquer licheira municipal. E estórico o aparecimento de senhores que, à falta de fôlego, enchem as câmaras de ar **à bomba.**

LÍQUIDO — Termino com a mais brilhante das minhas conclusões, sem desprimor para as restantes. Com obstinada persistência foi-nos afirmado, a propósito dos mais contraditórios temas do quotidiano nacional; **não é líquido.** Seria impossível mesmo a um jornal com cem páginas apresentar o balanço exaustivo de tudo o que no ano não foi líquido. Como em contrapartida ninguém se atreveu a afirmar fosse lá o que fosse sólido, não há dúvida: vivemos num país gasoso! Podem crer!... Vivemos num país gasoso! Foram as nossas cabeças mais pensantes que delicadamente nos transmitiram em mensagens subtis para não criarem o alvoroço e provocarem o pânico na Bolsa! Mas eu, que captei tudo, sinto-me na obrigação de vos transmitir de imediato. VIVEMOS NUM PAIS GASOSO!!! Às bolhinhas... com picos... O que parecendo que não explica muitas das palavras que maus se disseram e até porque é que algumas outras ficaram por dizer no ano passado, o 1980.

Francisco Nicholson

PARAÍSOS

Os múltiplos aspectos da banda desenhada na Ásia



Os «comic books» americanos, ou colecções de bandas desenhadas, editadas todos os meses e que milhões de leitores devoram em todo o mundo, fizeram a sua aparição no mercado livre em 1933. Um livro de estilo muito diferente, em que a história era contada através de uma ilustração muito elucidativa, havia sido publicado na China oito anos antes. Tratava-se de uma adaptação da «Viagem ao Ocidente», romance célebre que relata as aventuras de um macaco — o herói — de um porco e de um monge budista, em viagem num «comboio» de navios.

As características dos «comics» americanos — que quase sempre nada tinham de cómico — eram o vigor, por vezes trivial, e a fantasia, e exerciam sobre um público popular uma sedução diferente da que é oferecida pela literatura ou pela arte.

A história chinesa em imagens, ao contrário, revelava — e revela ainda hoje — uma apurada qualidade gráfica que tem as suas raízes profundas na arte tradicional da ilustração das narrativas lendárias ou das obras clássicas.

Além disso, desde a sua aparição, vê-se na história em imagens «uma arma de luz», considerada por outro lado um instrumento para a educação das massas num país dotado de uma língua escrita difícil.

A esse título ela é sempre próspera: os impressores do Estado fazem geralmente uma primeira tiragem de cerca de um milhão de exemplares. Com as reimpressões, a tiragem de uma única obra pode atingir dez milhões de exemplares.

Publicam-se também histórias para adultos, para além das narrativas especialmente desenhadas e escritas para uma juventude de todas as idades. Para retomar as palavras de Chan Peng, director-adjunto das Edições Artísticas do Povo, em Pequim, as obras destinadas aos jovens têm por objectivo ensiná-los «a amar o bem e a desprezar o mal». No mesmo espírito, os desenhos humorísticos publicados na Imprensa chinesa têm uma finalidade essencialmente didáctica.

Chang Peng contribuiu para a elaboração do n.º 25 da revista «Asian Culture» publicada pelo Centro Cultural Asiático para a Unesco, sediado em Tóquio. Este número, consagrado aos desenhos humorísticos e à banda desenhada, mostra a diversidade de propósitos e de estilos da banda desenhada na Asia.

No Japão, onde um vasto público se interessa pelo desenho humorístico e pela banda desenhada, um dos heróis mais populares chama-se Doraemon: trata-se de um robot de «science-fiction» que se assemelha a um gato e possui poderes sobrenaturais. E preciso citar também Tabuchi, jogador «base-ball» profissional pouco dotado, mas transbordante de energia.

Segundo um eminente especialista na matéria, o japonês, Sado Yamane, a banda desenhada japonesa é quase um hino à glória dos desejos e das aspirações da vida quotidiana e rotineira.

«A modéstia das ambições manifestada pelos heróis não é a meu ver um factor negativo. Com efeito, por mais humildes que sejam os desejos, e por mais banais as aspirações, mais eles se coadunam com o tipo de vida quotidiana dos leitores de bandas desenhadas e o universo que elas evocam; e no seio da realidade assim recriada, a banda desenhada restitui com precisão e sem falhas o microcosmos que ela fielmente criou.»

A influência da América, já perceptível no grafismo da banda desenhada japonesa, segundo ele, é mais marcante em certas bandas desenhadas coreanas muito populares, como «A história de Yim Kok-Jong (o Robim dos Bosques nacional) e «O velho Gobaoo». Graficamente, Yim Kok-Jong evoca Tarzan.

A influência americana é ainda mais notória nas Filipinas, onde as bandas desenhadas são conhecidas por «komics» e onde existem versões locais de Tarzan, Popeye e outros clássicos do género. Como nos Estados Unidos e algures, uma certa divisão do trabalho de qualquer espécie, determina claramente o que é a banda desenhada e o que é o desenho humorístico. Um dos desenhadores filipinos, dos mais dotados, Nonoy Marceló, declarou:

«Com a popularidade crescente da banda desenhada, e simultaneamente, do desenho humorístico, os dois géneros tornaram-se bem distintos. Primeiro que tudo, os desenhos humorísticos e as bandas desenhadas curtas são publicadas nos jornais e a banda desenhada «com continuação» é matéria para revistas especializadas, os «komics».

«Tanto mais que os ilustradores e os redactores de «komics» aperfeiçoaram uma arte da narração, unindo o melodramático e o fantástico, caricaturistas e criadores de bandas desenhadas curtas apuraram os seus talentos de humoristas e dedicam-se à análise e à sátira sociais de um mundo que engloba a política, os costumes contemporâneos e a religião — um universo irredutivelmente urbanizado e ocidentalizado.»

Marcelo resumiu por seu turno o dilema colocado pela americanização criando um herói muito popular, Tisoy, jovem filipino da cidade, «que recusa o retorno ao provincianismo insular dos seus irmãos, mas que não sabe aonde ir».

Num outro domínio, Marcelo realizou desenhos satírico-políticos particularmente contundentes, como um retrato reversível do «ayatollah» Khomeiny que, virado, se transforma no do presidente Carter.

Nos outros países da Asia, como o Paquistão, o Bangladesh, a India ou a Tailândia, os desenhos humorísticos políticos tendem a polarizar-se nos problemas maiores dos países em desenvolvimento. Procura-se o humor nos temas que, à primeira vista, mal se prestam a isso, como a seca e a fome, a falta de equipamentos, o mercado negro e a besta da burocracia.

Um tema frequente nesses desenhos e cuja insistência assume o carácter de um «leit-motivo»: o problema dos transportes públicos, cuja ineficácia cria situações engraçadas. Os autocarros desmantelando-se sob o peso dos passageiros é para os humoristas da Asia toda uma inesgotável fonte de inspiração.

Por Derk Kinnane, in «Informations Unesco»